

Universidade Católica de Santos
Mestrado em Educação

**EDUCAÇÃO E CULTURA DE JOVENS NO UNIVERSO DA
ESCOLA: discursos e valores dos alunos da E. E. Pastor
Alberto Augusto – São Vicente**

KÁTIA SILENE DE ARAUJO

Santos
2007

Universidade Católica de Santos

Mestrado em Educação

**EDUCAÇÃO E CULTURA DE JOVENS NO UNIVERSO DA
ESCOLA: discursos e valores dos alunos da E. E. Pastor**

Alberto Augusto – São Vicente

Kátia Silene de Araújo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Educação, da Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração - Educação e Formação

Linha de Pesquisa I – Educação e Formação Humana: aspectos éticos, políticos e Epistêmicos.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Francisca Eleodora Santos Severino.

SANTOS

2007

Dados Internacionais de Catalogação
Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos – UNISANTOS
SibiU

A688e ARAUJO, Kátia Silene de
EDUCAÇÃO E CULTURA DE JOVENS NO UNIVERSO DA ESCOLA:
discursos e valores dos alunos da E. E. Pastor Alberto Augusto – São Vicente/
Kátia
Silene de Araújo – Santos: [s.n.] 2007.
168 f. ; 30cm. (Dissertação de Mestrado – Universidade Católica de
Santos,
Programa em Educação)

I. ARAUJO, Kátia Silene de. II. EDUCAÇÃO E CULTURA DE
JOVENS NO
UNIVERSO DA ESCOLA: discursos e valores dos alunos da E. E.
Pastor
Alberto Augusto – São Vicente

CDU 37(043.3)

ESTE TRABALHO CONTOU COM O FINANCIAMENTO DO PROGRAMA:
BOLSA MESTRADO
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
LEI Nº 11.498, DE 15 DE OUTUBRO DE 2003
DECRETO Nº 48.298, DE 3 DE DEZEMBRO DE 2003
IMPLANTAÇÃO DOS PROGRAMAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA
SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO
COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS
ADMINISTRAÇÃO: COMISSÃO REGIONAL
DIRETORIA DE ENSINO DA REGIÃO DE SANTOS – SP

COMISSÃO JULGADORA

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Santos, ____/____/____

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

**Aos meus três grandes amores que irradiam a minha vida, meu marido,
Marco e nossas filhas, Ariane e Beatriz.**

AGRADECIMENTOS

A meu marido Marco, pela presença amorosa e constante.

As minhas pequeninas, por sempre me lembrarem que existe vida além do mestrado.

A todos os membros de minha família, por me apoiarem.

A minha orientadora, Francisca Eleodora Santos Severino que de forma singular me acolheu e orientou. Por sua paciência e dedicação em me apresentar ao universo acadêmico e por seus conselhos e críticas construtivas, que muito me ajudaram a crescer profissionalmente e como pessoa.

A todos os meus professores e meus alunos, pois cada um a sua maneira me preparou para este momento.

A todos os membros da E. E. Pastor Alberto Augusto, pela abertura e confiança que possibilitaram a realização da pesquisa.

A todos os moradores do bairro que por diferentes momentos me relataram episódios de suas histórias e me indicaram materiais para o enriquecimento da minha pesquisa.

A Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, por ter me concedido a bolsa de estudos de seu programa Bolsa Mestrado.

A professora Sonia Ignacio Silva por seu carinho, respeito e seriedade por minha pesquisa.

A professora Maria Leila Alves, por sua contribuição, ternura e carinho.

Aos meus amigos que demonstraram seu carinho e interesse por meu trabalho.

A todos, que estiveram e estão em minha vida fazendo de mim quem sou!

RESUMO

Este trabalho é resultado de pesquisa realizada para obtenção do grau de mestre no Programa de Pós-Graduação da UNISANTOS. Durante os anos de 2005 e 2006, realizamos a investigação empírica cujo lócus a Escola Estadual de Ensino Médio Pastor Alberto Augusto na cidade de São Vicente (SP). Esta escola é localizada na Cidade Náutica, um bairro segregado e marcado por problemas sociais característicos das periferias. O objeto deste estudo foi o universo dos jovens dessa escola, sob os diferentes olhares, ressaltando o olhar do próprio jovem sobre sua cultura e seus valores. O objetivo foi o de analisar como as relações desenvolvidas no cotidiano desta escola contemplam a cultura local e os valores dos jovens do ensino médio. O trabalho investigativo utilizou-se da metodologia etnográfica, que possibilita a utilização de diferentes instrumentos de pesquisa tais como: observação e coleta de dados, análise documental, análise iconográfica e aplicação de questionários. Numa perspectiva mais geral, as referências teóricas para este estudo tomam como base as obras de autores como Pierre Bourdieu e François Dubet. Como referência, no âmbito da educação no Brasil, a reflexão se apóia em autores que discutem a história da educação nacional na sua articulação global, assim como: Paulo Freire e Moacir Gadotti. Em articulação da temática global no contexto da localidade a referência foi Francisca Eleodora Santos Severino, que aborda os efeitos da globalização no contexto da Baixada Santista. Como resultado a pesquisa revelou que parte dos alunos, assim como parte dos professores, desenvolveram uma estratégia discursiva para fins formais, mas que entre seus grupos constituem outro discurso, totalmente refratário ao discurso oficial. No entanto, constatou-se a iniciativa de alguns professores em compreender a cultura local dos jovens e estabelecer ações que contemplem seus valores. Os jovens se mostram interessados em expor suas opiniões e denunciam, a sua maneira, as precariedades do sistema público.

Palavras-chave: Educação, Jovens, Ensino Médio, Cultura e Valores.

ABSTRACT

This work is the result of a search achieved in order to obtain the master degree in the Postgraduation Program of the UNISANTOS University. During 2005 and 2006, we put in practice an empirical investigation in the Pastor Alberto Augusto state high school in the town of São Vicente, state of São Paulo. This high school is located in Cidade Nautica , a segregated district with social problems peculiar to suburbs. The purpose of this study is the youth universe of this school, with different looking, emphasizing the young self looking on his culture e his values. The purpose is analyzing how the relationships developed daily at this high school regard the local culture and the youth values. The investigating work made use of an ethnographic methodology, which enables the utilization of different search instruments such as observation and data collection, documental analysis, iconographical analysis and questionnaires applications. In a more general perspective, the theoretical references to this study are based on authors as Pierre Bourdieu and François Dubet. As a reference, in the sphere of education in Brazil, the consideration is sustained by authors who discuss the history of the national education in its global panorama, such as Paulo Freire and Moacir Gadotti. Considering the global thesis in the local context the reference was Francisca Eleodora Santos Severino, who approaches the globalization effects in the area of Santos. As a result the search revealed that part of the students, as well as part of the teachers, develop a discourse strategy for formal ends, but among these groups they compose another discourse, totally refractory to the official one. However it was verified the activity of some teachers in order to understand the local youth culture and to establish some actions that contemplate their values. The young people show themselves interested in exposing their opinions and denouncing, in their way, the precariousness of the public system.

Key words: education, youth, high school, culture and values.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| 1. Apresentação..... | 10 |
| 2. Objeto de Pesquisa e Problemática..... | 17 |
| 3. Objetivos e Metodologia..... | 21 |
| 4. Justificativa da Relevância da Pesquisa | 25 |
| | |
| I. EDUCAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO: TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS E DE VALORES | |
| | |
| 1.1. As políticas neoliberais no contexto da educação..... | 32 |
| 1.2. A educação em um contexto compartilhado..... | 38 |
| 1.3. As relações entre: mundo globalizado e finalidades do Ensino Médio..... | 41 |
| 1.4. A política educacional na vida escolar..... | 48 |
| 1.5. Valores na educação..... | 56 |
| | |
| II. O UNIVERSO PESQUISADO | |
| | |
| 2.1. Perfil Vicentino..... | 59 |
| 2.2. Educação Vicentina..... | 69 |
| 2.3. O Bairro: aspectos sociais da realidade pesquisada..... | 73 |
| 2.4. A Escola: os sujeitos da pesquisa..... | 80 |
| | |
| III. CULTURA DOS JOVENS | |
| | |
| 3.1. Construção da Categoria Adolescente..... | 88 |
| 3.2. O jovem do Ensino Médio..... | 95 |
| 3.3. Os jovens: pelo olhar do professor e dos pais..... | 108 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 113 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 117 |
| | |
| BIBLIOGRAFIA CONSULTADA..... | 120 |
| | |
| ELETRÔNICAS..... | 123 |
| | |
| ANEXOS..... | 124 |

INTRODUÇÃO

Quando iniciei a reflexão para a construção deste projeto não me dei conta de como ele envolvia minha vida pessoal, e como a busca pelo conhecimento gera automaticamente um auto-conhecimento. Considerando ser fundamental a articulação da existência e da prática do professor com as opções de pesquisa e refletindo também no meu próprio aprendizado, procurei relatar minhas experiências, na mesma ordem em que fui descobrindo as ligações pessoais com a educação e com a proposta de pesquisa.

No decorrer da minha vida cotidiana, o Porto da cidade de Santos sempre se fez presente. Com o amadurecimento intelectual vejo que são minhas inquietações. Mesmo ao escrever esta apresentação posso ver por minha janela a região portuária com suas torres de metal e até ouvir o apito de alguns navios.

Nasci em uma família de classe média baixa, meu pai era trabalhador portuário e minha mãe dona de casa. Quando a situação financeira piorava, minha mãe (sem que meu pai soubesse) trabalhava separando grãos de café em armazéns do centro da cidade. Minha avó materna era quem administrava a casa para que meu pai não desconfiasse. Para ele, como para qualquer trabalhador portuário, o trabalho da mulher fora de casa era uma humilhação, e conseqüentemente, proibia. Infelizmente não pude compartilhar da presença dele, pois faleceu muito novo, em decorrência de uma queda em um porão de navio quando eu tinha nove dias. Cresci ouvindo minha mãe relatar que meu pai faleceu quando só faltavam alguns dias para que ele pegasse a chamada *carteira preta*, pela qual sua pensão seria melhor.

Morávamos na Zona Noroeste de Santos, nos chamados Terrenos da Marinha. Logo senti como este local era menosprezado pelo resto da cidade, visto que toda ela é dividida em zonas, mas nenhuma outra é conhecida assim. Quando falávamos onde morávamos era evidente a conotação pejorativa das pessoas em falar a palavra Zona, não só no sentido da promiscuidade, mas principalmente da marginalidade e da pobreza, pois sempre vinham em seguida comentários como: *lá é tão violento ou você não pensa em mudar de lá?* Esse sentimento de rejeição reforçava não apenas a minha exclusão, mas também marcou e ainda marca boa parte da população que mora nesta região.

Esta contradição classificatória, que estratificava nossas diferenças, ficou mais clara quando resolvi estudar o segundo grau, atual ensino médio, em uma escola Estadual na Vila Belmiro, bairro mais famoso da cidade por conta do futebol. Os colegas de classe questionavam-me por escolher uma escola longe de minha residência. Era constrangedor me sentir deslocada dentro da própria cidade, me sentia fora do meu meio social. Entretanto, foi nesta escola que vivenciei uma das experiências mais profundas de minha vida; em uma pesquisa solicitada por uma professora de português, quando estava no segundo ano. Deveríamos escolher um tema polêmico para pesquisar e apresentar em seminário. Nossa escolha recaiu sobre o tema da mulher no contexto social e sobre a necessidade dela ser atendida em uma delegacia que respeitasse suas peculiaridades. Ao entrevistar a delegada responsável, ela nos sugeriu que conhecêssemos a Casa João Paulo II, no centro da cidade, que atendia as mulheres da comunidade local. A entidade era vinculada a Igreja Catedral de Santos e coordenada por um grupo de irmãs. A maioria das mulheres atendidas eram prostitutas que recebiam diversos cursos

profissionalizantes e orientações na área da saúde. Naquele momento, todo o centro da cidade refletia de imediato as relações da vida portuária.

Mais do que compreensão sobre a realidade daquelas mulheres, que só freqüentavam regularmente os cursos devido à cesta básica distribuída, nós sentimos a necessidade de participar e contribuir para uma melhor percepção dessa realidade tão instigante e controversa. Mesmo depois que encerramos a pesquisa, decidimos participar do projeto como voluntárias e passamos a trabalhar junto às crianças que ficavam na recreação. Mais do que brincar, aprendemos a ouvir suas experiências. Discutir regras de conduta do meio social também fazia parte de nossa rotina junto daqueles pequenos. E assim permanecemos no projeto por dois anos. Depois veio a Faculdade e o trabalho formal, e acabei distanciando-me do projeto.

Na Faculdade de História conciliava o trabalho em um escritório de contabilidade com um estágio oferecido pela Prefeitura Municipal de Santos, quando fui trabalhar na Secretaria de Meio Ambiente, também no centro da cidade de Santos. Desenvolvia, com minha orientadora de estágio, uma pesquisa histórica sobre o impacto do programa de saneamento básico implantado por Saturnino de Brito, engenheiro e autor do plano de saneamento de Santos, com o assentamento, em 1905, da rede de esgoto. Posteriormente decidi fazer um curso de pós-graduação *lato sensu* sobre etnologia indígena Guarani no litoral paulista, pela Universidade Estadual Paulista - UNESP. Esta foi uma experiência incrível, assustadora de início, mas encantadora no processo. Estudar os povos indígenas e buscar a sua compreensão é um exercício de desprendimento e renúncia. As concepções de mundo são tão

diferentes das nossas que nos levam a um questionamento na forma de pensar. Por isso, o foco de minha monografia foi sobre a reciprocidade guarani.

Foi no desenvolvimento da pesquisa sobre educação indígena que alguns traços culturais em sua forma de educar começaram a chamar minha atenção. As crianças são compreendidas e tratadas de forma especial, envolvendo uma dimensão de educação com concepções diferentes de nossa sociedade. O índio tem liberdade de exploração de seu meio social, brincando, imitando os pais, ouvindo as histórias que os mais velhos contam, participando dos rituais. Enfim, sua educação é baseada na observação e é através de seu cotidiano que as crianças aprendem as regras do jogo social. A pesquisadora Manuela Carneiro da Cunha (1995) retrata o perfil da educação indígena em relação a suas crianças:

E, embora os pais sejam os responsáveis mais diretos pela criação dos filhos, o processo mais amplo de socialização, de transformar as crianças em completos membros de suas sociedades, é efetuado também pelos parentes mais próximos e até pela comunidade inteira. As crianças são, assim, completamente integradas na vida comunitária, aprendendo, desde cedo, o que pode ou não pode ser feito. (p.229)

Essas observações tornaram-se mais claras quando pude estabelecer uma relação comparativa com nossa educação infantil. Já como professora, compreendi o processo cultural como força determinante na formação da personalidade do indivíduo. Comecei a me preocupar com a diversidade cultural na escola e em particular em sala de aula.

Ao mesmo tempo em que cursava a pós-graduação *lato sensu* decidi abrir um núcleo de recreação infantil, uma pré-escola de zero a seis anos, na qual me mantive por quase três anos. Neste período pude exercitar a observação das diferenças educacionais entre a nossa sociedade e a indígena.

A integração entre a criança e todo meio social, que é ressaltada na cultura indígena, não se assemelha com a estrutura de nossa educação, que é constituída por estágios e papéis diferenciados. A família e suas tradições são o primeiro agente formador do indivíduo, e apesar de suas relações com o meio social, o sujeito é inicialmente direcionado de acordo com os valores sustentados pelo seu meio familiar. Sacristán nos demonstra claramente esta dimensão afirmando que: "A educação dos pais condicionará a que eles escolherão propiciar a seus filhos". (SACRISTÁN, 2001, p. 35). Frente a essas observações, constatei que a escolarização deveria estabelecer uma interação real com seu meio social. As relações construídas dentro do processo de escolarização parecem ser consideradas, por nossa sociedade, como um complemento independente do processo de educação familiar e do contexto da cidade.

De saída o que podemos observar, é que a escolarização é compreendida, muitas vezes, como um *suporte* no dia-a-dia, um local adequado fisicamente para acomodar as crianças, podendo substituir um serviço que era feito anteriormente pelas babás ou pelas mulheres, antes de saírem para o mercado de trabalho. O papel de formação intelectual, de produção de conhecimento ou até mesmo de construção motora fica em segundo plano. Mesmo considerando as inovações pedagógicas, a situação em algumas localidades de periferia permanece a mesma.

Apesar da experiência na educação infantil, foi como professora do ensino fundamental e médio na rede particular e pública que comecei a sentir a necessidade de buscar instrumentos que levassem a uma aprendizagem mais

significativa. Neste momento, pude perceber a multiplicidade de problemas presentes na educação formal.

No princípio de minha carreira como educadora, tracei um padrão pré-determinado de atuação, que ia desde a postura até o conteúdo a ser desenvolvido, baseando-me em exemplos de profissionais que percorreram minha vida, e acreditando no preparo acadêmico durante a faculdade. Acreditei que minhas convicções seriam facilmente desenvolvidas; pois o referencial que construí como característico do aluno, era o do sistema ao qual eu tinha pertencido nos meus tempos de estudante. Contudo, na prática, em sala de aula todas estas certezas simplesmente se quebraram.

Estava trabalhando em uma escola do Morro da Nova Cintra, dentre as outras escolas do morro, esta era considerada a mais bem localizada, já que fica próxima a Lagoa da Saudade, local turístico da cidade de Santos. No entanto, acabei por descobrir o grau de violência que envolvia o ambiente. A escola abrigava jovens da comunidade local e grande parte deles pertencia a alguma gangue da localidade, o que na prática gerava um poder paralelo dentro da escola. Era evidente o poder de mando de determinados alunos sobre os demais e até mesmo sobre os professores e funcionários da unidade. Já no primeiro mês de aula estava participando de uma passeata, solicitando policiamento fixo dentro da escola, devido à gravidade dos conflitos. Uma semana antes, a escola havia sido invadida por uma gangue com cachorros e armas para *acertarem as contas* com determinados alunos. A tragédia só não foi maior, porque os alunos perseguidos fugiram pela quadra. Lembro-me de um professor que sempre tinha em seu bolso um terço, e constantemente estava com a mão no bolso rezando mentalmente. Contou-me em segredo,

pois tinha receio de demonstrar seu estado de medo. Dentre as várias experiências que vivenciei como professora do Estado, esta permanece latente em minha memória por sua dramaticidade. O choque desta experiência promoveu em mim um despertar e um novo olhar para a educação. Em meio a tantas incertezas algo começou a chamar minha atenção, o *status* que envolvia esses jovens líderes de gangue. Eles não eram simplesmente respeitados, eram também admirados por muitos. Mesmo à margem, eram detentores de poder. Poder que em muitas situações ultrapassava o próprio poder da escola, como instituição. Frente a este quadro, percebi a fragilidade do sistema e o quanto este poder marginal é sedutor para as gerações mais jovens. Principalmente para aqueles sem perspectivas familiares de futuro, uma vez que, o porto fonte de emprego para os mais velhos, parecia fadado ao desaparecimento.

No ano seguinte, assumi através de concurso público dois cargos como professora, um no Governo do Estado de São Paulo e outro na Prefeitura Municipal de São Vicente. Em minhas escolhas de unidade optei por escolas situadas em bairros considerados de periferia. Acreditava e ainda acredito que por minha origem e por minhas inquietações precisava contribuir de alguma maneira para a educação de jovens residentes em bairros que podem produzir sentimentos de isolamento e auto exclusão.

Apesar de não ter uma noção clara de meus propósitos ao ingressar como professora efetiva, foi no cotidiano que descobri novas possibilidades de educar. Percebi que só o conhecimento técnico-teórico adquirido no universo acadêmico não era suficiente para desenvolver um processo educativo.

Precisava estabelecer um *vínculo cultural* com os jovens, conhecer seu universo e seus valores.

Interagindo com os jovens fui amadurecendo esta percepção e buscando compreender seu universo. Ingressei no Programa de Mestrado da Universidade Católica de Santos visando não só aprofundar meus conhecimentos, mas, sobretudo, buscando poder pesquisar uma escola no contexto de seus jovens e de sua comunidade, na intenção de compreender o que acontece em uma instituição na relação de seus sujeitos e de sua produção cultural.

Objeto de pesquisa e problemática

Durante os estudos no Programa de Mestrado em Educação tinha em mente investigar o universo dos jovens em seu ambiente escolar, no entanto, não estava claro em minhas reflexões sobre que aspecto pautaria a pesquisa. Optei por construir uma proposta de pesquisa envolvendo as práticas pedagógicas através de projetos didáticos, na perspectiva do educando. Com a pesquisa empírica observei que em boa parte dos projetos de pesquisas, o foco da investigação estava na análise do universo do professor, sendo ele o sujeito direcionador do estudo. Esta percepção se confirmou ao pesquisar dissertações e teses desenvolvidas nos últimos anos na área da educação.

Foram consultados quatro bancos de pesquisa: UNICAMP, USP, PUC e UNISANTOS. Em todos os bancos, cerca de 80% das pesquisas defendidas na área da educação abordavam a visão do educador ou as relações do ensino-aprendizagem em diferentes disciplinas. Poucas envolviam a visão do jovem do ensino médio sobre o universo escolar.

Influenciada por estas observações e preocupada em analisar o universo dos jovens do ensino médio, apresentei um projeto em que propunha estudar como a educação escolarizada trabalha com a cultura e os valores dos jovens.

O objeto deste estudo é o universo dos jovens da Escola Estadual Pastor Alberto Augusto por oferecer o nível médio de ensino e por atender uma população atingida pelos problemas sociais característicos das escolas de periferia. A escolha por desenvolver uma pesquisa tendo como eixo a cultura e os valores dos jovens, encontrou justificativa teórica na bibliografia e nos trabalhos de duas disciplinas cursadas durante o programa de mestrado. A primeira foi a disciplina Educação, Cultura e Sociedade, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Francisca Eleodora Santos Severino que abordou o momento histórico nacional e o contexto social a partir da produção científica da Modernidade. Esta disciplina suscitou reflexões sobre a relação dos indivíduos com o meio social e neste prisma esclarece-se como as transformações culturais são influenciadas pelas imposições da globalização e pelo mercado neoliberal e, sobretudo o impacto deste processo na educação escolarizada. A segunda disciplina foi Ética e Educação proferida Prof^a. Dr^a. Sonia Aparecida Ignacio Silva, a partir de um referencial teórico que discute o conceito de ética em suas diferentes acepções, a moral e os valores, assim como, a importância do reconhecimento cultural de cada localidade.

Outro fator determinante para este estudo foi a participação no Grupo de Pesquisa: Educação e Cultura Portuária na Cidade de Santos, sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Francisca Eleodora Santos Severino na Universidade Católica de Santos. A compreensão do contexto histórico-social de onde emergiu a Modernidade nos permitiu um acompanhamento da

formação cultural que envolve a sociedade atual, decodificando como o indivíduo se situa frente à globalização, fenômeno que produz muito mais do que uma relação econômica entre as nações; ela cria uma camuflada homogenia. Na verdade reproduz as desigualdades que se manifestam de diferentes formas de acordo com as especificidades de cada país. A evidente problemática educacional é um dos reflexos das dificuldades geradas pelo mundo capitalista e por suas falsas igualdades.

Dessa forma, minha experiência como educadora e o aprofundamento teórico adquirido no processo de estudo e reflexão reforçaram minha opção em desenvolver um estudo envolvendo valores culturais no contexto de um grupo de sujeitos sociais, no caso, os jovens do ensino médio. O problema pautou-se na questão: como a educação escolarizada em seu cotidiano, contempla a cultura local e os valores dos alunos do ensino médio? Avento a hipótese de que os jovens residentes nos bairros segregados apresentam, como um dos fatores de desmotivação pelo estudo, a interiorização de valores gestados na *contra ordem social*, por se sentirem excluídos socialmente, por não se verem contemplados pelos valores existenciais balizadores de sua formação. Para estes jovens a escola assume um papel de maior destaque, pois acaba por contemplar o universo da comunidade, quando em muitas vezes se torna extensão do lazer ou ponto de articulações políticas e religiosas.

Analisar até que ponto os valores estão integrados no cotidiano da unidade Pastor Alberto Augusto é uma das possíveis abordagens sobre a temática dos valores dos jovens, deixando-se aberta a possibilidade para outras visões. Foram elaborados neste estudo três capítulos:

No primeiro capítulo, busco demonstrar como a educação não pode ser dissociada do processo histórico e da produção cultural de uma comunidade, explicitando neste contexto o neoliberalismo, suas relações produtivas, sociais, culturais e sua repercussão na educação local.

No segundo capítulo, apresento as condições históricas da cidade de São Vicente refletindo sobre as condições de vida dos habitantes, do bairro da Cidade Náutica e do Conjunto Habitacional Tancredo Neves, onde está situada a escola pesquisada. Destaco alguns aspectos estruturais da E. E. Pastor Alberto Augusto, detectando as condições históricas que influenciaram na constituição dos locais abordados.

No terceiro e último capítulo analiso o universo do jovem do ensino médio mediante os dados obtidos com a pesquisa de campo e à luz das referências teóricas adotadas. Dou especial destaque às fotos realizadas pelos alunos bem como ao registro escrito do que pensam sobre si e sobre a escola. Destaca-se também, o olhar dos professores e dos pais sobre esses jovens.

Por fim, nas considerações finais, é elaborada uma síntese dos principais resultados encontrados nas análises, acerca dos sujeitos que convivem e constroem essa escola. Busco compreender o universo do jovem do ensino médio pelo seu olhar demonstrando que parte dos alunos, assim como parte dos professores, desenvolvem uma estratégia discursiva para fins formais, mas que entre seus grupos constituem outro discurso, totalmente refratário ao discurso oficial. No entanto, constatou-se a iniciativa de alguns professores em compreender a cultura local dos jovens e estabelecer ações que contemplem seus valores. Os jovens se mostram interessados em expor

suas opiniões e denunciam, à sua maneira, as precariedades do sistema público.

Objetivos e Metodologia

O primeiro objetivo desta pesquisa foi o de analisar como as relações desenvolvidas no cotidiano da Escola Estadual Pastor Alberto Augusto contemplavam a cultura local e os valores dos jovens do ensino médio.

Senão vejamos:

A criança que não encontra sentido na escola, não pode aprender. Há uma diferença extremamente importante entre aquelas crianças para quem a verdadeira vida está fora da escola, e aquelas que tiveram acesso a outro universo na escola, um universo que produz sentido, dá prazer, e que é para elas a verdadeira vida, em relação ao saber. (CHARLOT, 1996, p. 12)

Nesta busca se fez necessário percorrer alguns caminhos, destacando as peculiaridades da formação histórico-social da escola Pastor Alberto Augusto, assim como, do conjunto Habitacional Tancredo Neves. Busca-se investigar em um segundo momento, no universo escolar, o reconhecimento da cultura e dos valores dos jovens, com a finalidade de retratar o seu perfil e de também, compreender a relação de reconhecimento entre os alunos e os outros sujeitos do ambiente escolar.

Para desenvolvimento deste estudo escolhi o método da pesquisa qualitativa, utilizando-me de diferentes recursos durante a investigação, tais como: análise bibliográfica, análise iconográfica, análise documental, observação e entrevistas. Seguindo as considerações de Bogdan, (1994) entendo que uma pesquisa qualitativa contempla não só diferentes fontes, mas estabelece como fundamental a pesquisa empírica:

Os investigadores qualitativos freqüentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as acções podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem. Quando os dados em causa são produzidos por sujeitos, como no caso de registos oficiais, os investigadores querem saber como e em que circunstâncias é que eles foram elaborados. Quais as circunstâncias históricas e movimentos de que fazem parte? Para o investigador qualitativo divorciar o acto, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado. (p. 48)

Soma-se a essa escolha a pesquisa etnográfica, que trabalha com a descrição cultural, observando os modos de vida das pessoas, os valores, os hábitos, crenças e comportamentos de um grupo. Segundo Marli André (1995), o estudo de caso de tipo etnográfico se mostra extremamente eficiente para a análise de um caso particular levando em consideração seu contexto e complexidade. Ele não pode ser generalizado de forma simplista para outras realidades, no entanto, pode contribuir de forma significativa para outros estudos. Para Cássia Ferri (2001), a etnografia utilizada nas pesquisas em educação contribui para desvelar os encontros e desencontros que permeiam o universo da escola, descrevendo as acções e representações dos sujeitos e os significados criados e recriados através da convivência e da prática pedagógica. Entendendo que a multiplicidade e diversidade destes instrumentos é que poderiam colaborar para uma análise mais profunda da realidade. Certamente que para levarmos a bom termo nossos propósitos de estudo, a observação e reconhecimento da diversidade cultural e de valores que circulam no âmbito escolar foram premissa básica. Esse reconhecimento permitiu estabelecer bases para compreender os conflitos entre os educandos e os outros sujeitos.

Durante dez meses (entre 2005 e 2006) estive semanalmente na escola, observando e registrando diferentes aspectos do cotidiano escolar. Essas visitas aconteciam somente no período da manhã, horário em que a escola atende aos alunos do ensino médio regular. Nesse momento, foram essenciais os registros realizados no diário de campo, possibilitando-me não apenas a coleta de informações, mas também repensar estratégias e técnicas de investigação.

Através de observações, optei por iniciar um trabalho de registro oral levantando os dados históricos sobre a formação do Conjunto Habitacional Tancredo Neves e sobre a fundação da escola Pastor Alberto Augusto. Traçar o contexto histórico me permitiu compreender parte da formação da cultura local.

Para esse primeiro levantamento, a direção da escola indicou pais de alunos e funcionários da unidade que residiam no Conjunto desde sua formação, tendo acompanhado todo processo de requisição, construção e inauguração da escola. Esses depoimentos foram essenciais para registrar a história do local, visto que, no decorrer da pesquisa, não foi encontrado material escrito que fornecesse dados para compreender todo o contexto relatado pelos personagens locais. Ainda no âmbito da observação, pude acompanhar algumas reuniões de Htpcs (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo) e registrar no diário de campo diferentes falas acerca dos estudantes atendidos na unidade escolar. Além disso, observei alguns recreios e diferentes aulas, a fim de compreender os jovens em seu universo. Foram aplicados os questionários a cinco professores que atuam no ensino médio da E. E. Pastor Alberto Augusto. A aplicação dos questionários buscou identificar o olhar dos

docentes sobre os jovens, permitindo posteriormente cruzar as informações escritas com as coletadas através da observação.

Para iniciar uma aproximação com os estudantes e penetrar em seu universo, foi-lhes solicitado uma atividade fotográfica. Um grupo de nove estudantes do ensino médio foi formado com três representantes de cada série (1º, 2º e 3º ano). Os integrantes foram selecionados de acordo com a observação inicial, buscando agrupar diferentes características, desde os considerados como *rebeldes* até os mais *pacatos*. Além de proporcionar uma aproximação maior com os jovens e colocá-los diretamente a par dos objetivos da pesquisa, essa atividade permitiu demonstrar a escola sob o olhar dos alunos, sendo um modo de expressar sua opinião.

Foi realizada uma reunião com os alunos selecionados para explicar o trabalho, o objetivo da pesquisa e também para solicitar a sua participação na realização da mesma. No mesmo dia os alunos iniciaram a sessão de fotos. Levei uma câmara digital e dei algumas explicações de como usá-la. Ficou combinado que cada estudante poderia realizar no máximo três fotos, registrando pontos positivos ou negativos da instituição escolar, sendo o critério de escolha exclusivo de cada aluno. Quando terminou a atividade, era evidente a motivação do grupo, e todos manifestaram que gostariam de ver as fotos (um deles sugeriu que se montasse um painel para exposição).

O entusiasmo que essa atividade gerou pode ser compreendido de duas maneiras: como resultado de uma quebra na rotina escolar e no simples prazer em fotografar, e também, o que para nós foi mais importante, é que estes jovens descobriram nesta atividade a possibilidade de representar através das fotos sua opinião sobre a escola.

Na seqüência das fotos foi realizada outra reunião com os alunos que participaram da atividade. Percebi, através de seus depoimentos, que esta atividade foi importante para eles. Confirmou-se que os registros fotográficos não foram escolhas aleatórias, não foram sem sentido, de fato, são registros de opiniões críticas do olhar desses jovens sobre a educação.

Para completar a análise se impôs a necessidade de coletar a opinião dos pais ou responsáveis acerca dos jovens e da escola. Foram selecionados sete pais para responderem o questionário, mas apenas dois responderam. A escolha dos responsáveis partiu de indicações feitas pelos próprios alunos que participaram da atividade com fotos.

Aceitando sugestões da banca, decidi centralizar a análise a partir da atividade de fotos realizada pelos alunos, restringindo a utilização dos questionários aplicados aos professores e responsáveis.

A abertura que encontrei nesta escola para a realização desta pesquisa foi fundamental. A direção, os professores, os funcionários e os alunos estiveram sempre dispostos a participar no que lhes era solicitado. Os pais que participaram das entrevistas também se mostraram interessados em contribuir e em nenhum momento me senti constrangida em buscar compreender o universo dos jovens, pelo contrário, fui acolhida e assessorada no que foi preciso.

Justificativa da Relevância da Pesquisa

Numa perspectiva mais geral, as referências teóricas para este estudo tomam como base as obras de autores como Pierre Bourdieu (1998, 1999 e 2001) e François Dubet (2003). Bourdieu procurava uma sociologia voltada

para a prática, por isso sua obra se faz tão importante no presente e contribuiu de forma significativa para esta pesquisa.

Pierre Bourdieu observa que o imperialismo cultural tem por base o poder de universalizar uma visão particular de mundo, tornando-a verdade universal, o que gera uma perda nas análises das particularidades sociais, históricas e culturais, próprias de um universo singular. Nessa perspectiva, Bourdieu ressalta a influência dos meios de comunicação na formação social e estabelece uma visão bastante crítica quanto a essa influência. Além disso, destaca na disputa e no domínio a questão simbólica aplicada ao poder e a outras formas de organização e manifestação social.

O mundo é o que é, com os efeitos imediatamente visíveis do funcionamento da grande utopia neoliberal: não só a miséria e o sofrimento de uma fração cada vez maior das sociedades mais avançadas economicamente, o agravamento extraordinário das diferenças entre as rendas, o desaparecimento progressivo dos universos autônomos de produção cultural, cinema, edição etc., e portanto, a longo prazo, dos próprios produtos culturais, em virtude da intrusão crescente das considerações comerciais, mas também e sobretudo pela destruição de todas as instâncias coletivas capazes de resistir aos efeitos da máquina infernal, entre as quais o Estado está em primeiro lugar, depositário de todos os valores universais associados à idéia de público, e a imposição, por toda a parte, nas altas esferas da economia e do Estado. (BOURDIEU, 1998, p.145).

Renato Ortiz (2002) ao analisar a contribuição de Bourdieu, ressalta que seu trabalho permite um agrupamento que fundamenta diferentes concepções de apreensão do mundo e, aqui, reaparece seu diálogo com a educação, sua velha preocupação com a formação institucionalizada. Merece destaque sua análise sobre as carências sociais que por estarem no âmbito da produção estrutural relativizam as dificuldades e sofrimentos de cada pessoa, família ou grupo social. O ambiente social é responsável pela perpetuação de certos conflitos, ao reproduzirem estereótipos, condições sociais e condicionamentos.

Além disso, Bourdieu relaciona os comportamentos responsáveis por esse estado de coisas, inclusive a participação da imprensa que, ao investigar qualquer assunto entre as populações da periferia, tende a se aproximar mais da pesquisa policial que de ciências sociais, apegando-se a fatos especulares e desprezando, como desinteressantes, a vida normal e cotidiana dessas populações, contribuindo para sua estigmatização.

Complementando a compreensão sobre a questão da desigualdade, Dubet, diferentemente de Bourdieu, analisa a influência do capitalismo nas transformações histórico-sociais e de que maneira esse processo acentua a múltiplas desigualdades. Analisando do ponto de vista da educação, encontramos em sua obra, justificativas consistentes para compreender a violência crescente nas escolas. Senão vejamos:

Enquanto se pensou durante muito tempo que uma oferta igual estava em condições de produzir a igualdade, percebemos que, não só ela não é realmente igual, mas que sua própria igualdade pode também produzir efeitos desigualitários acrescentados aos que ela quer reduzir. (DUBET, 2003, p. 45)

Para Dubet, o processo de desinteresse e a crescente violência por parte dos jovens é fruto do que ele denomina como *consciência infeliz*, sendo que a desmotivação arrebatou a juventude e destrói qualquer perspectiva futura. A educação é vista como insuficiente e a violência e o medo passam a ser novos instrumentos de domínio social. Na compreensão de Dubet, o princípio da igualdade sem dúvida permitiu aos jovens um maior acesso a informação, mas ao mesmo tempo ressaltou a desigualdade do sistema no qual ele está inserido.

Respeitando as diferenças entre os autores, Bourdieu e Dubet em seus estudos retrataram os efeitos do mundo globalizante no cotidiano dos jovens e

também como as conseqüências do mundo neoliberal podem afetar a transformação dos valores.

Como referencial no âmbito da educação no Brasil a reflexão se apóia em autores que defendem a história da educação nacional na sua articulação global, assim como: Paulo Freire, Moacir Gadotti e Francisca Severino. A escolha destes autores foi pautada na necessidade de relatar o processo histórico em que se contextualiza a comunidade que faz parte deste estudo.

Dando continuidade ao trabalho de Paulo Freire, Moacir Gadotti, aborda em seus estudos os impactos do mundo neoliberal no cotidiano das cidades e ressalta as conseqüências no âmbito da educação:

A educação hoje está se repensando a partir de outra concepção que os educadores estão tendo dela: longe de ser um lugar imutável, ela está sendo descoberta como um local provisório, inacabado, precário, prolongamento de uma sociedade. E descobrindo sua precariedade abre-se para o profissional do ensino uma situação extremamente desconfortante, conflitante. (GADOTTI, 2001, p. 169).

Neste contexto de indefinições e conflitos estudos recentes têm ressaltado a linguagem imagética como importante recurso para a compreensão do universo que circunscreve o cotidiano do jovem estudante.

Para nós este cotidiano passou a clarificar-se no momento em que o grupo casualmente deixou-se fotografar, pois o entusiasmo e descontração com que passaram a falar de suas imagens capturadas por eles mesmos despertaram nosso interesse para a bibliografia existente sobre a possibilidade de se recorrer a este recurso como meio para o desvelamento dos valores deste grupo. Não sendo uma imagem fechada da realidade, já que incorpora o registro de uma ação momentânea, poderia auxiliar-nos na aproximação desse universo mutante do jovem em construção educativa. Francisca Severino

(2001), reafirma o que diz Kossoy: “Cada imagem documenta um assunto singular num particular instante do tempo, e o registro deu-se unicamente em função de um desejo, uma intenção ou necessidade do fotógrafo” (KOSSOY, 2001, p. 80). Porém o fotógrafo é traído pela dinâmica do sujeito que é fotografado e a fotografia nega sua intencionalidade ao capturar aquilo que foge de seu enquadramento e da sua intencionalidade. Neste sentido buscamos subsídios no trabalho de Francisca Severino. Em sua tese de doutorado ela desenvolve uma análise interpretativa de fotografias jornalísticas frente às mudanças estruturais que decorrem do processo de globalização.

Convém explicitar que o estudo desenvolvido por Francisca contribuiu diretamente para o direcionamento desta pesquisa, por compreender a fotografia como um instrumento investigativo, sem ignorar os elementos que motivam o fotógrafo a enquadrar a imagem:

(...) a fotografia que acompanha a notícia é apenas um fragmento, um subproduto constituído a partir de determinada montagem na qual se pode identificar seu caráter jornalístico ou pertencente ao discurso referencial. Entretanto, este caráter fragmentário não desqualifica seu papel e sua importância como registro documental e meio de comunicação. (SEVERINO, F.E.S., 2001, p. 106).

Assim, valemo-nos da análise de Francisca compreendendo-a como uma contribuição também para a uma análise crítica da educação quando se trata de avaliar este complexo e quase impenetrável universo dos jovens. Assim, incorporamos sua contribuição sobre a análise fotográfica, que reconhece o papel da fotografia como uma das “janelas” para a realidade, mas não exclui seu caráter subjetivo. Neste sentido Boris Kossoy, (2001) afirma:

As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tenta sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou. (p. 32).

Também há outra contribuição de Francisca para este estudo que vem de trabalho de natureza sociológica desenvolvido por ela. Trata-se de seus estudos recentes sobre as mudanças ocorridas na cidade de Santos com a implementação da Lei 8630/93 a chamada Lei de modernização dos Portos. Nesse trabalho Francisca (2005), analisa o impacto do processo de globalização nas estruturas locais, principalmente no que se refere à Baixada Santista, quando discute a relação educação e trabalho no contexto da modernização e privatização do Porto de Santos. Explicando as relações produtivas, sociais e culturais que constituem este contexto, ela destaca as mudanças estruturais que impactam não apenas as relações de trabalho no Porto da cidade de Santos, mas também, e principalmente, as modificações que incidem sobre a formação do jovem, futuro trabalhador. Destacam-se seus estudos sobre as novas relações de trabalho derivadas desse processo e sua repercussão na educação local.

À luz das novas relações produtivas, a educação ganha destaque como elemento estratégico na formação do novo cidadão global, para o bem ou para o mal. Isto porque se, de um lado, explicita, no sentido freireano (Paulo Freire, 1983) que os seres humanos se educam reciprocamente em relações múltiplas, mediados pelo mundo em construção e essa dimensão politiza a educação, de outro, explicita também uma maior possibilidade de alienação, se o ato de educar for considerado no atual quadro de desemprego estrutural. (SEVERINO, F.E.S., 2005, p. 169)

A escola nesse sentido é um instrumento vital a formação humana, vivendo um processo de turbulências, desafios, buscas que traduzem em novas idéias, transformações da própria noção do que é educar. “Pois caberá a ela a responsabilidade de despertar a consciência da população para a importância do porto em relação à economia nacional além de modificar o

comportamento do cidadão comum, agora um cidadão global, co-partícipe das relações mercantis, porém apenas como consumidor global” (SEVERINO, F.E.S., 2005, p. 174).

CAPÍTULO I – EDUCAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO: TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS E DE VALORES

1.1. As políticas neoliberais no contexto da educação

A partir de pesquisas realizadas na França no início dos anos de 1960, o sociólogo Pierre Bourdieu demonstra que a instituição escolar daquele país desempenhava um papel central na reprodução das desigualdades sociais. Um dos fatores que contribuía para que a escola cumprisse essa função consistia no fato do sistema de ensino veicular “uma cultura aristocrática e, sobretudo uma relação aristocrática com essa cultura, que o sistema de ensino transmite e exige”. (BOURDIEU, 1999, p. 55) Ou seja, a cultura da escola estava próxima à cultura dominante favorecendo o sucesso dos filhos das classes privilegiadas e o fracasso dos filhos de classes menos privilegiadas. Nesse sentido, concluía o autor, um sistema assim estruturado só poderia funcionar perfeitamente “enquanto se dirija a indivíduos dotados de capital cultural (e da aptidão para fazer frutificar esse capital) que ele pressupõe e consagra”. (BOURDIEU, 1999, p. 57)

Essa estrutura seletiva da escola era vista também pelo sociólogo como uma das causas para o aparecimento e agravamento dos problemas de indisciplina e desestímulo na instituição.

Segundo Bourdieu (1999):

(...) as crianças das classes populares que não empregam na atividade escolar nem a boa vontade cultural das crianças das classes médias nem o capital cultural das classes superiores refugiam-se numa espécie de atitude negativa, que desconcerta os educadores e se exprime em formas de desordem até então desconhecidas. (p. 58)

A recorrência a esse estudo de Bourdieu oferece parâmetros de análise do atual sistema escolar brasileiro. Ao buscar problematizar as razões do fracasso escolar, da indisciplina e do desestímulo em boa parte das instituições brasileiras de ensino é importante avaliar até que ponto elas guardam alguma identidade com as escolas do sistema estudado por Bourdieu. Celso Vasconcellos contribui para a reflexão sobre a indisciplina escolar. Retomo a forma clara como ele se refere a algumas manifestações indisciplinadas por parte dos alunos:

Onde se manifesta? No corredor, no pátio, nas imediações da escola, nas festas e eventos da escola e na sala de aula (...). Como se manifesta? Conversas paralelas, dispersão; professor entra em sala e é como se não tivesse entrado; dá lição e maioria não faz; quando vem professora substituta, é dia de fazer bagunça; (...) pintam carteiras com líquido corretor; escrevem nas paredes, destroem trabalhos de alunos de outros períodos; (...) brigam, respondem ironicamente (...). (VASCONCELLOS, 2004, p. 13).

Do mesmo modo como Bourdieu, Vasconcellos destaca a necessidade de uma reflexão mais ampla das causas indisciplinadas, “se esta indisciplina for comparada com a social – fome, mortalidade infantil, desemprego, (...) – até que a indisciplina escolar não parece tão grave”. (VASCONCELLOS, 2004, p. 14).

Seguindo na mesma direção François Dubet, analisa em 2003 a educação francesa sob a ótica das desigualdades. Para este autor a França “vive um recrudescimento, em todos os sentidos das desigualdades sociais, como triunfo de um capitalismo selvagem”. (DUBET, 2003, p. 12) Contudo, Dubet demonstra que houve um aumento da igualdade no que se refere à homogeneização da sociedade, a classe operária caracterizada na modernidade se fundiu a outros segmentos e tornou-se a classe média. Esse

fator gerou um acesso muito maior à educação, o que na prática não significa qualidade de ensino.

A homogeneidade social, destacada no parágrafo anterior, é um dos frutos da globalização e conta como instrumento manipulador da grande massa o sistema de comunicação, que atinge de maneira influenciativa e provoca o efeito de massificação.

Em seus estudos, Bourdieu destaca que os maiores difusores da cultura de massa na atualidade são os meios de comunicação, que optam por valorizar a maneira de atingir o maior público possível e não contribuir para formação do pensamento humano. Pode-se discordar de Bourdieu quando avaliamos o potencial desses meios para o ensino a distância. Há inúmeros estudos que destacam essa eficácia, no entanto, este caráter massificador parece ter proeminência entre as camadas mais empobrecidas da população. Assim, Bourdieu (1988) afirma:

Essa espécie de gota-a-gota simbólico, para o qual os jornais escritos e televisados muito fortemente – em grande parte inconscientemente, porque a maioria das pessoas que repetem essas declarações o faz de boa fé -, produz efeitos muito profundos. É assim que, no fim das contas, o neoliberalismo se apresenta sob as aparências da inevitabilidade. (p. 43-44).

A investigação realizada na E. E. Pastor Alberto Augusto ofereceu elementos para a constatação de que essa suposta identidade global existe. Principalmente se vincularmos o estudo aos efeitos da globalização e à falsa igualdade gerada pelo capitalismo selvagem.

Para um mundo novo, global, precisamos repensar a educação de acordo com as transformações constantes. Para tanto, se faz necessário compreender o contexto da história e da cultura local.

A educação é entendida aqui não só no sentido institucional de ensino, mas, sobretudo, no sentido compartilhado de educação, que abrange muito mais do que os bancos escolares. Ela invade a vida real dos jovens e de sua comunidade. O papel cultural nesta concepção é entendido como toda produção que envolve o processo de formação do homem. É a cultura que dá à história o sentido norteador. Neste contexto, Paulo Freire, continua sendo uma bússola para os pesquisadores. “Em um sentido completamente diverso da globalização hegemônica do capitalismo, podemos dizer que Freire é um dos pensadores da educação e da pedagogia mais globalizados”. (SCOCUGLIA, 2006, p. 88)

De modo geral, a globalização tem sido enfocada pelo lado negativo, contudo, pensamos que a globalização pode e deve ser democratizante. Este ideal, no entanto, parece distante na educação. Em seu livro *a Pedagogia da Esperança (1992)*, Freire ressalta que além da esperança é preciso cultivar a autonomia, como capacidade de decidir-se, de tomar o próprio destino nas mãos. Diante de uma economia de mercado que invade todas as esferas de nossa vida, precisamos lutar em várias frentes, sejam elas, políticas, sociais ou culturais para criar na sociedade civil a capacidade de auto-determinar-se e, para isso, a escola é chamada a dar sua contribuição.

Dentro deste contexto, consideramos importante o reconhecimento da cultura local como instrumento de conscientização. Através do conhecimento da produção cultural e material reconhecemos como a história humana se processa. Entretanto, ressaltamos que este conhecimento se estabelece pelo exercício da dialética, onde a relação passado-presente dá, ao mundo atual, sua significação. Neste prisma, para Gadotti (2001):

Não ignoramos que é o trabalho que dá nascimento à cultura, imprimindo à natureza a marca do homem, trabalho esse que visa atender suas necessidades de sobrevivência, bem como as necessidades espirituais e artísticas (concepção antropológica de cultura). Entretanto, para efeito desse estudo, entendemos por “cultura” não a ação de cultivar a natureza, mas o conhecimento acumulado pelo homem, quer no domínio científico e tecnológico, quer no domínio sociopolítico e econômico. (p. 48).

O homem dentro desta significação não é apenas um referencial da história, é também agente das ações produtoras. O processo histórico é dinâmico e se transforma de acordo com ação humana. As idéias se concretizam pela ação transformadora, que estabelece um novo agir na produção material. Ou seja, a dialética se dá também pela relação da produção material com a produção das idéias.

Quando estabelecemos a importância de se conhecer a cultura para a compreensão da história, não estamos abordando uma história cristalizada no tempo. Mas, sobretudo, a relação dos fatos com o momento presente, sendo capaz de se relacionar com as ações do homem real atual e, principalmente, repensando o desenvolvimento de atitudes que contribuam para as ações humanas. Dentro da concepção freireana Freitas, (2005) afirma:

Para mim o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por essa razão, a utopia é também um compromisso histórico. (p. 50)

A compreensão dos fatores histórico-culturais, pelo qual se processa a construção do homem; pela apropriação e produção da cultura, a educação tem destacada sua dimensão precisamente por essa capacidade de propiciar ao ser humano sua condição histórica e plural, pela qual ele necessariamente deve conviver com outros sujeitos individuais e coletivos.

Hoje vivenciamos através de um discurso dominante um trabalho de doutrinação simbólica quando se impõe uma visão neoliberal. Para Paulo Freire (1997) os neoliberais pregam uma ideologia fatalista, imobilizante, como se nada podemos contra a realidade social, que de *histórica e cultural*, passa a ser ou virar *quase natural*. No momento, os meios de comunicação apresentam-se como os maiores influenciadores nesse processo, pois servem como mecanismo divulgador das políticas neoliberais. Ao mesmo tempo, criam representações simbólicas da impotência coletiva, levando a grande massa a acreditar que está presa às normas globalizadas. Os valores culturais locais se alternam rapidamente e novas concepções são adotadas de formas inconscientes. Os desdobramentos do mundo neoliberal são vastos e pertinentes a diferentes culturas.

Nesse sentido, Francisca Severino (2005) destaca no contexto da Baixada Santista os reflexos do processo global:

No entanto, as grandes complexidades das transformações globais impactam a vida social em todas as suas dimensões não escapando, nem mesmo a escola. Exemplo disso vivenciamos nas cidades da Baixada Santista que por sua proximidade com a cidade portuária de Santos refletem em suas relações sócio culturais a peculiaridade desta cidade portuária de ser esta uma cidade com suas fronteiras abertas para o mundo. (p.180)

A Ilha de São Vicente, que possui duas cidades inter-relacionadas não só por sua proximidade, mas, sobretudo, por suas características portuárias, apresenta claramente os efeitos da política neoliberal, principalmente no âmbito da qualificação para o mercado de trabalho. Os antigos postos portuários vão dando lugar à modernização e os jovens preparam-se para novas frentes de trabalho.

“Equivale dizer que os espaços educativos devem ser repensados sob a perspectiva de uma interdisciplinaridade a ser entendida como diálogo e interação na diversidade de olhares; olhares historicamente situados, pois é sob este enfoque que poderá encontrar respostas para os impasses que o modelo de desenvolvimento neoliberal produziu. Entender interdisciplinaridade como parceria quando se trata de uma educação dirigida à inserção do jovem no trabalho avulso/flexível, preparando o futuro trabalhador com perfil multifuncional, seria uma redução subjetiva mais afeita à nova pedagogia de caráter adaptativo formando as competências necessárias à condição de desemprego, desenraizado ou desnacionalizado”. (SEVERINO, F.E.S., 2005, p.182).

1.2. A educação em um contexto compartilhado

Entender a educação hoje é um desafio constante. A nova ordem mundial, de capitalismo em escala global, de neoliberalismo, e de soberania do mercado transnacional, provoca transformações em cadeia em diferentes setores como: produção e trabalho, capital e cultura, e formação de sujeitos. O conceito de poder centralizado já não funciona como em tempos passados, vivemos um momento de modificações constantes.

“Nesta época, caracterizada pelo desmonte do aparelho estatal, pela implementação de políticas neoliberais e pelo crescimento do desemprego e da exclusão social, muito se tem falado da presença refratada do conflito social dentro das escolas públicas. Tal conflito seria o responsável pelas depredações e agressões, bem como pelas reações de indiferença ou mesmo hostilidade dos alunos diante das mensagens edificantes emitidas pelos professores acerca da importância dos mecanismos especificamente escolares de aquisição do conhecimento. É imperativo, entretanto, indicar que o rebatimento do conflito social dentro do espaço escolar público se faz de modo complexo e não homogêneo”. (SAES, ALVES, 2006, p. 3-4).

A globalização, entendida aqui como um conjunto de políticas prescritivas que atingem os países de forma diferenciada, estabeleceu novas relações de trabalho a partir do final do século XX. Contudo, o seu início é mais tardio, “o mundo começou a se tornar global, no sentido que o conhecemos, a

partir dos séculos XV-XVI". (SCOCUGLIA, 2006, p. 80) Mas, foi principalmente a partir do século XX, que se estabeleceram os novos moldes que conhecemos. O modelo fordista, que se caracterizou como um regime de acumulação capitalista desde o final da Segunda Guerra até o início dos anos 70, deixa de prevalecer nas relações de trabalho.

Se antes as grandes indústrias produziam em massa o mesmo produto e conduziam os trabalhadores em um sistema mecânico e contínuo, hoje a globalização econômica estabelece uma nova dinâmica, pautada na diversidade e na criatividade que exige novas tecnologias e constante flexibilidade. "Cresce então a demanda por uma educação dirigida para o preparo do jovem com um perfil multifuncional, combinando fatores comportamentais com habilidades para o enfrentamento permanente de situações novas". (SEVERINO, F.E.S., 2005, p. 167)

Em cidades portuárias este processo não é diferente, as mudanças passam a impor maior flexibilidade também nas relações trabalhistas. Os empregadores exercem um maior controle sobre a força de trabalho, pois buscam empregados qualificados e capazes de se adaptar às novas exigências do mercado. A educação torna-se, neste contexto, não um mediador de produção de conhecimento, mas um instrumento a mercê das imposições do mercado, e as escolas desempenham o papel de formar um novo perfil de jovens para o mercado de trabalho:

O mercado exerce função definidora das políticas educacionais, influenciando os objetos e a organização do trabalho escolar. Às escolas cabe definir estratégias competitivas para atuar no mercado educacional. Esse contexto produz a gradativa substituição da educação como um direito pela visão da educação como uma mercadoria a mais, um bem que pode ser comprado, vendido ou consumido no mercado educacional. (FREITAS, 2005, p. 50).

Essas transformações impostas pela globalização, são incorporadas pela sociedade como um processo natural, que foi articulado e divulgado por uma elite controladora. Esta burguesia utiliza-se dos meios de comunicação para criar a sensação de impotência e desalento em segmentos populacionais mais empobrecidos.

Para Pierre Bourdieu esse imperialismo sociocultural tem por base o poder de universalizar uma visão particular de mundo, tornando-a verdade universal perdendo, nas análises, as particularidades sociais, históricas, políticas e culturais, próprias de um universo singular. Nessa perspectiva, Bourdieu advertiu os estudiosos para não perderem, em suas análises, as citadas particularidades, pois essas são constitutivas das diferentes sociedades.

Trazendo os efeitos do neoliberalismo, para a localidade, a cidade de São Vicente se enquadra no perfil das cidades que estão em processo de transformação pelo efeito global. Conseqüentemente, atravessa um momento de reedificação de sua cultura urbana. Mesmo tendo perdido seu Porto para a cidade de Santos, São Vicente

não deixa se sofrer os efeitos de modernização econômica que vem balizando as novas relações de trabalho portuário (...) 'Re- modernização' que teve seu início com a Lei 8630/93, e que se impôs no rastilho da globalização e da atual fase de flexibilização econômica mundial. (SEVERINO, F.E.S. 2005)

Além das mudanças nas relações de trabalho provocadas pela nova lei, toda área periférica do Porto será afetada de imediato pelas reformas estruturais e, em conseqüência, toda a ilha de São Vicente também sofrerá profundas transformações, como se vê na afirmação abaixo:

O velho e o novo porto se imbricam em múltiplas metamorfoses. Caleidoscópio de imagens multifacetadas, ora apresenta sua face radiosa e globalizada, ora apresenta o

desalento de suas ruas degradadas. Os bairros esvaziados de sua peculiar cultura portuária tem seus hospitais e escolas recuperados por um novo conceito de padrão cultural, agora mediado pelo mercado e consumos globais. Mão-de-obra com pouca ou nenhuma escolaridade formal, um grande contingente de desempregados ao qual se agregam velhos e crianças desamparados. Trata-se de fenômeno típico das grandes cidades portuárias mundiais, atingidas pelo processo de globalização e modernização de suas atividades. (SEVERINO, F.E.S., 2005, p. 174)

1.3. As relações entre: mundo globalizado e finalidades do Ensino Médio

A sociedade moderna exige uma nova flexibilização não só no mercado de trabalho, mas, sobretudo na formação dos sujeitos. O mundo se tornou um sistema complexo, no qual se entrelaçam múltiplas dimensões: cultural, social, econômica, política, religiosa entre outras. O conhecimento oriundo das ciências, das tecnologias e das humanidades é fundamental para entendê-lo. Edgard Morim (2001) afirma que:

Creio que todas as civilizações, todas as comunidades tiveram uma concepção do mundo e a preocupação de situar, de inscrever os humanos no cosmos. Ora, há cerca de quarenta anos estamos diante de um mundo singularmente novo. E temos que nos situar neste mundo, do qual não passamos, evidentemente, de uma minúscula parte. (p. 27).

Ao destacar a importância da educação escolarizada em trabalhar no jovem suas habilidades e desenvolver suas competências, Morin transpõem uma exigência do novo contexto histórico.

O Ensino Médio representa para os jovens, principalmente os pertencentes a uma classe social mais baixa, o elo entre a formação e o trabalho. A falta de perspectivas em cursar uma universidade provoca o sentimento de exclusão diante da certeza de que é através desta etapa que esses jovens encontrarão o suporte necessário para colocá-los no mercado de trabalho.

O jovem de origem trabalhadora sente que ele e sua família, já vitimados pela estagnação econômica, pelo desemprego tecnológico e pela precarização das relações de trabalho, estão sendo abandonados também pelo Estado, sobretudo porque o Brasil tem vivido de modo caricatural o processo de desmonte que já assola o aparelho de Estado dos países capitalistas avançados. Porém, impossibilitado na prática de se manifestar cotidianamente contra o aparelho de Estado em geral, o jovem proletário tende a visar, para sua ação de protesto, à instituição mais contígua, mais presente e mais imediata para ele, que é a escola pública. (SAES, ALVES, 2006, p.07)

A flexibilização imposta pela globalização introduziu na educação uma nova postura. Postura que busca aliar a formação para cidadania e a preparação para o mercado de trabalho. “Esta modulação na qual a educação brasileira vem se processando não é um movimento único, a tese da cultura educacional mundial tem como articuladores, agências financiadoras, como o Banco Mundial, o BIRD e o BID, ou reguladoras, como a OMC”. (SCOCUGLIA, 2006, p. 85)

No cotidiano escolar, como observado na E. E. Pastor Alberto Augusto, encontramos uma camada de jovens que se sentem perdidos, que aparentam possuir claramente uma idéia de poder de consumo e, em contrapartida, um desinteresse grande em relação ao seu crescimento intelectual e seu aprimoramento futuro. Indagados quanto aos seus objetivos futuros ressaltam a necessidade de possuir bens materiais como representação de seu crescimento. O seu desenvolvimento intelectual e suas vontades de produção de conhecimento teórico se restringem a diplomas de acesso, que geram uma massa de desqualificados. Scocuglia, que desenvolve sua reflexão a partir da concepção de Paulo Freire, afirma:

Podemos pensar que uma das evidências dessa desqualificação reside na continuidade da “educação bancária”, pois os depósitos de saber são incompatíveis com o crescimento intelectual e da consciência crítica, especialmente dos jovens e dos adultos. (SCOCUGLIA, 2006, p. 91).

No caso específico do ensino médio, as atuais mudanças no campo educacional apontam para uma preocupação em se garantir no país a universalização desse nível de ensino. A partir do texto da Constituição Federal de 1988, o ensino médio passa a ser visto como direito de todo cidadão brasileiro. O referido texto, no artigo 208 e inciso II, prevê a expansão progressiva da obrigatoriedade e gratuidade desse nível de ensino. Seu caráter de etapa final da educação básica é reafirmado na nova legislação educacional. Sendo assim, são definidas como suas finalidades a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, a preparação básica para o trabalho, o aprimoramento do educando como pessoa humana e a possibilidade de articulação entre o conhecimento teórico e prático de cada uma das disciplinas.

Esse novo olhar para o ensino médio pode ser entendido a partir de diferentes enfoques. Entretanto, é necessário destacar a influência da reorganização do modo de produção capitalista e do processo de mundialização da economia na imposição da necessidade de uma expansão do nível de escolarização da população. Segundo Gadotti (2006) essa necessidade de expansão no ensino não significa uma igualdade de qualidade entre as diferentes classes. Para as elites haveria necessidade de professores, para formá-los como governantes. Para as classes populares que freqüentam a escola pública, que precisam apenas ser informados, os professores serão cada vez menos necessários.

O sistema de ensino no contexto da globalização aplica uma normatização que aborda os valores locais de forma equivocada, não no

sentido de compreensão e autonomia e sim, de dependência ao mercado.

Dentro deste contexto Gadotti (2006) afirma:

Como se deseja tudo privatizar, as reformas neoliberais visam diminuir os gastos com educação, para que a “sociedade” (mercado) assuma esse serviço. O mesmo aconteceria com a cultura que, agora “mercantilizada” e “digitalizada”, passaria para o controle do mercado. A tendência da mercantilização da educação vai muito além do tema da educação e da cultura. No limite, essa concepção nos levaria a uma nova “governança”. (p. 67).

As considerações de Gadotti destacam fatos que se processam lentamente no sistema de ensino do Estado de São Paulo. As chamadas “parcerias” são não só estimuladas no cotidiano escolar, mas também se tornaram uma prática administrativa. As parcerias tornam-se mais evidentes na Escola da Família (Programa dissociado do ensino regular, que trabalha com a comunidade local nos finais de semana). Os educadores contratados e os alunos bolsistas devem buscar parceiros (voluntários e empresas) que doem materiais ou seu próprio tempo para desenvolver atividades diversas nas escolas durante os finais de semana. Um dos exemplos é dado pela panificação artesanal. O material e o treinamento inicial foram fornecidos pelo Fundo de Solidariedade do Estado de São Paulo. Foram distribuídos os seguintes equipamentos: um forno industrial, uma batedeira e um liquidificador. Para o treinamento foram solicitados dois funcionários do Projeto para participarem de um dia de curso e os mesmos deveriam chefiar a introdução de uma panificação artesanal nas unidades contempladas durante os finais de semana.

Na prática verificamos que na E.E. Pastor Alberto Augusto o equipamento não está sendo mais utilizado pela Escola da Família, apenas quando necessário pelas merendeiras no cotidiano escolar. Segundo a

coordenadora da Escola da Família (2006) os funcionários que foram treinados para introduzir os cursos de panificação não fazem mais parte do quadro administrativo e o Fundo de Solidariedade não ofereceu novo treinamento para que os atuais funcionários pudessem continuar com a panificação.

Outro ponto observado pela coordenação do projeto, foi a dificuldade em conseguir os materiais necessários para fabricação dos pães. Os moradores interessados não dispunham de recursos financeiros semanais para trazer os ingredientes e não foi possível conseguir nenhuma empresa interessada em doar mantimentos em sistema de parceria.

Outro exemplo, dentro do ensino regular, é o caso dos professores que participam de projetos impostos pelo próprio Governo do Estado. Estes docentes *devem*, segundo orientação da própria OT (Orientação Técnica), buscar parcerias para desenvolvimento dos projetos. Ou seja, além de participar voluntariamente como coordenador do projeto em sua unidade escolar, sem serem remunerados por tal função, também devem, fora de seu horário de trabalho, sem serem financiados, buscar parceiros para viabilizarem o andamento do projeto. Para Moacir Gadotti (2006):

Esta concepção de educação é fruto do objetivo neoliberal “que, em síntese, se traduz pela transformação da educação numa mercadoria. Mercantilização do conhecimento e incorporação dos mecanismos de mercado. Desresponsabilização do Estado diante do dever de educar”.
(p. 68)

Como fica o professor diante dos jovens? Como ele pode, diante de tanta precariedade, *lutar* por uma educação de qualidade? E o jovem: como vê seu ensino dentro de um sistema que se ausenta de suas obrigações?

Numa primeira avaliação e de acordo com as observações de campo, podemos relatar que um dos sentimentos é de desestímulo. Uma sensação de

incapacidade de lutar por algo que é *dominador*. Ou, como afirma François Dubet (2005), a *consciência infeliz*, que permite a percepção da fragilidade do sistema de ensino, do descaso do poder público, mas que não dá forças para uma reação positiva. Por parte dos professores, observamos um *distanciamento* em relação ao universo do aluno, o que torna mais *fácil* seu cotidiano escolar, colocando suas preocupações voltadas apenas para o conteúdo da disciplina. Por parte dos alunos, observamos um desinteresse em relação ao conteúdo aplicado, e um descaso em relação à conservação do patrimônio público. Aparentemente as depredações ilustram este sentimento, uma necessidade de expor sua indignação através deste tipo de violência.

Nesse sentido, Décio Azevedo e Maria Leila Alves (2006) abordam esta realidade como um dos exemplos de conflitos sociais:

(...) o conflito social pode se manifestar aí com intensidade variável: no nível mais baixo, provoca tão somente pequenas fissuras no sistema escolar, suscetíveis de cicatrização mais ou menos rápida; no extremo oposto, ele chega à contestação do modelo vigente de escola. As diferenças quanto à intensidade de manifestação do conflito social na escola pública estão relacionadas com as diferenças quanto ao modo pelo qual o desajuste entre os objetivos perseguidos pelos diferentes grupos sociais se exprime no espaço escolar. (p. 03).

Na observação do cotidiano escolar, em um primeiro momento, constata-se que esta falta de interação entre o currículo desenvolvido pela escola com o meio social de sua clientela é um dos motivos geradores da desmotivação entre os educandos em relação aos estudos. “A escola pública tende, no máximo, a valorizar a prática individual, em correspondência com a valorização puramente protocolar da prática nas diretrizes curriculares oficiais”. (SAES, ALVES, 2006, p. 05).

É possível que haja uma falta de compreensão da legislação construída. Quando se garante aos jovens a oportunidade de adquirir um conhecimento

acadêmico utilizando com um dos instrumentos sua cultura, não significa abrir mão do conhecimento científico. A cultura local deve servir como instrumento mediador, garantindo uma compreensão mais ampla dos fatos técnicos.

Diante deste quadro, compreendemos alguns índices divulgados acerca da educação no ensino médio.

Segundo dados do MEC, o Brasil é um dos países da América Latina com um dos menores índices de escolarização no ensino médio (somente 16,6% dos jovens na faixa etária de 16 a 19 anos de idade estão na escola ou passaram por ela). A região Sudeste concentra 51,1% das matrículas, sendo 31,8% no Estado de São Paulo. Apesar do crescimento de escolarização nos últimos anos, o número de alunos matriculados no ensino médio ainda é baixo. Enquanto o ensino fundamental atinge 30 milhões de alunos, o ensino médio, apenas cerca de 7 milhões.

Nestes termos, poder-se-ia enunciar que, a educação está desafiada. Mais que nunca, diz Paulo Freire, é preciso que a pedagogia seja entendida como a teoria que implique os fins e os meios da ação educativa. Segundo Sonia Ignacio, um dos grandes desafios da educação nos dias de hoje reside na questão dos valores, ou seja, na capacidade das gerações adultas possibilitarem aos jovens identificar, incorporar e realizar os valores positivos construídos ao longo da evolução da história humana. Senão vejamos:

(...) ao procurarmos discriminar as concepções de aluno, professor, escola e contexto social/mundo exterior implícitas nestas três visões pedagógicas, o fizemos no sentido de levantar dados que nos permitissem rastrear os elementos axiológicos aí presentes. Esperamos, com isso, contribuir para uma reflexão sobre aspectos amplamente importantes da prática pedagógica, tais como: os níveis de relação professor-aluno, as possibilidades concretas de participação efetiva, de ambos, no processo ensino-aprendizagem; as relações intersubjetivas e suas manifestações no contexto escolar; as

vinculações escola-comunidade-mundo, as formulações e reformulações de finalidades e objetivos de um “projeto educativo” conjunto. Enfim, estas são algumas proposições exemplares que permitem entrever a presença irrefutável dos valores e das valorações no cerne do trabalho educativo que, sistematicamente, deve se desenvolver no âmbito escolar. E, sem dúvida, nestas situações, o educador deverá ter consciência clara, explícita, de todos os elementos envolvidos e, fundamentalmente, da dimensão axiológica de seu trabalho. (SILVA, 2000, p. 134-135)

Para a autora, portanto, podemos afirmar que os valores motivam o comportamento e a atividade humana. São fonte de energia que mantém a autoconfiança e a objetividade. Hoje, a maioria dos povos são influenciados pela ideologia materialista que cria uma cultura de acúmulo, posse, egoísmo e ganância. Conseqüência: os valores grupais e identitários perdem o brilho da sua realidade cultural e a força para sustentar e preservar uma cultura digna do ser humano. Essa distorção de princípios é uma das causas da crise em que vivemos no mundo moderno, marcado pela inquietação, insegurança e, obviamente, ausência de paz. “Já está mais do que em tempo de nos preocuparmos com os valores e as valorações em nossa prática educativa”. (SILVA, 2000, p. 136).

Estas indagações pontuam a necessidade de se reconhecer o universo dos jovens e seu papel na educação. Assim como, de que maneira as ações de ensino/aprendizagem podem ser fonte de liberdade, tendo como premissa permitir ao jovem a opção, como parte de seu processo de crescimento, como pessoa e como cidadão.

1.4. A política educacional na vida escolar

Devido à crise econômica externa e o endividamento, muitos países, a exemplo do Brasil, passaram a depender quase que exclusivamente de

empréstimos dos organismos financiadores internacionais. O Banco Mundial impõe uma série de medidas interferindo na formulação de políticas internas, mediante o estabelecimento de severas condições nas cláusulas contratuais de financiamento. Como afirma Torres (2000) que o melhor acesso a equidade e a qualidade de ensino implicam mudanças no financiamento e na gestão de um sistema educativo de um país.

Para alcançar seus objetivos de produtividade, o Banco Mundial afirma a importância da educação, todavia esta valorização não ultrapassa o pragmatismo do lucro. Fonseca (1998) ressalta que países como o Brasil que alcançaram um alto nível de desenvolvimento econômico, mas não conseguiram diminuir a pobreza, colocaram em evidência o debate sobre as relações entre as desigualdades sociais e o aumento de produtividade dos pobres. Este contexto fez com que o Banco colocasse como prioridade investimentos em educação e saúde. Seria ótimo se não houvesse imposições, pois a pobreza é considerada uma ameaça ao capital. Portanto, uma das suas premissas é que este Banco, importante instituição de gerenciamento do mundo, só apoiaria projetos que diminuíssem a pobreza. Documentos do Banco Mundial propõem que o Ensino Fundamental seja gratuito, mas o Ensino Médio e superior sejam sujeitos a taxas. Consideram que o retorno financeiro seja mais alto no Ensino Fundamental, pois reduz a pobreza na medida em que aumenta a produtividade do trabalho dos pobres, aumentando-se em um ano o número médio de anos de instrução do contingente de mão-de-obra, o PIB aumenta em 9%. A educação é entendida pelo Banco Mundial como técnica podendo acelerar o desenvolvimento econômico promovendo a equidade social, considerada como um serviço e não como um direito. Para Oliveira

(2000) não se pode separar a discussão da educação básica do ensino superior, os dois níveis de ensino devem ser trabalhados de forma associada:

A própria noção de educação básica e superior dá a idéia de que ambas compõem partes de uma mesma unidade, já que a primeira é básica porque constitui a base necessária para se chegar ao topo, ou seja, constitui-se em infra-estrutura para a segunda que seria superior e, por isso mesmo, superestrutura. O fato de que o atual Conselho Nacional de Educação se organiza em duas camadas, de educação básica e educação superior, pode ser um elemento a mais a contribuir para uma falsa e indesejável separação entre as duas modalidades de ensino. (p. 93).

Trata-se de uma política instrucionista, centrada no ensino e não na aprendizagem, aprender nesta concepção é identificar informações e saber utilizá-las e ensinar seria como aplicar uma receita, ou seja, um repertório de técnicas. “O estado tende a assegurar a competitividade e as condições que a tornam possível, sejam elas inovações tecnológicas, garantias de flexibilidades do mercado de trabalho e a subordinação geral da política social à política econômica” (BONETI, 2000, p. 214). Contudo, a relação entre o público e o privado se apresenta em nossa sociedade como uma das heranças de nossa colonização, para Cury, a educação escolar brasileira se formou historicamente e é posta em cena como tendo que obedecer a quatro senhores:

ao Estado, pois ele é o sujeito capaz de garantir o comum para todos; à família, pelo princípio *exgeratione*; à iniciativa privada, que invoca o mercado e cobre a impotência do Estado e à Igreja que pede a seu favor a proteção da tradição. (2005, p. 5).

Assim, tomando como direção para análise da educação sua subordinação ao sistema econômico nas incursões de Souza, foi possível ressaltar que:

A educação, nesta perspectiva poderia explicar as diferentes capacidades individuais de trabalho e de renda. Ela é entendida como uma técnica e se define pelo conhecimento, habilidades intelectuais e atitudes que geram capacidade de trabalho, podendo alavancar o desenvolvimento econômico e

promover a equidade social, na ótica do Banco Mundial. (2006, p. 107).

Mediante a esse caráter subjugado da escola, como ficam os docentes e os alunos diante dos princípios instrucionista?

Na visão dos neoliberais, os professores passam a ser equiparados a material pedagógico, livros, computadores, ou seja, eles não precisam ter conhecimento científico, seu saber é fundamental, portanto não precisam ser consultados, podendo ser substituídos por um computador bem programado. Para investir mais em materiais didáticos ocorre um aumento no coeficiente professor/ aluno, pois as condições de aprendizagem são entendidas como disponibilidades de recursos. Para Souza o Banco Mundial acredita que “as possibilidades de melhorar a eficiência através de um modesto aumento do coeficiente professor-aluno são enormes, porque os gastos com pessoal docente normalmente representam cerca de dois terços do gasto com educação”. (SOUZA, 2005, 104).

Para Oliveira, 2004, os neoliberais propõem uma desprofissionalização da docência, buscando alternativas na “terceirização”. Em trinta de janeiro de dois mil e seis a folha de São Paulo publicou uma reportagem onde 129 municípios de São Paulo já usam recursos federais para pagar convênios com sistemas particulares. Oliveira afirma que terceirizar a educação não é o melhor caminho para os alunos nas escolas públicas. Para Souza, a política educacional vigente transforma a função de ensinar em algo secundário, prevalecendo o capital. “A educação passa a ser concebida, como produtora de capacidades de trabalho, o professor passa a ser um técnico, assim estes vem perdendo sua identidade profissional”. (SOUZA, 2005). O que coloca todos os educadores diante de um desafio, manter sua dignidade e buscar uma

aprendizagem significativa, nesse sentido, o “desafio da escola diz respeito às demandas advindas das diferenças socioculturais, dialeticamente aguçadas no contexto da lógica da homogeneidade implementada pelo capitalismo global”. (BONETI, 2000, p. 214).

Para Boneti, o caráter tecnicista da educação gera um sistema de desqualificação profissional que produz ou acentua a exclusão social. Além disso, podemos retomar os conceitos de Oliveira (2000) e acrescentar a este fato a separação do ensino, que coloca os alunos do ensino médio próximos a esta exclusão quando não se torna o ensino superior obrigatório por parte do Estado. “Trata-se de um conceito que associa a exclusão à perda da participação do sujeito no contexto social, seja na esfera produtiva ou na cultural” (BONETI, 2000, p. 217).

As contradições se acirram, a educação assume papel estratégico em divulgar os ideários de competição e cidadania necessários para assegurar a ordem e a produção capitalista, ao mesmo tempo em que sofre os impactos estruturais de uma crise de valores. Em nossos dias, o capitalismo tem promovido uma intensificação da acumulação do capital, o que dificulta a inclusão social, já que predominam os interesses do capital especulativo e não o capital voltado para a produção que tanto gerava empregos. Por isso tudo ocorre hoje uma redefinição ou um repensar sobre a escola. Nesse sentido, Frigotto (1998) diz que

(...) a territorialização tão fechada da educação pode contagiar tanto os profissionais que pensam a escola como aqueles que pensam o trabalho, a cidade, os meios de comunicação. Cada grupo, ou área, pode cair nessa territorialização do educativo, ignorando ou marginalizando outros espaços sociais e culturais, outros tempos e outras práticas humanas onde construímos como humanos, onde construímos saberes, valores, cultura, conhecimentos e representações da natureza,

da sociedade e de nós mesmos. Os recortes positivistas que fazemos das ciências e das áreas de pesquisa nos levam a essa territorialização dos processos educativos. Cada território se isola e ignora os outros. Por exemplo, a ênfase no trabalho como princípio educativo pode levar a considerar outras vivências, outros tempos como alienantes, ao menos como desprezíveis, atualmente. Como pesquisar e teorizar sobre didática, organização escolar e currículo sem ter sensibilidade com a cultura, com os processos de produção dos saberes, dos valores, das identidades, sem estar atentos aos movimentos sociais e à diversidade de espaços onde os mesmos são construídos? Como pensar uma teoria do currículo, da didática, da administração escolar sem dialogar com as práticas educativas mais amplas e com os sujeitos sociais dessas práticas educativas mais amplas? Como pensar as políticas educacionais apenas olhando para o Estado e para suas disposições normativas? (p. 20).

Outro fator importante em relação à educação é o fato de o Estado estar sendo mais um subsidiário das políticas públicas na área da educação, justamente por esta área ainda não ser considerada prioridade social e política e ser subordinada à lógica de mercado. Na prática educativa observamos uma descaracterização enquanto direito social de todos, passando a instituir-se a escola como um serviço a ser prestado e adquirido no mercado ou de ser oferecido de forma filantrópica.

As apelativas e seqüenciais campanhas “adotem uma escola”, “amigo da escola”, “padrinho da escola” e, agora, “do voluntariado”, explicitam a substituição de políticas efetivas por campanhas filantrópicas. Passa-se a imagem e instaura-se uma efetiva materialidade de que a educação fundamental e média não necessita de profissionais qualificados, mas de professores substitutos e de voluntários. (FRIGOTTO, 2003, p. 30).

A discussão sobre a educação e a exclusão social se insere na luta pela democratização da sociedade e não pode ser analisada longe do contexto histórico. Maria Teresa Melo (2000) expõe brevemente esta questão:

Os traços predominantes do autoritarismo, seja, em épocas coloniais, em regime escravocrata, na fragilidade da República dos Marechais, no populismo ou na ditadura militar, forjaram heranças muito fortes na democracia conquistada a duras penas pela sociedade e com respeito à cidadania do povo disputa espaço, dia a dia, com as conservadoras políticas de fisiologismo e coronelismo ainda existente no Brasil. A escola,

como instituição social que interage com a sociedade, encontra-se nesse contexto e tem o seu cotidiano permeado por práticas e teses autoritárias. (p. 240).

É nesse sentido que me valho das reflexões de Ferreira sobre a função da escola no prepara do jovem para o mercado de trabalho. De fato, entre muitas outras funções hoje a ênfase sobre a formação do trabalhador é matéria curricular:

Que a escola constitui-se no lócus para o qual afluem todas as crianças, jovens e adultos que aspiram a formação e a instrumentalização para a vida em sociedade como o único canal responsável em fornecer o “passaporte” que os capacite à cidadania e ao mundo do trabalho, já é uma certeza incontestável para todos. Ainda que muitas sejam as concepções sobre a relação educação e sociedade, educação e produção da existência ou educação e atividade econômica, todas elas partilham de algumas questões indubitáveis a esta condição humana que constitui a razão de ser de toda instituição escolar: a formação humana do homem e da mulher em sua ampla dimensão, pessoal e profissional. (FERREIRA, 2000, p. 295).

Se a escola tem por função atender amplamente a sociedade, por que ainda hoje se apresenta tão frágil e deficitária? Mais uma vez, retomemos o contexto histórico. Foi a partir dos anos noventa que a escola passa a ser debatida no sentido de seu papel social e sua função política afim de, formar seus sujeitos focados para a cidadania. A escola institui uma articulação de convivência social, mas do que simples conhecimento científico, ela produz e reproduz a história de um povo, além de prover seus sujeitos de vínculos sociais fundamentais para sua vivencia, ou seja, é no cotidiano escolar entre os diferentes sujeitos que o estudante aprende as normas fundamentais para seu convívio em sociedade.

A LDB (Lei 9.394/96) institui a escola dentro desse novo perfil, ressalta a necessidade de uma aprendizagem significativa, mas não deixa de incorporar o caráter fracionário do sistema escolar, não consagrou um Sistema Nacional de

Educação que contemple um projeto articulado, unitário e orgânico de educação. Quando se afirma que o Conselho de Escola formado por gestores, professores, pais e funcionários têm autonomia para tomar decisões pertinentes à unidade se cria uma falsa potencialidade, já que este Conselho está subjugado a legislação vigente, que faz da escola um lugar de aparente autonomia, ao incentivar a solução dos pequenos problemas cotidianos, pelo exercício da criatividade e da busca de parceiros. Não podemos ignorar a falta de subsídios legais que nos permitam confrontar a qualidade do ensino. Espera-se que ao final do Ensino Médio, o aluno possa dar continuidade aos estudos com qualificação, disputar uma posição no mercado de trabalho e participar plenamente da vida cidadã, compartilhando os princípios éticos tanto da unidade como da diversidade nacional, sabendo posicionar-se como ator nesse contexto. Para isso, seria preciso dar-lhes a primeira condição: a unificação do ensino. O acesso ao ensino superior precisa ser um fato concreto na meta desses jovens, não fazendo parte de seus sonhos e de uma realidade distante.

A Lei determina que os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base comum, entende-se com Base Nacional Comum aquilo que deve ser garantido a todo cidadão brasileiro no processo de ensino-aprendizagem oferecido pela escola, independente de classe social, idade ou outro fator de discriminação. O Art. 26, par. 1º, delimita o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil. O Art. 27 determina que os conteúdos curriculares da educação básica devem observar as seguintes diretrizes: a difusão de valores fundamentais aos interesses sociais, direitos e deveres dos

cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática. A legislação considera a importância do ensino como provedor do homem em sua amplitude, mas ao mesmo tempo, não permite a este o direito completo até o ensino superior. Além disso, as precariedades de muitas instituições públicas não atingem as condições básicas de atendimento aos estudantes, falta de estrutura física nos prédios, falta de funcionários, falta de higiene e materiais são comuns em várias unidades. Diante dos fatos, como podemos abordar na educação dos jovens valores fundamentais sem que estes não se sintam menosprezados pelo poder? Até que ponto reconhecem sua condição? E quais são suas reações? Estas são perguntas pertinentes ao ensino atual, e difíceis de responder, mesmo porque não se pode cair no erro de pensar no jovem de maneira homogênea. Sobretudo, deve-se levar em consideração o meio no qual se desenvolve, as particularidades de seu cotidiano e o seu modo de pensar, com seus valores familiares e sociais.

1.5. Valores na educação

O desenvolvimento dos indivíduos e a sua socialização são inerentes ao processo educativo, de responsabilidade das Instituições e dos órgãos formais – Família, Escola, Igrejas destacam-se entre outros –. Por outro lado, existem muitas outras formas educativas que se fazem no espaço de relações não formalizadas, mas que nem por isso é de menos importância quando se visam resultados socializadores para a ordem social. Mesmo na informalidade, elas exercem influências significativas interagindo no processo e, muitas vezes, concorrem para o surgimento de comportamentos desviantes ou divergentes do padrão de normalidade aceito pela sociedade. Considerando que os jovens

são pródigos inventores dessas formas socializadoras que ocorrem em espaços informais, torna-se indispensável conhecer a juventude quanto à sua maneira de ser, pensar e de agir no seu habitat natural que muitas vezes por falta de alternativa é mesmo a escola. Saber de que forma eles descobriram ou tentam descobrir quais as atividades significativas que engrandecem o seu eu, fortalecem a sua autoestima, robustecem a auto-realização, quais as atividades que visam à expansão da sua personalidade passa a ser para os educadores uma exigência de sua própria preparação para o exercício de sua profissão.

Vale dizer que, Antonio Joaquim Severino, relaciona o cotidiano dos jovens aos valores universais. Comungamos da mesma condição de seres carentes que se determinam na direção de uma vida coletiva. Ele discute os pressupostos básicos para o exercício da cidadania. Na realidade são esses valores humanos que vão garantir o convívio social, sem que se perca a individualidade.

O trio de direitos – liberdade, respeito, dignidade – faz parte do artigo 227 da Constituição do Brasil, de 1988 e, é reafirmado no Estatuto da Criança e do Adolescente, quando a liberdade, é considerada como um dos fins da educação nacional. No entanto, a liberdade como valor universal, não é só um merecimento, mais que isso, é uma virtude, que tem como fonte a autoconsciência e para atingi-la o homem precisa redescobrir os seus sentimentos.

É fundamental que o aluno compreenda que este espaço político, que estes direitos, não surgiram por acaso, mas foram historicamente conquistados pelas forças políticas emanadas do povo. É importante incentivar o aluno a construir uma escola com ambiente democrático e politizado, mas tendo como

premissa que liberdade não é aceitar tudo ou questionar tudo. A liberdade deve ter como parâmetro valores que implicam não só em autonomia, mais também em responsabilidade. O cultivo de valores humanos é educação. Essa preparação envolve não só o aspecto do conhecimento das informações científicas, legais, dissuasivas ou motivadoras. Mais que isso, abarca como ação educativa, um conjunto de atividades centradas em torno de situações que põe em jogo pais e filhos, professores e alunos, preceptores e educando. A educação pressupõe comunicação em ambos os sentidos, com expressões de sentimentos, de debates em grupo e de assessoramento individual. A família precisa ser redescoberta. “A educação se constitui em mediação das próprias mediações existenciais dos homens e só pode se efetivar servindo-se de outras mediações”. (SEVERINO, 1994, p. 09).

CAPÍTULO II – O UNIVERSO PESQUISADO

1.2. PERFIL VICENTINO

A ilha de São Vicente compreende os atuais municípios de São Vicente e Santos. Esta ilha era conhecida em sua ocupação colonial por Gohayó, nome tupi que significa separação por força, e foi em 1502 que recebeu o nome atual de ilha de São Vicente. Quase toda a área destes municípios localiza-se na ilha que possui o Porto de Santos, um dos maiores portos da América Latina em termos de cargas. A atual cidade de São Vicente foi formada a partir da primeira vila do Brasil, oficializada em 20 de janeiro de 1532 por Martim Afonso de Souza e foi instalada a 22 de janeiro do mesmo ano.

Veja o mapa a seguir:



Imagem Via Satélite - Ilha São Vicente

Após Martim Afonso oficializar o povoado de São Vicente, Brás Cubas e outros membros de sua comitiva fundaram também o núcleo populacional que viria a ser cidade de Santos. O porto de São Vicente, situado anteriormente na

atual Ponta da Praia, foi transferido para o interior do canal do estuário, local do atual Porto de Santos. A transferência do Porto permitiu a formação da vila santista e em contrapartida, gerou para São Vicente dificuldades que carregou pela história. O Porto de Santos apresentou um grupo de vantagens sobre o Porto de São Vicente, entre elas:

Passagem livre do interior do estuário para o mar através da Barra Grande, com águas mais calmas e mais profundas; local mais abrigado para sítio da própria vila, dotado de maior número de mananciais de água potável; maiores facilidades de ligações com as regiões vizinhas, maior proximidade da rota que demandava o planalto; e, finalmente a localização nas proximidades do local de pequenos, mas prósperos, tratos de terras cultivadas (cana-de-açúcar e culturas de subsistência) da capitania. (ARAÚJO FILHO, 1969, p. 45).

O crescimento econômico da ilha passou a depender cada vez mais do Porto de Santos e do desenvolvimento do planalto. E São Vicente torna-se cidade dormitório.

A cidade de São Vicente faz divisa ao Norte com Santos, ao Sul com a cidade de Praia Grande, Mongaguá e Itanhaém, ao Leste com o Oceano Atlântico e a Oeste com Cubatão, São Bernardo e São Paulo. Sua área corresponde a 146 km², dividida em uma porção de 18 km² na área insular e 117 km² na área continental; tendo ainda 11 km² de rios e canais. Segundo o IBGE sua população é de 320 mil habitantes, observando que a cidade, considerada turística, apresenta um aumento periódico e sazonal de sua população residente em épocas de férias e feriados prolongados. O acesso do Planalto para a região pode ser feito através do Sistema Anchieta – Imigrantes. A rodovia dos Imigrantes atinge o Município cruzando a área urbana da ilha e seguindo em direção à Praia Grande pela transposição do Canal dos Barreiros através da Ponte do Mar Pequeno.

O município é cortado de leste a oeste na ilha e na parte continental pelas linhas da Ferrovia FEROBAN. Em direção oeste a linha liga, São Vicente com Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe; em direção a leste com Santos, e em direção ao norte, chega ao planalto paulistano, ao sul da Grande São Paulo. Entretanto, seu sistema ferroviário se apresenta em condições precárias, tendo sido abandonado por longo período em favor do transporte rodoviário. Atualmente este sistema ferroviário tornou-se alvo de atenção que preconiza sua retomada e modernização. Isto porque, com a crise de combustível poderá voltar a ser importante canal de escoamento de mercadorias para o interior do país. Além disso, a incapacidade do sistema portuário em atender o fluxo de caminhões que formam imensas filas na avenida portuária e em suas adjacências, justifica novas alternativas.

Existem semelhanças ambientais entre os dois municípios da Ilha, que se dão não só pelo fator geográfico, mas também, pelo processo de ocupação e desrespeito ao meio ambiente e poluição, incluindo a poluição através do Porto:

Os impactos gerados pela atividade portuária são muitos, a saber: o esgoto e o lixo, gerados pelos navios, terminais e armazéns; transporte e armazenamento de produtos químicos (enxofre, barrilha, nafta); o vazamento de óleo ocasionado por acidentes ampliados ou durante o abastecimento dos navios; a poluição sonora, do ar, das águas, do solo, dos manguezais; a constante necessidade de dragagem para manutenção da profundidade do cais; o despejo da água de lastro (necessária para estabilizar a embarcação), que pode conter agentes patogênicos e organismos estranhos ao ecossistema local; os problemas gerados pelas atividades retroportuárias (como os terminais de contêineres, e conseqüentemente, a intensificação do tráfego local), que comprometem a relação espacial portuária; a atração de pombos e ratos, espalhando zoonoses, não só na zona portuária, mas por toda região próxima. (NEVES, 2003, p. 36)

Outro ponto semelhante com o município de Santos é a degradação nos manguezais através da ocupação desordenada de favelas sobre palafitas, que

se apresentam ainda de forma crescente nos dois municípios. Essa ocupação iniciou-se em regiões de periferias, a partir da década de 1950. Procurando moradias com baixo custo os trabalhadores passaram a construir casas de madeira sobre os manguezais ao redor da ilha, sem que estas áreas recebessem as devidas estruturas para abrigar a demanda. Sobretudo, era de interesse da população se estabelecer em locais onde não teriam que pagar o terreno e outros encargos taxados pelo governo, como por exemplo, as contas de água e luz.

Muitos desses moradores vieram para a cidade em busca de trabalho na região portuária de Santos ou no pólo industrial de Cubatão, que se iniciava também na década de 1950. Além disso, as obras de saneamento ocorridas no início do século XX, na cidade de Santos, impuseram um novo rumo no sistema habitacional. As regiões mais próximas às praias recebiam cada vez mais segmentos sociais mais abastados, enquanto que a população mais carente procurava aos poucos bairros periféricos de Santos e de São Vicente. A partir da década de 1970, esse deslocamento populacional intensificou-se no sentido Santos - São Vicente, através de propagandas que ofereciam lotes de terra a baixo custo em bairros periféricos de difícil acesso. Essas propagandas eram divulgadas pelo rádio e atraíam as pessoas pela possibilidade da casa própria. No município, além de terrenos com preços mais baixos como atrativo, também se oferecia gratuitamente um milheiro de blocos aos compradores de lotes no bairro da Cidade Náutica, local onde se localiza o Conjunto Habitacional Tancredo Neves e também a E. E. Pastor Alberto Augusto.

O bairro denominado Cidade Náutica não possuía nenhuma infraestrutura, suas ruas não eram asfaltadas, não havia iluminação e nem água

encanada. Segundo a moradora Edna Santos Helfstein, para construir qualquer casa era necessário realizar o aterro do terreno, devido à proximidade com a área de manguezal.

Apesar das casas não serem geminadas, os primeiros terrenos eram vendidos como lotes, na forma de sistema habitacional, já que a planta de construção das casas era a mesma, facilitando a regularização junto à Prefeitura.

Hoje, fica impossível verificar este padrão, as casas foram readaptadas e não apresentam o estilo original. Além do fato de muitas terem sido construídas posteriormente, não participando dos *benefícios* negociados no início de sua ocupação. Mediante o exame da planta demográfica da cidade, comprovamos os efeitos desse processo de aumento populacional em São Vicente. Entre os Censos de 1980 e 1991 o município registrou crescimento de 3,05% ao ano.

Outro ponto importante que contribuiu para esse crescimento populacional foi a construção de um maior número de prédios na região das praias vicentinas, que ainda hoje apresentam um valor mais acessível do que os imóveis vendidos na cidade de Santos. Ou seja, o deslocamento populacional observado a partir da década de 1970, foi mais intenso nos chamados bairros de *periferia*, mas também ocorreram nos chamados bairros *nobres*, junto às praias.

O apontamento deste crescimento no mercado imobiliário a partir da década de 1970 se processou devido a uma nova fase nas atividades econômicas da Baixada Santista. Pode-se dizer que a combinação Porto & Indústria impulsionaram essas transformações. A consolidação do pólo

industrial de Cubatão e a proximidade portuária permitiram o desenvolvimento de uma infra-estrutura articulada para o crescimento econômico. A construção de novos acessos interligando as regiões, como a construção da Rodovia Anchieta, a instalação de novas indústrias e a modernização portuária, exemplificam as transformações.

Entretanto, os impactos sociais no âmbito da cidade não foram calculados. A Baixada Santista passou a receber um número alto de migrantes a procura de trabalho e São Vicente cumpriu principalmente, o papel de lócus de acomodação da expansão residencial. Dentro deste papel de cidade-dormitório, segundo o Censo de 1991, com relação ao rendimento médio mensal dos chefes de domicílio, que deixa claro a estrutura de extrema pobreza do município com relação aos rendimentos auferidos pelos chefes dos domicílios recenseados. Para mais de 2/3 (70,95%) da população recenseada, o rendimento dos chefes de família não atinge cinco salários mínimos, sendo que declararam não possuir rendimento algum 4,16% das pessoas recenseadas, ocupando 4,0% dos domicílios.

Hoje, vivenciamos na cidade de São Vicente um novo momento econômico, quando se apresenta um aumento comercial significativo, gerando mais empregos e aumentando a arrecadação de impostos. Diferente do que acontece em Santos, onde ocorre uma descentralização dos centros comerciais, em São Vicente acontece o inverso, uma ativação do bairro do centro com um crescente aumento de lojas. Não é difícil ouvir comentários, ao conversar com os vicentinos, de que seu centro comercial está parecendo a *25 de março*, uma rua localizada em São Paulo (capital), de grande atividade comercial.

Não podemos prever ainda os efeitos concretos dessas transformações. Sobretudo, se os recursos gerados por este desenvolvimento serão efetivamente aplicados em benefício de sua população. O que constatamos é que, de forma diferente, as duas cidades da Ilha de São Vicente estão sofrendo mutações de acordo com as imposições do mercado neoliberal. A descentralização comercial que vem se processando em Santos, pode ser considerada como um dos efeitos negativos impostos pela globalização. Enquanto que, ao mesmo tempo, contribui para que em São Vicente ocorra um fator positivo do desenvolvimento característico do impacto global, mesmo que seja no setor econômico e não diretamente social.

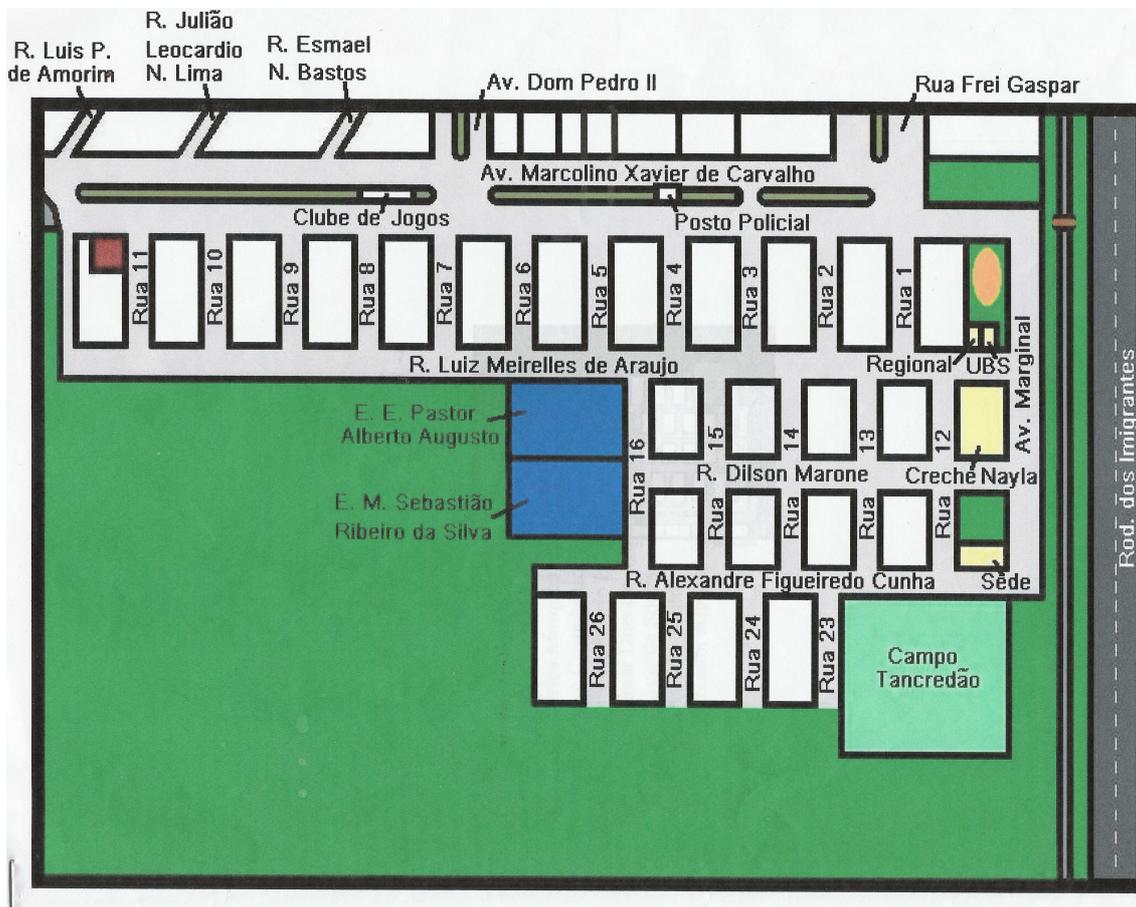
Além disso, muitos desempregados, incluindo os que trabalhavam em Santos - não esquecendo que São Vicente era uma cidade dormitório - desenvolveram nos bairros de periferia pequenos comércios, fruto do trabalho informal representando a saída que os trabalhadores portuários encontraram para o desemprego estrutural que os atingiu. Com efeito, estudos apontam para isso:

Na região metropolitana da Baixada Santista desenvolveram-se atividades portuárias, industriais e turísticas. Com vocações tão antagônicas, sobretudo sob a ótica ambientalista, faz-se necessário estabelecer planos de ação que as tornem compatíveis e harmônicas, de modo a não “engessar” o desenvolvimento local. Atingida por alto índice de desemprego após a modernização do porto e pelas transformações ocorridas no parque industrial de Cubatão, a Baixada Santista carece de um plano de combate à pobreza, com o reaquecimento da economia. (NEVES, 2003, p. 38).

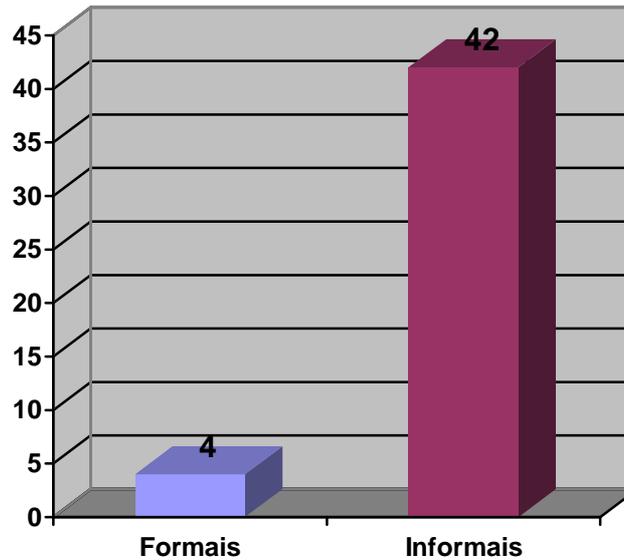
No Conjunto Habitacional Tancredo Neves, onde se localiza a escola analisada, podemos confirmar o crescente número de estabelecimentos informais durante os últimos anos. Segundo o Senhor Geraldo, um dos primeiros moradores, poucos desenvolviam atividades comerciais informais nos

primeiros anos de habitação no conjunto. Hoje verificamos, através de um levantamento feito para este estudo, que muitos moradores, atingidos pelas mudanças estruturais do Porto partiram para a informalidade. Em todas as ruas do Conjunto verificamos algum tipo de comércio informal, alguns mais precários, outros bem estruturados.

Veja o mapa e o gráfico a seguir:



Croqui - Conjunto Tancredo Neves



Pela planta podemos observar a composição do Conjunto, com pequenas quadras, que compõem um total de vinte e seis ruas. Em seguida, observamos na tabela o número de estabelecimentos comerciais. A maioria do comércio é informal, e os estabelecimentos se distribuem por todo o conjunto. Verificamos que as observações do morador, Geraldo, quanto ao crescente desenvolvimento do comércio, são verdadeiras.

Ressaltar o perfil global do município permite enfatizar como os processos de modernização portuária transformam não só a cidade em que se localiza o Porto, mas também todos aqueles que de alguma forma se beneficiam através de sua existência. E, sobretudo frisar que tudo o que é importante para a cidade se transforma em algum tipo de saber e serve de algum modo para ensinar. A cidade, neste contexto, é entendida como:

A cidade que vive é aquela que resulta dos fatos cotidianos, das perspectivas que se vêem através da janela, dos ambientes dos dias de festa (...). Mas também é a cidade descoberta nas primeiras emoções das ruas, a criada pelas lembranças e pelas imagens que se transmitem no ambiente familiar (...). A cidade é a melhor oferta educativa ao alcance de todos, e sua descoberta constitui uma verdadeira aventura, às vezes, agradável, outras nem tanto, para seus habitantes. (CABEZUDO, 2004, p. 14)

São Vicente é uma cidade contraditória por tradição. Apesar de ser a primeira vila do Brasil, só recentemente deu passos no sentido de preservar seu passado. Apesar de suas favelas ou da baixa renda de grande parte da população, é apontada como uma das maiores da baixada em crescimento comercial.

De acordo com o Censo Demográfico do IBGE de 2000, a Baixada tem, proporcionalmente, mais famílias com baixos rendimentos. No Estado, o percentual é de 9,55% contra 10,1% da região.

Na região da Baixada Santista é possível encontrar índices de primeiro mundo e outros que se equiparam aos dos países subdesenvolvidos.

Essa desigualdade, dentro da perspectiva do mundo globalizado poderia caminhar em duas direções: rumo à competição para consolidar seu capital ou rumo à cooperação regional, quando as cidades se unem para estabelecer uma rede beneficiadora para a região. A primeira acaba por exaltar a desigualdade e a segunda tenta apontar uma solução que quase sempre resulta em políticas da desigualdade.

Neste caso o que observamos é que a Região Metropolitana da Baixada Santista, criada em 1995, demonstra a intenção de cooperação entre os municípios da região, em grande parte por consequência e imposição da Lei 8630/93, a chamada Lei de modernização Portuária.

Embora saibamos que dentro do mundo globalizado a concorrência é fator essencial entre as cidades, e que a cooperação se desenrola em proporções diferenciadas entre os municípios, como afirma Ortiz: “A globalização das sociedades e a mundialização da cultura rompe com a

integridade espacial tornando cada vez mais difícil discernir os limites de cada povo ou cultura” (ORTIZ, 1998, p. 271). Em vista do exposto, concordamos com Marcondes que: “Neste novo contexto, a educação escolar necessita ser reinterpretada, em face da perda de referência da cultura educacional clássica”. (MARCONDES, 2006, p. 99).

2.2. Educação Vicentina

A Companhia de Jesus representou para São Vicente, e para o Brasil a base de nossa educação. Formada por poucos, mas ardorosos membros que em 1540, preocupados em revigorar a fé católica através da educação, chegaram ao Brasil em 1549, junto com Tomé de Sousa, liderados pelo Padre Manoel da Nóbrega.

A primeira escola fundada em São Vicente foi o Colégio dos Meninos de Jesus, pelo Padre Leonardo Nunes, em 1549. Mas a escola só foi inaugurada em 1553, pelo Padre Manoel da Nóbrega. Francisco Martins (1986) destaca:

Foram os seus paupérrimos colégios, a partir de Leonardo Nunes e do colégio de S. Vicente (1549), que produziram a conversão de Pero Correia e a conquista catequética dos caiurás e carijós (tupiniquins do sul vicentino), e dos goianases, tapanhumos e miramomis do norte e leste, compreendendo chefes e guerreiros. Foram os seus postos de catequese que reduziram a indiarada paulista (vicentina) à colaboração ampla e à participação na vida agrícola e social dos portugueses e brasileiros, transformando-os em bases étnicas das melhores e maiores famílias da grande colônia.
(p. 131 V. I)

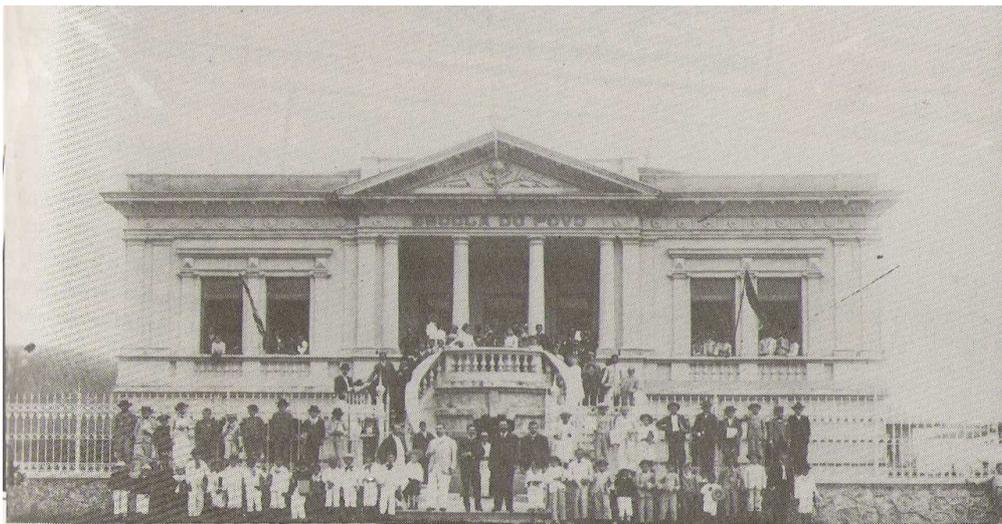
No século XVIII, os registros demonstram uma pequena ampliação do ensino em São Vicente, impulsionado pelo Padre Manuel Gomes Loureiro. Contudo, é no século XIX que a conhecida *escola do povo* ganha evidência:

Em 1895 começa um movimento entre os habitantes de São Vicente, que formam uma Sociedade Civil, para a construção do prédio da “Escola do Povo”. Em 1896 a Escola funcionava

no Largo Batista Pereira, mudou-se depois para a Rua XV de Novembro. Finalmente em 1898, a Escola do Povo, mudou-se para prédio próprio, na Praça Cel. Lopes. (POLIANTÉIA, 1982, p. 149).

Atualmente o prédio abriga a Diretoria Regional de Ensino de São Vicente pertencendo ao Governo do Estado. Em sua jurisdição administra o ensino estadual de cinco cidades: São Vicente, Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe. O prédio passou para a administração do Estado em 1913. Sua fachada ainda representa a arquitetura de sua construção; no interior tendo passado por uma recente reforma, sua estrutura foi adequada às necessidades de espaço da diretoria, não demonstrando uma preocupação de preservação histórica de acordo com a planta original.

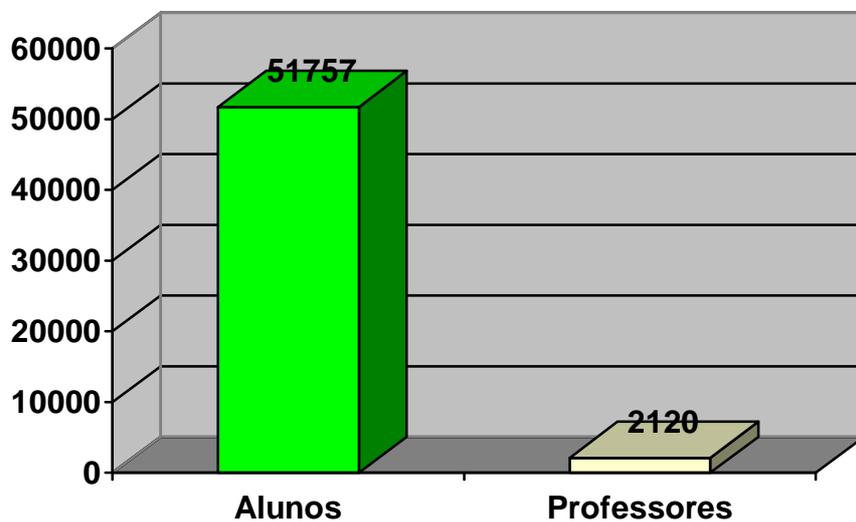
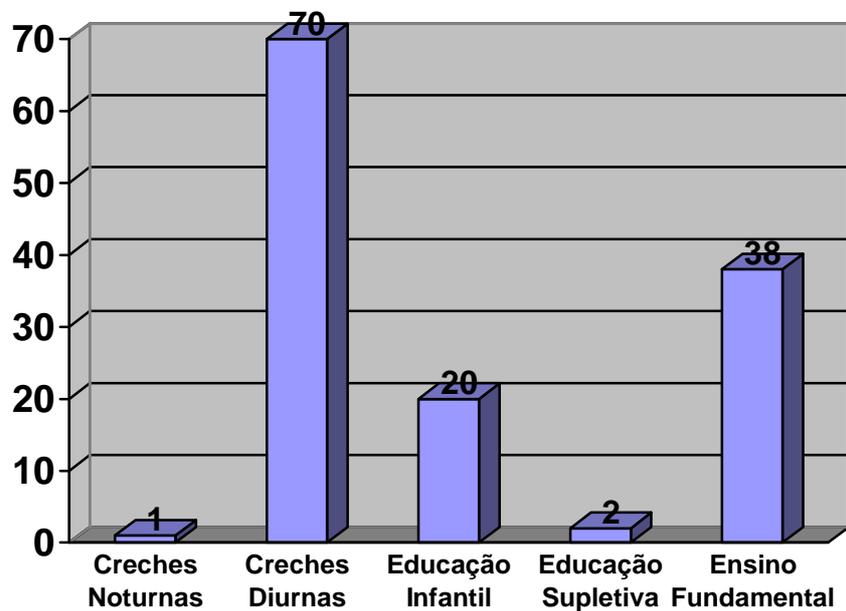
Segundo um artigo publicado em 2004, no jornal A Tribuna, a *Escola do Povo* teria sido fundada *no armazém denominado “secos e molhados” do capitão Antão Alves de Moura, quando um grupo de cidadãos vicentinos decidiu fundá-la. A maioria pertencia à Loja Fraternidade de Santos (maçônica).*



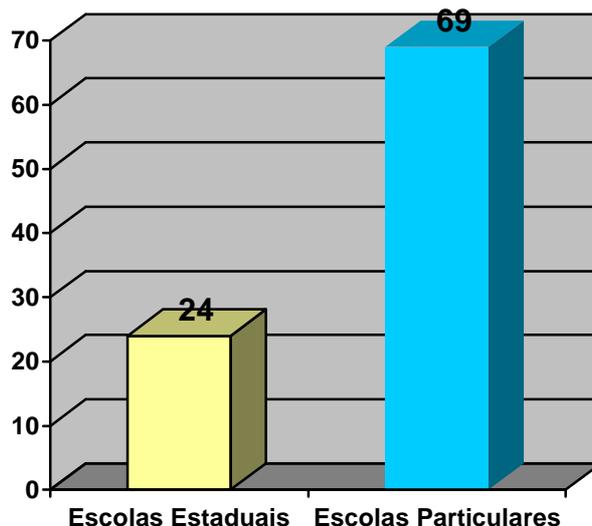
Escola do Povo – Poliantéia Vicentina

Hoje a educação em São Vicente apresenta um crescente desenvolvimento, no sentido de ofertas de instituições de ensino. A rede de

ensino da cidade demonstra um alto índice de escolaridade. Segundo dados da Secretaria de Educação a rede municipal apresenta a seguinte estruturação:



Além disso, existem, no município, outros estabelecimentos vinculados a outros setores da educação:



Certamente o número de estabelecimentos de ensino não é o reflexo da qualidade na educação. Fator comum na sociedade brasileira. O acesso à educação no Estado de São Paulo é um exemplo do investimento na quantificação de estabelecimentos. Durante as últimas décadas, o principal objetivo dos diferentes governantes era o de ampliar o número de estabelecimentos de ensino. Agora, levanta-se em diferentes setores a importância de se investir na qualidade da instrução, no desenvolvimento de medidas que visem realmente um aprimoramento do ensino-aprendizagem.

Se analisarmos, por exemplo, o aumento do número de creches verifica-se que em 1996 era de 13 unidades e, atualmente é de 71, sendo uma unidade noturna. A proposta de atendimento da prefeitura é de que pequenas unidades distribuídas nos diversos bairros da cidade podem possibilitar um acesso maior, sem que as famílias precisem de grandes locomoções. Além disso, facilita na administração individual de cada unidade o *pequeno* número de crianças. Entretanto, quando se analisa a estrutura interna das creches, verifica-se que os profissionais contratados não são *qualificados*. Muitos não

possuem Ensino Médio completo e também não recebem nenhum tipo de treinamento qualificado para atender as crianças, reforçando mais uma vez a preocupação com a ampliação do acesso e não com a *qualidade* do ensino.

2.3. O Bairro: aspectos sociais da realidade pesquisada

Conhecer um pouco da história dessa comunidade, da instituição pesquisada e em especial, o perfil dos sujeitos que dela fazem parte, é fundamental para a compreensão da cultura local. Antes de sua ocupação, o local em que se encontra o Conjunto Habitacional Tancredo Neves, situado no Bairro Cidade Náutica em São Vicente, era uma região de vasto manguezal, que foi aterrada com areia dos rios próximos, (principalmente do Rio Casqueiro), para a construção de um projeto habitacional. O Bairro da Cidade Náutica é um dos maiores bairros da cidade de São Vicente. Sua ocupação iniciou-se principalmente a partir da década de 50 do século passado, quando os primeiros moradores compraram os primeiros terrenos. Passou a ser mais conhecido por volta da década de setenta com a inauguração da Rodovia dos Imigrantes. Já naquele momento, era possível verificar o grau de dificuldades do bairro, em artigo produzido por alunos do curso de jornalismo para a agência Facos por ocasião da reinauguração deste projeto por autoridades locais compreendido pela extensão entre São Paulo, São Vicente pode-se ler o seguinte relato:

O grupo viu, esparramados durante o trajeto, adolescentes trabalhando na obra. Ao final da jornada – depois de adiado a cada viaduto percorrido – quando o ônibus trafegava por avenida que atravessa uma favela da Cidade Náutica, alguém comentou: “Que impacto sentirá o usuário da rodovia, ao deparar com estas favelas!”. (Enviado especial: Amaury A. Santos. Edição 57 – Ano III – 11/05/1976).

No limite entre o bairro e a Rodovia dos Imigrantes foi construído em 1987 o Conjunto Habitacional Tancredo Neves, sob a responsabilidade da COHAB. Veja a foto abaixo:



O projeto de construção foi dividido em três etapas, mas apenas duas foram concluídas, sendo que a terceira só consta nas plantas originais da COHAB.

A primeira etapa foi entregue em 1987. Várias famílias foram contempladas com moradias e prestações acessíveis às comunidades de baixa renda, tendo cada unidade uma área equivalente a 60 m².

Este projeto criado pela COHAB, teve inscrições abertas no Teatro Municipal de Santos. O sorteio das casas foi realizado no Sindicato dos Operários, também em Santos, onde famílias pegavam um papel em uma urna que constava o bloco e o número da casa. Depois, os sorteados precisavam comparecer à sede da COHAB com os documentos necessários, o comprovante do sorteio e o pagamento de uma taxa de ocupação; só assim, estavam aptos para pegar a chave. Entretanto, a COHAB estipulou um prazo de 30 dias para que os sorteados se mudassem caso contrário, ela pegaria a

casa de volta. Apesar das inscrições serem abertas, a maioria dos primeiros moradores provinha da cidade de Santos, e eram trabalhadores portuários.

As casas foram entregues seguindo a numeração crescente das ruas. Segundo a moradora D^a. Selma Regina Moura Silva, que foi a segunda moradora a chegar à rua cinco, a expectativa na entrega de cada rua era muito grande, assim como a felicidade em adquirir a casa própria.

A segunda etapa do Conjunto começou a ser entregue em junho de 1990, tendo como primeiro morador deste bloco o Sr. Geraldo Pereira da Silva, mais conhecido na comunidade como Devagar. Ele nos conta com prazer detalhes da ocupação do Conjunto e principalmente sobre a E.E. Pastor Alberto Augusto onde trabalha desde sua inauguração: “A comunidade teve que se unir para buscar melhorias, como foi o caso da escola, construída depois da solicitação dos moradores. Essa conquista, mesmo tendo suas dificuldades, com pouco material e poucos funcionários, representou uma vitória”.

Através do relato dos moradores mais antigos verificamos as transformações que envolveram o Conjunto e a escola. As ruas não eram asfaltadas, eram de terra batida, só em 1989 foram feitos os primeiros calçamentos. As casas eram iguais, com identificações através de números seqüenciais. Não tinha ponto final de ônibus e nem de lotações, o ponto mais próximo era na Avenida Castelo Branco esquina com a Rua Doutor Wenceslau Braz, fora do conjunto, onde passavam as linhas 03, 05, 21 e 24.

Novas normas habitacionais foram implantadas pela Lei Federal nº 10.150, de 21 de dezembro de 2000. A Lei trata das transferências de financiamento e quitação de saldo devedor, no âmbito do Sistema Financeiro

da Habitação – SFH, da Lei nº 8.100, de 05/12/1990, que disciplina a cobertura do Fundo de Compensação das Variações Salariais – FCVS.

A nova legislação permitiu que os financiamentos realizados até 05 de dezembro de 1990, inclusive contendo cláusula contratual prevendo cobertura do saldo devedor residual pelo FCVS, pudessem ser liquidados antecipadamente com desconto de 100% ou de 50% sobre o saldo devedor atualizado, ou de liquidação pelo Valor Atual das Prestações Vincendas, ou de liquidação com desconto de 70% sobre o saldo devedor atualizado, ou de cobertura no decurso de prazo. Com a nova legislação os moradores do primeiro bloco, entregue em 1987, puderam quitar seu financiamento.

Em 2007, o Conjunto se apresenta como uma comunidade carente. O maior reflexo deste quadro foi observado durante a primeira visita. A maioria das residências aparenta estar da mesma forma como lhes foi entregue, com o castigo do tempo e sem reformas. Não é difícil pensar que parece um novo modelo de favela, sem a madeira ou as palafitas como tantas favelas na cidade, mas com a mesma carência e desordem.

Segundo seus moradores o transporte coletivo melhorou bastante, é atendido por linhas que fazem seu ponto final no próprio conjunto, sendo elas: 03, 05, 21 e 24. Além disso, conta com as linhas 105, 04 e 06, que no seu trajeto cruzam a Avenida Marcolino Xavier de Carvalho, principal Avenida do Conjunto. Outro destaque neste setor é o ponto fixo de lotações que permitem acesso rápido aos principais centros comerciais da cidade, com valor de passagem mais acessível.

O comércio também se estendeu, tendo um supermercado de médio porte e lojas de diversos produtos. O Conjunto apresenta o perfil da

descentralização provocada pela globalização, a formação de um pequeno comércio formal e a ampliação do mercado informal.

Os estabelecimentos informais são organizados nas garagens das residências, a geração de emprego também é restrita, já que são conduzidos pelos familiares. O maior empregador é o Supermercado Almeida Rocha que dá preferência por contratar funcionários que residam próximo ao local. Em 2005, foi realizado através dos alunos um levantamento acerca das profissões de duzentos e trinta e um pais. Constatou-se uma diversidade muito grande de profissões em um total de sessenta e sete atividades, sendo cerca de 50% de atividades informais. Além disso, foram entrevistadas duzentos e sessenta mulheres. Dessas, cem se consideram do lar e cento e sessenta trabalham em atividades diversas. Estes dados demonstram a necessidade de reformulação que as famílias passaram a desenvolver e suas novas estruturas. A saída da mulher para o mercado de trabalho amplia seus horizontes, mas conseqüentemente os seus filhos permanecem muito tempo sozinhos em casa ou na rua.

Comparando os dados apontados pela pesquisa com o depoimento dos primeiros moradores, verificamos uma mudança no perfil da comunidade. No início de sua ocupação a maioria dos moradores homens eram trabalhadores portuários e as mulheres donas de casa. Hoje, verificamos que o processo de enxugamento de mão de obra portuária refletiu diretamente no modo de trabalho dos moradores do Conjunto, acarretando não só em uma diversidade de atividades, mais ampliando o trabalho informal. Neste contexto de informalidade a vice-diretora da escola, aborda alguns dos efeitos por ela observados, tais como: crianças carentes de um modo geral, muitas vezes

desnutridas, provenientes de lares desfeitos ou desestruturados, muitos criados pelos avós ou abandonados durante o dia, em virtude do trabalho dos pais, o que também justifica o alto índice de jovens envolvidos com drogas e com facções do narcotráfico.

Na educação, o Conjunto conta, atualmente, com três estabelecimentos de ensino: a Creche Nayla (parceria de uma ONG com o poder municipal), a Escola Municipal Sebastião Ribeiro da Silva, de ensino fundamental (1ª a 4ª série), e a Escola Estadual Pastor Alberto Augusto de ensino fundamental e médio, incluindo o EJA (Educação de Jovens e Adultos).

A Creche Nayla traz de presente para a comunidade uma história de grande amor e dedicação, que é motivo de orgulho para todos os alunos que passam pela instituição e para todos os pais que por ela foram acolhidos. O resumo desta história encontra-se no anexo deste trabalho.

No setor da saúde existe um Posto de Atendimento com algumas especialidades: clínica geral, pediatria, odontologia e ginecologia. Alguns exames laboratoriais são realizados no posto, entretanto a população reclama da demora na marcação de consultas e na entrega dos resultados dos exames.

Na Avenida Marcolino Xavier de Carvalho existe um pequeno Posto Policial, no entanto, este local não é utilizado constantemente, serve apenas como ponto de passagem para as viaturas em ronda. A comunidade reclama dos poucos investimentos por parte da prefeitura. As vias públicas carecem de melhor conservação e sinalização, além da falta de recreação para os jovens, que é outra queixa da população local. A falta de lazer é apontada como um dos fatores que aprofundam a instabilidade social, canalizando a energia dos jovens para a violência e criminalidade. Recentemente a prefeitura construiu

uma pracinha com uma quadra de esportes nas proximidades do Conjunto, no entanto, muitos reclamam que o ambiente é freqüentado por turmas envolvidas com drogas, além da falta de policiamento para inibir tal situação. No ano passado (2006) por conta dos atentados provocados por uma facção criminosa no estado de São Paulo, o Conjunto vivenciou ataques diretos de criminosos e de represálias policiais. Incluindo a morte de um dos alunos do terceiro ano do ensino médio da E. E. Pastor Alberto Augusto, que revoltou toda a comunidade. O aluno não pertencia ao mundo do crime e nem era policial, simplesmente foi vitimado por não cumprir o horário do toque de recolher imposto pela facção, pois saiu mais tarde da casa de sua namorada que se distanciava apenas uma quadra da sua. Era jogador profissional e estava apenas esperando terminar o ano letivo para mudar para sede de um time do interior.

Conforme observado o futebol é muito presente no Conjunto e o sucesso do jogador conhecido como “Robinho”, que foi morador do Conjunto, é um diferencial e referência para os jovens.



Robinho antes da fama com crianças e jovens no Conjunto Tancredo Neves

Existe um campo de futebol do Clube Três Estrelas, onde funciona uma escolinha de futebol chamada *Bom de Bola, Bom de Nota*, que atende as crianças da comunidade e faz o acompanhamento escolar através do boletim com as notas. Nos finais de semana a grande atração de lazer era a “Escola da Família” nas dependências da E. E. Pastor Alberto Augusto, local em que toda comunidade podia desenvolver várias atividades esportivas e cursos de aperfeiçoamento, no entanto, o projeto foi suspenso na unidade no final de 2006, por conta de uma redução de custos da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Os moradores do Conjunto demonstram um sentimento contraditório pelo local. A primeira sensação é de que aquele espaço é como uma micro-cidade dentro de São Vicente, um sentimento de segregação e ao mesmo tempo de união. Um dos fatos que apontam este sentimento é quando se referem à região central do município, onde se localiza o centro comercial. É comum se expressarem dizendo: *vamos a São Vicente*. Como se não morassem no município. Além disso, falam abertamente de seus anseios em voltar para Santos, ou de simplesmente ir para outro local da Cidade Náutica, longe do Conjunto. Seus motivos justificam-se pela violência vinculada ao narcotráfico. Vários jovens envolvem-se com drogas e partem para o submundo do crime.

2.4. A Escola: os sujeitos da pesquisa

A Escola Estadual Pastor Alberto Augusto foi inaugurada em 1988, através o decreto nº 28.196, publicado em Diário Oficial em 29/01/1988. Um ano depois da inauguração do Conjunto Habitacional Tancredo Neves.

Analisando as primeiras atas foi constatado que a construção da escola foi fruto de um movimento popular liderado por uma das moradoras, conhecida como D. Cândida.

Não se sabe exatamente a história de D. Cândida. Segundo o depoimento do Sr. Geraldo, ela era viúva de um trabalhador portuário. Desde que ela chegou ao conjunto procurou organizar os moradores em busca de melhorias. Além disso, desenvolvia a atividade de *corretora informal*, intermediando a venda e a compra de casas no local. Acabou falecendo e não se tem notícia de sua família. O primeiro nome da escola era *Conjunto Habitacional Tancredo Neves*, mas em 1991 foi alterado. A mudança de nome representava uma homenagem ao pastor que desenvolveu várias atividades vinculadas à Igreja Batista. Entretanto, os moradores não o conheciam, o que demonstra que a mudança deveu-se a questões políticas e não sociais. A biografia do Pastor Alberto Augusto só foi conhecida quando sua esposa descobriu que existia uma rua com seu nome e enviou uma carta para uma amiga residente na região, em 23/12/1991. Através da carta relatou a biografia do pastor e anexou sua foto. Não se sabe exatamente como esta carta veio parar nas dependências da Escola, pois foi achada em meio a papéis diversos.

Em 13 de fevereiro de 2003, a escola recebeu uma outra carta, agora de uma das filhas do Pastor:

Sou professora aposentada e recebo as publicações da APEOESP. Ontem, recebi o jornal da mesma e, qual não foi minha surpresa, ao ler os nomes da Diretoria da APEOESP, encontrar o nome da Professora Margarida Maria de Oliveira, dessa Escola, que tem o nome do meu pai, Alberto Augusto, que, por coincidência, faria 97 anos, hoje, se estivesse vivo! Meus irmãos e eu sabíamos da existência de uma rua, com o nome dele. Acharmos que, a escola seria nessa rua, mas, não têm nada a ver... (AICELY AUGUSTO CHAVES, 23/02/2003).

A carta comprova que mesmo a família do Pastor não sabe os motivos que levaram o poder público a denominar a Escola com o nome de seu pai. O que pode evidenciar que foi uma escolha política, até porque, outras escolas em São Vicente, durante o mesmo período, também receberam o nome de pastores da Igreja Batista.

E. E. Pastor Alberto Augusto está localizada na rua dezessete s/nº, no Conjunto Tancredo Neves, no bairro da Cidade Náutica. Apesar de sua localização fazer parte da área periférica da cidade de São Vicente é considerada pelos órgãos públicos como área urbana.

Segundo o Regimento da Escola, a unidade mantém:

I - Ensino Fundamental – Ciclo II (5ª à 8ª série)

II - Ensino Médio

III- Suplência II – (5ª à 8ª série)

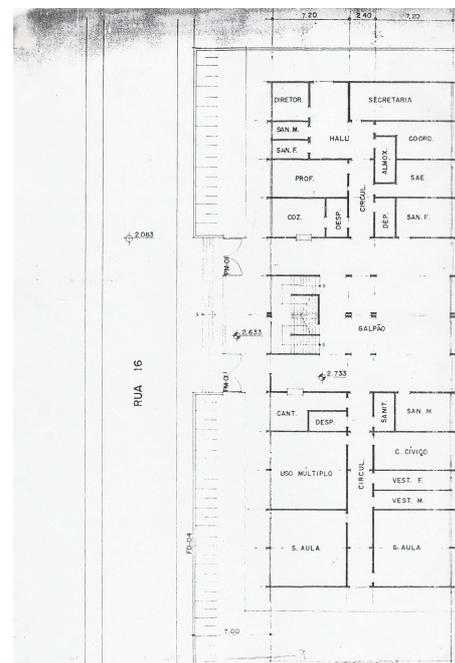
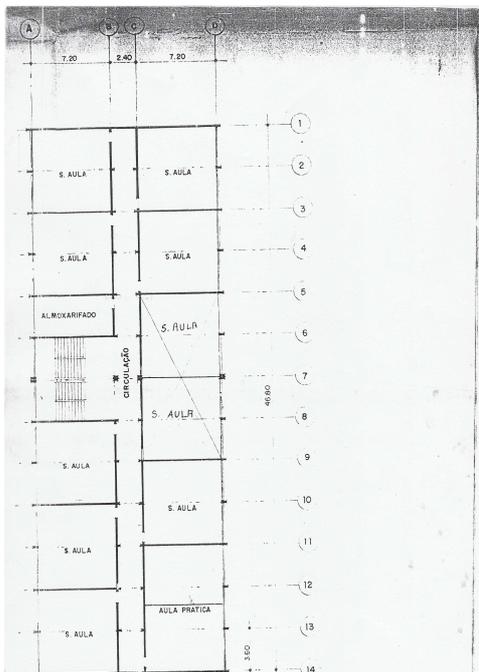
IV- Suplência – Ensino Médio

O prédio atual da escola não é o mesmo de sua construção, várias modificações foram feitas ao longo dos anos, descaracterizando toda planta original. Ao analisar, verificamos que o prédio foi projetado para atender mais adequadamente os alunos possuindo vestiários, centro cívico e amplas salas. No entanto, ao pesquisar a documentação da escola observamos que a demanda de alunos provocou sérias transformações. A unidade chegou a funcionar com 48 salas de aulas em três períodos, atendendo alunos do fundamental I e do fundamental II. Para atender esta quantidade de alunos foram necessárias algumas modificações no prédio, os ambientes alternativos foram transformados em sala de aula. Em 1988 as salas do fundamental I

foram transferidas para a Escola Municipal Sebastião Ribeiro, construída ao lado da escola estadual. A municipalização deste ciclo provocou a diminuição drástica do número de salas, e muitos professores vinculados ao estado ficaram desempregados.

Hoje o prédio é composto internamente por onze salas de aulas no piso superior e onze salas no piso inferior, que são distribuídas em diferentes setores. Externamente existe uma quadra descoberta, um grande estacionamento, uma horta e a casa do caseiro.

Veja os croquis a seguir:



Primeiro croqui do prédio

Observando as aulas na quadra podemos perceber o entusiasmo dos jovens em participar de diversos esportes, principalmente do futsal, quando meninos e meninas atuam em turmas de treinamento. Contudo, ao saírem da aula, ainda cansados do esforço e bastante suados, precisam subir para as demais aulas do período. Passam pelo banheiro, se banham superficialmente nas torneiras, passam desodorantes para inibir o suor e voltam para as aulas, ainda bastante agitados. Aos poucos, acalmam-se e voltam a se centrar nas atividades dos demais professores, já se passando praticamente metade da aula.

Além do vestiário outros ambientes foram transformados em salas de aula, como o centro cívico, local que hoje poderia estar abrigando o grêmio estudantil, que recentemente foi implantado (2006) e ainda não conseguiu uma sala para desenvolver suas reuniões.

A reestruturação do prédio se deu dentro da área edificada, em nenhum momento a área externa foi utilizada para ampliações. Além do custo menor, pois não teriam que erguer um novo complexo, demonstra em um primeiro momento que a maior preocupação foi em acomodar um maior número de estudantes e não de preservar uma estrutura adequada às suas necessidades. Podemos pontuar esta observação considerando que a área externa é bastante ampla e poderia acomodar uma ampliação estrutural.

Na proposta pedagógica da escola pode ser constatado que ficou estabelecida a relação entre a escola e a comunidade, assim como a caracterização do meio social, econômico e cultural na qual esta inserida. Fundamenta seus objetivos na Educação Nacional e admite como base teórica

de seu trabalho a concepção sócio-construtivista. Pontua como política escolar a formação do cidadão crítico, dentro de um processo de autodesenvolvimento.

A escola adota o regime de progressão continuada de 5ª a 8ª série. No Ensino Médio o aluno que apresentar rendimento insatisfatório em mais de três disciplinas ficará classificado na mesma série. A avaliação é contínua aplicada com base em no mínimo quatro instrumentos diferenciados.

O acesso externo é feito por dois portões, um para cada lado da escola, já o acesso interno ao prédio pode ser feito por quatro portões, mas apenas dois são abertos diariamente durante os horários de entrada dos jovens. Durante todo horário de aulas os portões permanecem sempre trancados. É preciso um funcionário para abri-los e fechá-los sempre que necessário.

Ao entrar no prédio chamam a atenção os portões que cercam todo o pátio, incluindo o que dá acesso às salas de aulas. A inspetora justifica que é a única maneira de controlar os alunos, para que não fiquem escondidos durante as aulas e também para que não depredem nada durante os recreios.

Desde sua fundação a escola atendeu no diurno a um público composto basicamente de moradores do próprio bairro, com exceção do período noturno, que por ser composto de salas do EJA (Educação de Jovens e Adultos) atende a um público mais diversificado, de vários bairros da cidade.

O Ensino Médio regular é oferecido no período diurno e no noturno. Ocupa três salas durante a manhã, sendo dois primeiros anos e um segundo. No noturno oferece o terceiro ano, atendendo a um total de 140 alunos neste nível. O número pequeno de salas se deve ao fato de que o Ensino Médio só foi implantado nesta unidade em 2004, tendo no ano de 2006 a primeira turma

de formandos. Segundo a coordenadora pedagógica da escola, além dos pedidos da comunidade para a criação deste ciclo, também houve um incentivo por parte do corpo docente e dos gestores, que tinham medo de que a escola fosse municipalizada, caso ela continuasse apenas atendendo ao público do ensino fundamental regular.

CAPÍTULO III- CULTURA DOS JOVENS

3.1. Construção da Categoria Adolescente

Para compreender o jovem no contexto desta pesquisa se fez necessário esclarecer que este jovem é denominado adolescente pela faixa etária a qual pertence e pelo processo de construção e re-significação que permeia seu ambiente.

Historicamente a categoria adolescente é bastante recente, surge no pós-guerra quando o jovem passa a ser visto como um consumidor potencial pelo mercado. Neste contexto, ressaltamos o historiador Philippe Ariès (1960) que em seu livro intitulado História Social da Criança e da Família, publicado em 1960, elucida a consolidação da adolescência como uma categoria social na modernidade. Ariès acrescenta que a adolescência foi confundida com a infância até o século XVIII, firmando-se efetivamente apenas no século XX, principalmente após a Primeira Guerra Mundial: “daí em diante, a adolescência se expandiria, empurrando a infância para trás e a maturidade para frente tornado-se tema literário e foco de preocupação entre políticos e moralistas”. (ARIÈS, 1978, p. 41). O autor esclarece ainda, que a distinção entre o período final da infância (por volta dos 12 ou 13 anos de idade) e a adolescência decorreu:

[...] do estabelecimento progressivo e tardio de uma relação entre a idade e a classe escolar. Até o início do século XVIII crianças a partir de 10 anos a jovens com 25 anos freqüentavam as mesmas classes; e, até o início do século XIX, não se fazia distinção entre a segunda infância e a adolescência. (ARIÈS, 1978, p. 176)

Outro autor que se refere a dimensão sócio-histórica da juventude, ressaltando a diversidade envolvida nesse fenômeno é Schimidt (2001), que ilustra essa questão, por meio da seguinte afirmação:

Os conceitos de juventude e adolescência indicam fenômenos históricos e sociais (não existem do mesmo modo em todas as épocas históricas e em todos os meios de uma determinada sociedade), com diversidades internas (os segmentos juvenis de uma mesma geração podem ser, em algumas dimensões, tão diferentes entre si quanto de uma geração para outra), mas cujos componentes compartilham elementos culturais e atitudinais comuns, próprios da sua geração. (p. 186).

Entretanto, alguns elementos apontados por teorizações proferidas no campo da medicina demonstram uma faixa etária mais flexível. Para o médico psiquiatra, Jairo Bouer (2005) não se pode estabelecer uma idade exata de entrada ou de saída desta categoria. São as características socioculturais do meio no qual este jovem está inserido que a determinam. Percebe-se, atualmente, que tem início precocemente e prorroga-se por mais tempo. Do ponto de vista físico, há transformações biológicas na puberdade (12 a 15 anos), mas as questões sócio-culturais são mais marcantes. Para Bouer há causas biológicas, determinadas pelas mudanças hormonais, mas que são passageiras. Psicologicamente, trata-se de uma fase de ruptura, principalmente com a família e a escola que, até então, exerciam forte influência sobre a criança.

Reiterando esta concepção, a médica santista Márcia Faria Rodrigues, que tem uma especialidade ainda pouco conhecida, a hebiatria (médica que trabalha principalmente com jovens) ressalta que são as características físicas e o desenvolvimento psicológico que irão determinar a categoria adolescente, e afirma: “o adolescente é o legítimo menor abandonado. Ninguém lembra dele”.

(RODRIGUES, 2007, p. 06). Contudo, a Sociedade Brasileira de Pediatria define adolescência como a fase entre 11 e 18 anos. Sendo assim, de acordo com as idéias anteriores, consideramos a adolescência um segmento amplo. Evidencia-se o fato de que o conceito de adolescência tem um sentido institucional e outro para os que lidam com sua complexidade. O psicanalista e psiquiatra Jorge Forbes, nascido em Santos, estuda há dez anos os efeitos que a globalização traz na identidade, no laço social, no amor, no trabalho e nos demais segmentos que afetam os jovens. Para Forbes (2007):

Em um primeiro momento, a liberdade que a globalização trouxe foi muito bem-vinda, mas, a partir daí, a sociedade voltou atrás porque ficou apavorada com a falta de segurança que a ausência de padrões provoca. (...) Já existe um novo laço social, a sociedade não espera nossa autorização. A globalização já se deu. Em face disso, temos que ser rápidos. Devemos olhar um pouco como Fleming, ao descobrir que tinha a solução da penicilina em suas mãos, que era só pegar o que estava em estado bruto (o bolor) e refiná-lo. A meu ver, devemos nos questionar sobre falsos medos. (p. 07).

O jovem necessita redefinir papéis e limites e isso provoca uma necessidade de *desconfiar* das posições familiares e escolares, não se trata, portanto, de mera contestação, mas de necessidade de redefinição do *eu* identitário. A relação do jovem com a escola se estabelece de uma maneira diferente de dez ou vinte anos atrás. Isso ocorre em função da dificuldade do jovem atual em lidar com os limites que a situação escolar requer. A abertura política e a *falsa democracia* que vem se construindo estabeleceram padrões não definidos de produção cultural e os valores são reconstruídos rapidamente. Diante destas considerações voltamos mais uma vez a Forbes (2007), que analisa o jovem no contexto escolar da seguinte forma:

Eu diria que estamos tentando chegar a um momento, que suporta a impossibilidade do tudo saber e consegue orientar o aluno neste limite. Se isso não for feito, vamos continuar com o principal sintoma da pedagogia de hoje em dia, o fracasso

escolar. Não é nem rebeldia, porque isso pressupõe que a pessoa não está aceitando algo, mas propõe uma alternativa. Simplesmente, os jovens não se interessam pela escola. (...) Não se pode haver rebeldia quando não há referências. Rebeldias pressupõem a existência de um padrão. O aluno de hoje é desinteressado. Quando é ameaçado com repetência ou suspensão, não dá a menor importância. Quando o professor diz que, se não passar de ano, não vai para a faculdade, o jovem reflete que não tem certeza de que entrar na faculdade é o que quer. A pedagogia, enfim, precisa de mudanças, assim como a psicanálise. Mas em ambas as áreas a resistência é enorme. (p. 10).

Não é só a escola que tem suas dificuldades em lidar com o jovem de hoje, os pais também sofrem para colocar limites, já que pertenceram a uma geração que lutou contra os limites da ditadura. E por mais que dialoguem, há questões que os filhos não desejam discutir com eles, assim como há questões em torno das quais eles querem discordar dos pais.

Discute-se a *geração zap* (numa referência ao ato de *zapear*, mudar de canal incessantemente ao ver TV); soma-se a isso uma *poli-estimulação* pela qual o jovem pode, por exemplo, estar conversando com um amigo em um Chat no computador, enquanto ouve música, assiste TV e faz lição de casa. Isso o torna capaz de desenvolver uma atenção mais *deslizante*, que o permite responder a vários estímulos simultâneos; e por outro lado, dificulta a realização de atividades que requerem concentração em uma só fonte, como assistir uma aula de 50 minutos.

A escola representa para o jovem a sua obrigação institucional, imposta pela família e pela sociedade, contestá-la é uma forma de agredir todo o sistema que lhe é imposto. “Não há como negar que a globalização da economia e a reestruturação produtiva forçaram mudanças no cenário da educação institucional”. (SEVERINO, F.E.S., p. 169). Nesta concepção o conceito de adolescência não pode se restringir a uma categoria homogênea,

pois apresenta uma pluralidade e uma complexidade de fatores que devem ser contextualizados na configuração social. A intensidade com que os conflitos são vivenciados pelo adolescente, bem como a forma como se vive esse período de transição vai variar de adolescente para adolescente. O que se quer esclarecer é que:

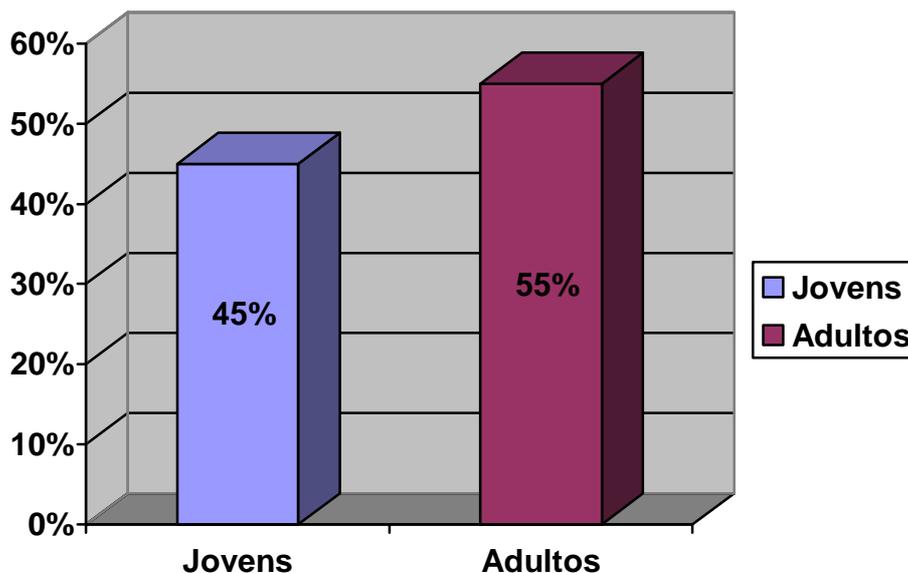
“provavelmente, é melhor falar de adolescentes (dos diferentes tipos de adolescentes), em lugar de adolescência, e que qualquer fenômeno que se considere deve ser avaliado da perspectiva da história evolutiva do sujeito e de suas características de conjunto”. (PALÁCIOS, 1995, p. 269).

Isso quer dizer que o período de transição da infância para a idade adulta resulta, para alguns, em maiores dificuldades, sendo uma época conflitiva e turbulenta, enquanto para outros os conflitos também existem, porém são superados sem grandes dificuldades. Desta forma, para compreender o seu universo é preciso ressaltar que não há apenas uma maneira de ser jovem, e o que pretendemos é apenas demonstrar um dos possíveis olhares, levando em consideração nossas limitações.

Segundo a lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente - no art. 2º - Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. A legislação brasileira proíbe o trabalho para crianças e jovens menores de dezesseis anos de idade. Uma exceção é feita aos jovens, a partir dos quatorze anos, na condição de aprendiz. A lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000, em seu artigo 428, define o Contrato de Aprendiz para o jovem maior de quatorze anos e menor de dezoito. Inscrito em programa de aprendizagem ou formação técnico-profissional, sob a orientação de entidade qualificada, o jovem terá seu contrato anotado na Carteira de Trabalho. Facilitar o ingresso do adolescente no mundo do trabalho é uma das formas de

transformar a sua realidade pessoal e social. A Lei do Aprendiz abre esta oportunidade ao permitir a formação técnico-profissional de jovens de 14 a 18 anos. Em contrapartida, como incentivo às empresas a referida lei determina que todas as empresas que investem nesses jovens, além de praticar uma ação efetiva de responsabilidade social, economizam encargos trabalhistas, pois pagam apenas FGTS (2%). Segundo estimativa do Ministério do Trabalho e Emprego, a Lei de Aprendizagem pode beneficiar entre 650 mil e 2 milhões de jovens em todo Brasil. Atualmente, há 3,2 milhões de adolescentes entre 15 e 17 anos atuando no mercado informal ou fora da lei. Segundo o DIEESE (Departamento de Estatística e Estudos Socioeconômicos), órgão de assessoria e pesquisa dos sindicatos dos trabalhadores, que realiza mensalmente pesquisa de emprego e desemprego no país, é possível identificar como o desemprego atinge, majoritariamente, a população jovem, de 15 a 24. Uma das causas é a falta de experiência e qualificação, ou seja, devido à idade e pelo fato de ainda não possuírem um conhecimento técnico específico para realizar as funções relativas àquela ocupação. Daí vem uma questão levantada por muitos jovens: como os empregadores podem exigir experiência, se o jovem não tiver uma primeira chance, oportunidades de transmitir e adquirir saberes no mercado de trabalho?

De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego, o desemprego juvenil é um dos principais desafios enfrentados pelo governo. Os jovens de 16 a 24 anos representam grande parte dos desempregados do país. O índice de desemprego nessa faixa etária é quase o dobro da taxa de desemprego em geral. Veja o gráfico a seguir:



Os homens e as mulheres jovens desempregados somam cerca de 3,5 milhões, ou 45% do total de 7,7 milhões de desempregados em todo o país. O jovem brasileiro trabalha muito, ganha mal, atua na informalidade e está preocupado com o desemprego. De acordo com Márcio Pochmann, a alta taxa de desemprego da atualidade é a grande responsável pela precariedade da ocupação jovem: “com o excedente de mão-de-obra, os adultos passam a concorrer pelos postos que eram portas de entrada para o jovem”. (POCHMANN, 2000, p. 45). Essa constatação ajuda a refletirmos sobre a crescente violência. Precisamos lembrar que, ao mesmo tempo em que a violência tem difundido o medo e o sofrimento, ela também é resultado de uma sociedade igualmente violenta que, ao desrespeitar os direitos humanos, produz o medo e o sofrimento. Diante do desemprego, da pobreza e, por outro lado, do apelo ao individualismo e ao consumo exacerbado, os jovens oriundos dos estratos mais pobres da classe trabalhadora têm construído suas identidades no “fio da navalha”: tanto podem ser “trabalhadores” como

“bandidos”. Como levar dinheiro para casa? Como obter um tênis de marca? Como ter sucesso na vida, numa sociedade em que a possibilidade de emprego é para poucos?

3.2. O Jovem do Ensino Médio

Considerando como essencial ressaltar as declarações dos próprios jovens e o que pensam sobre si e sobre a escola partindo da representação que os adolescentes fazem de sua própria condição e à luz das considerações anteriores sobre o conceito de adolescência, foi realizada a análise da problemática em questão.

Os registros dos dados referentes aos alunos estavam atualizados e organizados. A diretora da escola e a vice-diretora participaram, em 2006, de um curso de extensão oferecido pelo Governo do Estado em parceria com a UNICAMP sobre Gestão Escolar. As atividades do curso são relacionadas com o universo da escola, o que as fez reorganizar os dados sobre os alunos. Analisando o arquivo sobre os alunos do ensino médio, reorganizado por elas, alguns dados foram constatados. A escola atende 169 alunos neste ciclo. Desses, 82 são alunos do sexo feminino e 87 do sexo masculino. Pelas certidões de nascimento que constam nos prontuários, pudemos perceber que os alunos são, na sua maioria, provenientes do Estado de São Paulo, com predominância das cidades de Santos e de São Vicente. Pelo arquivo também foi possível fazer um levantamento de dados acerca da atividade profissional dos pais, que desenvolvem funções bastante diversificadas, tais como: estivadores, caminhoneiros, mecânicos, garçons, policiais, serventes, comerciantes, pedreiros, zeladores, eletricitas e outras.

A maioria das mães também estão no mercado de trabalho como auxiliares de enfermagem, cozinheiras, empregadas domésticas, professoras, manicuras, recepcionistas e outras. Os alunos que compõem o quadro que estamos analisando são nascidos entre os anos de 1988 e 1991, estando, portanto, no momento do levantamento dos dados, na faixa entre os 15 e 18 anos. Constatei que dos 169 alunos que iniciaram o ano letivo no Ensino Médio em 2006, 27 não estão mais nesta unidade escolar. Desses 24 pediram transferência para o ensino noturno regular em outras unidades, por começarem a trabalhar, 2 abandonaram os estudos e 1 faleceu por conta dos conflitos motivados por uma facção criminosa. Dos jovens que começaram a trabalhar 13 fizeram parte de programas destinados a colocação de jovens no mercado de trabalho como a JIPE oferecido na cidade de São Vicente e o CAMPS oferecido na cidade de Santos. Segundo a diretora da escola, nos últimos dois anos cresceu o número de alunos interessados nos programas. Além dos que já ingressaram no mercado de trabalho, outros 12 jovens que ainda estudam no ensino médio da E. E. Pastor Alberto Augusto, estão participando destes projetos municipais na fase preparatória.

Neste conjunto temático, procuramos demonstrar por meio das fotos realizadas pelos alunos do Ensino Médio, de seus relatos e da observação, como estes vêem sua escola e o que pensam a respeito da educação. Foram escaneados os relatos escritos pelos alunos para explicar suas escolhas, permitindo também o registro de sua escrita. A escolha do material para análise foi difícil por sua riqueza, e temos ciência que várias outras possibilidades ainda podem ser exploradas. “Efetivamente, não há como avaliar a importância de tais imagens se não existir o esforço em conhecer e compreender o

momento histórico pontilhado de nuances nebulosas em que aquelas imagens foram geradas”. (KOSSOY, 2001, p. 153). “A imagem fotográfica não é inocente e não se pode esquecer que, qualquer que seja o objeto de documentação, ela é e sempre será representação a partir do real sob a mediação do fotógrafo”. (SEVERINO, F. S. 2001, p. 98).

As duas primeiras fotos selecionadas foram tiradas por Rafael, aluno do terceiro ano do ensino médio. A seu pedido, as fotos deveriam estar uma ao lado da outra para que se pudesse compreender sua justificativa, demonstrando grande preocupação para que a relação entre as duas fotos não fosse esquecida. A seguir, encontra-se o registro de suas considerações:



Cantina



Merenda

Rafael dos Santos Carmo

Com essa foto pretendi mostrar as diferenças e o choque que ocorre em um mesmo lugar; de um lado, a cantina; de outro, a merenda. Mesmo sabendo que na cantina se sofre o risco de comer algo não tão saudável (pela não administração do governo) é preferida pelos jovens. Em muitas vezes o aluno que usufrui da merenda acaba sendo alvo de "zoassão", o que demonstra que muitos jovens se vêm movidos pelo capitalismo, acabando por excluir outros. Isso demonstra falta de compreensão e dinamismo, o que é lamentável.

Transcrição

"Com essa foto pretendi mostrar as diferenças e o choque que ocorre em um mesmo lugar: de um lado, a cantina; de outro, a merenda. Mesmo sabendo que na cantina se sofre o risco de comer algo não tão saudável (pela não administração do governo) é preferida pelos jovens. Em muitas vezes o aluno que usufrui da merenda acaba sendo alvo de "zoassão", o que demonstra que muitos jovens se vêm movidos pelo capitalismo, acabando por excluir outros. Isso demonstra falta de compreensão e dinamismo, o que é lamentável."

Ao refletir sobre a influência do capitalismo no cotidiano escolar, vale destacar que o aluno Rafael demonstra uma postura crítica e questionadora. A consciência desse aluno é algo que merece destaque. Para ele, a necessidade de consumo é evidente entre seus colegas. Sobretudo, chama a atenção, o fato de conseguir captar os fatores externos que os influenciam. Dentro de seu cotidiano ressalta-se que se dá mais valor a necessidade de consumo do que a saúde e que para se tornar parte do meio é preciso aderir a esta prática, fator que inibe a chamada "zoação" e provoca a sensação de "igualdade". A igualdade é entendida aqui, como algo funcional, que os coloca em igualdade de atitudes e que é capaz de garantir sua tranquilidade. Observando esses jovens, durante os intervalos, é evidente a chamada "zoação", gritam aos que estão na fila da merenda que estes estão comendo o resto, ou estão mendigando comida. Chama a atenção que esta "zoação" é mais direcionada

para os alunos do ensino médio e não para os do ensino fundamental que freqüentam o mesmo intervalo. Alguns alunos relataram que este fato ocorre porque a merenda não deveria ser servida aos alunos do ensino médio, somente para os do fundamental, pois a Prefeitura Municipal de São Vicente, responsável pela merenda não autoriza a distribuição para outro nível escolar.

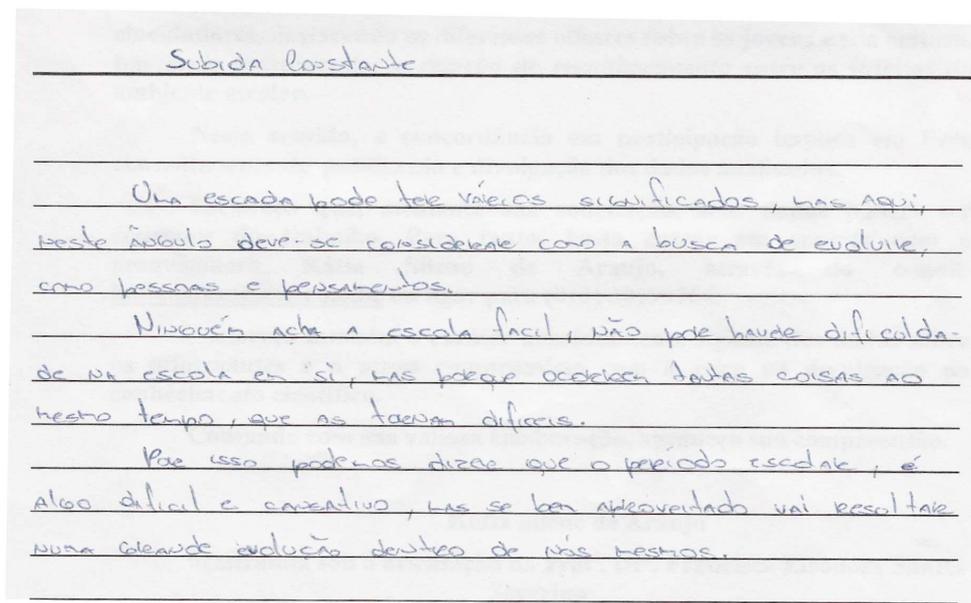
Questionando a direção quanto a este relato, confirmou-se que a prefeitura só se responsabiliza pela alimentação dos alunos do ensino fundamental, não permitindo a distribuição para os estudantes do ensino médio e também para professores e demais funcionários da unidade. Entretanto, a direção por não concordar com esta norma autoriza, informalmente, que as serventes distribuam a merenda para os alunos do ensino médio e também para qualquer funcionário, mas pede sigilo para evitar algum tipo de represália administrativa. No entanto, alguns jovens do ensino médio sabem das normas atribuídas pela prefeitura e usam este fato para “zoar” com os demais colegas. Na concepção de Dubet: “os alunos do ensino médio percebem as hierarquias escolares como cadeias de desprezo nas quais cada um despreza os outros para sentir-se menos desprezível”. (DUBET, 2003, p. 58). Para Severino “o trabalho pode degradar, a vida social oprimir e a cultura alienar” (SEVERINO, 2001, p. 64).

O que Severino comenta converge para a situação do aluno, descrita anteriormente. A própria escola estimula a discriminação. A observação do aluno demonstra uma consciência existencial e política, explicitando os seus valores existenciais.



escadaria

Maysa C. G. da Silva



Transcrição

“Subida Constante

Uma escada pode ter vários significados, mas aqui, neste ângulo deve-se considerar como a busca de evoluir, como pessoas e pensamentos.

Ninguém acha a escola fácil, não pode haver dificuldade na escola em si, mas porque ocorrem tantas coisas ao mesmo tempo, que as tornam difíceis.

Por isso podemos dizer que o período escolar, é algo difícil e cansativo, mas se bem aproveitado vai resultar numa grande evolução dentro de nós mesmos.”

Seguindo a mesma linha crítica e observadora, a aluna Maysa, também do terceiro ano do ensino médio reflete o questionamento que o jovem enfrenta em seu cotidiano escolar, além do que, pensa a respeito da educação escolarizada. Ressalta que este jovem tem poder de escolha, “seus fracassos, dependem essencialmente de seu desempenho e de suas qualidades” (DUBET, 2003, p. 55). Severino já dizia: “nossa tradição tende a considerar a educação como um processo espiritual, comparável à pastoral religiosa. Essa aproximação é arraigada no imaginário popular, no caso da cultura ocidental” (SEVERINO, 2001, p. 67). No entanto, a foto e o comentário da jovem mostram que esta alienação envolve os educadores tradicionalistas, a estudante demonstra mediante a simbolização fotográfica valores éticos. Retomando Severino (2001):

A prática real tem absoluta prioridade em nossa existência histórica e na conseqüente condição de prática da educação, embora ela utilize ferramentas teóricas. A educação se assume como um processo intrinsecamente social, de cunho antropológico, realizando-se nas mesmas condições das atividades nas demais esferas da existência, marcada pelas mesmas características gerais desenvolvidas pela espécie, em sociedades históricas. (p. 68).

A foto de Maysa registra a escadaria que dá acesso às salas de aula, caminho obrigatório de todos os estudantes. Do lado direito preso a escada existe um portão de ferro que fica fechado durante as aulas, como uma forma de evitar que os alunos fujam para o pátio. Na hora do intervalo, quando nem todas as séries descem, este portão é fechado com o cadeado impedindo o trânsito de qualquer pessoa. Os estudantes, assim como, os pais cometam que esta estrutura parece uma prisão.

De certo modo o depoimento dessa aluna reforça a tese de que os jovens se sentem divididos em relação a suas escolhas, e também, destaca a educação escolar como um período difícil e cansativo. Todavia, a aluna usa a palavra “evoluir” como função da educação o que aponta sua expectativa no processo institucional escolar. O cansaço retratado por Maysa pode ser observado nos alunos em seu cotidiano na E. E. Pastor Alberto Augusto, inicialmente poder-se-ia relatar que no período da manhã os jovens ainda estão despertando, contudo percebemos que este “cansaço” é um pouco mais profundo, proveniente de uma falta de interesse. Para Décio Azevedo e Maria Leila Alves (2006) dois caminhos são traçados com mais frequência pelos jovens, uma minoria que luta para obter um bom desempenho escolar em busca do ensino superior e uma maioria que acaba culpando a si pelo fracasso escolar. Ressaltam ainda um terceiro grupo, que tende a protestar contra essa realidade, de formas variadas de comportamento, o que pode gerar a indisciplina. A abordagem desses autores nos remete mais uma vez a François Dubet (2005), e ao conceito que consciência infeliz, quando o jovem percebe-se impotente diante de suas precárias condições e decide sair fora do “jogo”, ou seja, se torna muitas vezes hostil, agressivo e destrutivo.

Ao mesmo tempo em que comprovamos essa angustia em suas escolhas, se destaca o relacionamento que estabelecem entre si, como sendo um elemento fundamental para atravessar as dificuldades do cotidiano escolar. Observando-os em seus momentos livres, temos a sensação de que o valor da amizade é muito importante, capaz de tornar a escola mais agradável, sendo uma fonte de estímulos para concluir essa etapa.

Contudo também observamos que este vínculo entre os alunos pode se tornar um martírio para aqueles que apresentam problemas de socialização. Por timidez ou qualquer outro fator, alguns alunos não conseguem se adaptar ao ritmo de sua classe e até mesmo da escola. Durante a observação dos alunos em seu horário de recreio foi possível notar que alguns pareciam se sentir deslocados, ficando isolados em cantos do pátio com o olhar depressivo. Alguns permanecem quietos em seu mundo de isolamento, outros sofrem com gozações feitas por grupos de estudantes que se divertem ao provocá-los.

Conforme registramos anteriormente, as atividades de lazer desses alunos são restritas. O bairro não oferece uma infra-estrutura que proporcione diversão, e suas condições financeiras os impedem de estarem freqüentando ambientes mais distantes. Segundo observamos e através de conversas informais seu lazer resume-se à reuniões com os amigos nas ruas do Conjunto, quando ouvem músicas, jogam bola ou ficam a conversar. Costumam organizar festas coletivas como, por exemplo, as Festas Juninas. Todas as ruas do Conjunto desenvolvem uma decoração, como se fosse uma competição informal, e durante a noite festejam entre seus amigos.

Outro destaque no que se refere à diversão são as diferentes “tribos” que os jovens freqüentam. Existem os que ouvem o pagode, os que gostam do rap, outros já curtem o funk e outros o axé. Todos aparentemente convivem bem, não registramos nenhum conflito devido ao estilo musical. Encontramos no bairro alguns grupos organizados que ensaiam danças de variados estilos ou cantam. Segundo uma das alunas do primeiro ano do ensino médio a dança está lhe dando oportunidade de conhecer novos lugares, devido as suas apresentações. Segundo um dos professores os meninos destacam-se

cantando rap ou fank, chegando inclusive a comandar uma das festas realizadas na escola em 2006. São chamados por seus colegas de acordo com o número da rua onde moram, como por exemplo: “Serginho da Rua 05”.

A escola vinha sendo um complemento dessa diversão com o Projeto Escola da Família, mesmo com suas precariedades a comunidade era freqüente aos finais de semana. Aliás, o esporte na escola é uma das cobranças por parte dos alunos, como retrata o jovem Irã do segundo ano:



armário do professor de educação física

Irã da Silva Mariano Junior

Esta foto serve para mostrar a falta de material esportivo para a prática de Ed. Física e de outras atividades esportivas na escola.

Transcrição

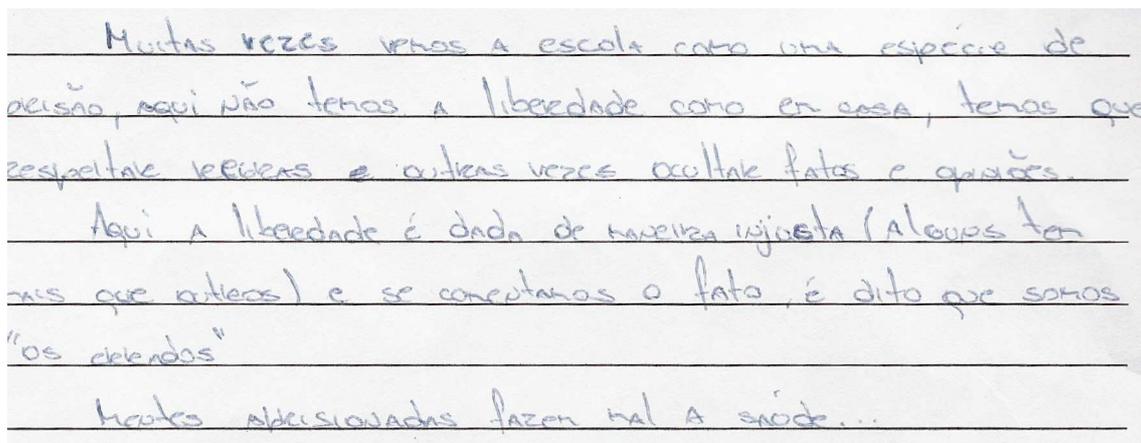
“Esta foto serve para mostrar a falta de material esportivo para a pratica de Ed. Física e de outras atividades esportivas na escola.”

Para alguns desses alunos, os problemas da escola são conseqüência do descaso do poder estadual e da própria organização da escola. A disciplina Educação Física representa para esses jovens um momento de descontração na rotina escolar e denunciar sua precariedade com a imagem da desordem desse armário, fala por si só.

Observando o cotidiano da escola não podemos afirmar que existe um distanciamento completo entre os gestores e os alunos, o que existe são relacionamentos diferentes, que fluem de acordo com cada situação. As fotos e os registros escritos pelos estudantes fundamentam essas observações. A jovem Maysa do terceiro ano do ensino médio, mais uma vez demonstra o seu caráter crítico, além de suas impressões acerca da relação dos alunos com a escola.



Maysa C. G. da Silva



Transcrição

Muitas vezes vemos a escola como uma espécie de prisão, aqui não temos a liberdade como em casa, temos que respeitar regras e outras vezes ocultar fatos e opiniões.

Aqui a liberdade é dada de maneira injusta (Alguns tem mais que outros) e se comentamos o fato, é dito que somos "os rebeldes"

Mentas aprisionadas fazem mal a saúde...

Ao comparar a escola com uma prisão a aluna demonstrar o seu caráter opressor e manipulador, aborda como

As práticas são as mediações históricas da existência e graças a elas o homem constrói sua realidade. Através delas se humaniza, personaliza-se e se transforma em cidadão. Ao mesmo tempo, o universo de suas práticas é lugar de desumanização e despersonalização. Assim, todas as mediações são ambivalentes. A vida individual e social, o trabalho, as formas culturais e subjetivas podem levar não a uma forma mais adequada de existência humana, mas ao império da alienação. (SEVERINO, 2001, p. 63).

Para complementar os dados que demonstram como os estudantes se sentem contemplados pela escola, destacamos uma das fotos e comentários em que aparece o banheiro, sendo que cinco fotos apontavam para o mesmo ambiente, com o mesmo tipo de observação. Demonstram o aspecto do banheiro, que apesar de limpo não possui os acessórios necessários para seu bom uso. Reclamam da falta de utensílios que para eles são fundamentais como: espelho, papel, sabão e outros. Além disso, as portas não fecham adequadamente e falta privacidade. O que é interessante é o fato de que o

banheiro foi totalmente reformado, entretanto não se priorizou o seu uso cotidiano.



Você entenderia, se tivesse um espelho

A foto é uma crítica à administração da escola, por não ter espelho no banheiro. Algo que vem sendo prometido há tempos. Por isso, resolvi tirar uma foto do lugar onde poderia estar algo, mas não está, despertando assim uma provável curiosidade sobre o que se passa no local, o que não aconteceria se ali existisse o que deveria: um espelho.

Transcrição:

Você entenderia, se tivesse um espelho

A foto é uma crítica à administração da escola, por não ter espelho no banheiro. Algo que vem sendo prometido há tempos. Por isso, resolvi tirar uma foto do lugar onde poderia estar algo, mas não está, despertando assim uma provável curiosidade sobre o que se passa no local, o que não aconteceria se ali existisse o que deveria: um espelho.

A escolha dessa foto ressalta mais do que a estrutura, pontua como os estudantes não se identificam com a escola, como a escola não os enxerga e como reconhecem as promessas não cumpridas. Denuncia a prática educativa não como mediadora da existência, mas sim como mais um elemento de desumanização, de não reconhecimento do indivíduo. Neste contexto, retomamos novamente Severino (2001):

Como prática simbolizadora voltada para si mesmo, a educação é investimento na consolidação do sujeito autônomo e dotado de vontade. Não cabe à educação “fazer” pessoas, mas desperta-las para sua autonomia mediante os recursos da cultura. Visa a envolver a todos nas dimensões gerais da cultura simbólica, explorando as possibilidades de suas vivências subjetivas, desde o conhecimento à arte. Assim, a educação promove o desenvolvimento da gama de sensibilidades especificamente subjetivas: lógica, ética, estética etc. (p. 80).

3.3. Os Jovens: pelo olhar do professor e dos pais

Como o corpo docente se relaciona e se articula com os jovens do ensino médio em seu cotidiano?

Observando um grupo de professores do Ensino Médio, em horário de Htpcs (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo) chama a atenção o modo como alguns se referem aos alunos. Termos como: desinteressados, marginais, desatentos, sem educação, sem base familiar, sem preocupação com o futuro e outros, são usados de forma indiscriminada e muitas vezes, preconceituosa. Os bons alunos são considerados raros e muitos são chamados de *coitados*, por serem exceções na maioria das classes e

receberem agressões verbais por parte dos colegas. Contudo, existem professores que parecem estabelecer outro tipo de relação com seus alunos. Estes professores comentam passagens do cotidiano da aula, avaliando-as como fatos positivos que exercem sobre as turmas efeito benéfico. Eles demonstram felicidade em perceber que seus alunos estão mais participativos.

Além da observação nos Htpcs foi utilizado para coletar as opiniões do corpo docente, a aplicação de questionários. Em uma das questões respondidas verificou-se a relação de convivência na escola pelo olhar dos professores.

Pergunta: Como você avalia a relação na escola entre professores, funcionários, coordenação, direção e alunos?

Professor 1: Há uma aproximação por afinidade e iniciativa individuais, normalmente criando abismos de comunicação entre essas esferas.

Os alunos são emotivos e buscam intimidade com professores e funcionários. Na esfera de trabalho, a direção é distante e os professores têm uma boa relação, apesar de gerar pouquíssimos frutos pedagógicos.

Professor 2: A relação é razoavelmente boa; falta apenas um pouco mais de aproximação entre direção e professores.

Professor 3: Procuo fazer a minha parte procurando ser cordial com todos independente da função que ocupam. No geral, acho a relação, entre as pessoas, harmoniosa.

De certo modo o depoimento dos professores parece confirmar as análises feitas por intermédio das fotos. Demonstra também a necessidade que esses jovens, têm de se expressar. Segundo os alunos do ensino médio poucos professores e funcionários “parecem” se preocupar com “o que são” ou “com o que querem”. Criticam as aulas que, na maioria das vezes, são repletas de informações e conteúdos que raramente guardam relação com suas experiências ou com suas vidas. “Dessa forma, alunos decidem não trabalhar para que seu desempenho não comprometa seu valor, sua igualdade

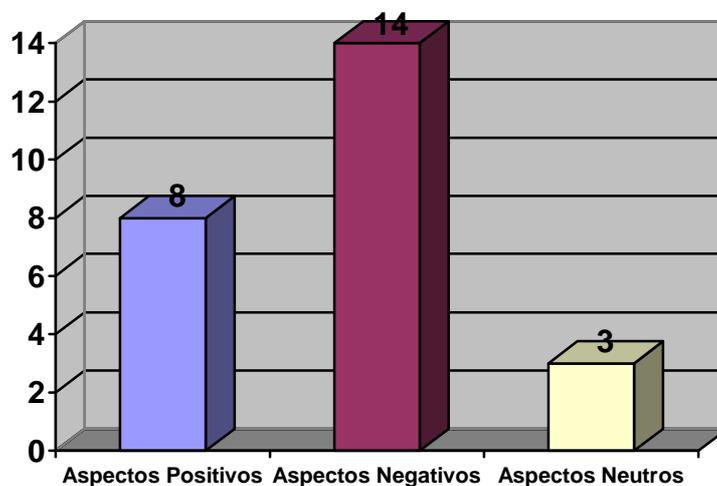
fundamental; eles escolheram ser reprovados na escola, o que os poupa de serem atingidos por seu fracasso”. (DUBET, 2003, p. 59).

Entretanto, apesar das críticas que fazem ao sistema público e a determinados professores, com desestímulo ou falta de perspectiva, os estudantes reconhecem que na escola há profissionais bons e comprometidos. Ao observá-los com os professores ou funcionários, que em suas opiniões são “bons” profissionais, percebemos carinho, atenção e principalmente integração. Os estudantes estão sempre a sua volta, perguntando algo ou apenas cumprimentando. A impressão é de que estes profissionais representam um vínculo importante, uma espécie de elo entre o universo do jovem e o universo escolar.

Numa primeira abordagem, a escola nos pareceu ter dois estilos de profissionais: os que possuem uma visão negativa sobre os jovens, que se enquadra na primeira descrição da reunião e os que demonstram maior interação e respeito para com os estudantes. Enquanto o primeiro parece entregue a um desestímulo, um “cansaço” em relação à falta de apoio por parte do governo e pela falta de estrutura em que se encontram as escolas estaduais, o segundo grupo demonstra uma preocupação em buscar alternativas através de didáticas mais atraentes, com o uso de filmes ou através de projetos interdisciplinares. Essas observações foram se confirmando à medida que aprofundamos nossa avaliação.

Apesar das diferenças no tipo de relacionamento dos professores com os alunos, constatamos que existe um maior consenso na visão geral dos professores quanto as principais características desses jovens. Em uma das

questões aplicadas no questionário expuseram, em suas opiniões as principais características dos jovens. Veja o gráfico a seguir:



A imagem que o jovem aparenta para o corpo docente da E. E. Pastor Alberto Augusto não está distante da relatada na bibliografia sobre esta categoria. A agitação pode ser fruto de sua capacidade de desenvolver várias atividades ao mesmo tempo, o que dificulta sua concentração. A rebeldia como foi afirmado por Forbes, pode prover da falta de interesse pelos estudos, devido a uma escola que não atende o seu perfil plural. O que nos leva também a François Dubet, que afirma: “os alunos invalidam o jogo escolar agredindo os professores. Não somente a violência permite salvar sua dignidade, mas ela engrandece seu autor aos olhos de seu grupo de iguais” (DUBET, 2003, p. 60).

Para os pais a escola aparece como uma aliada na educação de seus filhos. Reconhecem as precariedades no ensino, mas acreditam na boa vontade dos profissionais da escola. Para poder registrar o que pensam os pais sobre os seus filhos, também foi aplicado questionários a sete pais. Entretanto, destes, apenas dois responderam as questões. Aparentemente precisaríamos

de um maior tempo de trabalho e contato com estes para registrar uma visão mais profunda. No entanto, achamos importante ressaltar o que estes dois responsáveis declaram a respeito dos jovens:

Pergunta: Em sua opinião, quem é o jovem dos dias de hoje?

Responsável 1. É aquele que dita suas próprias regras, sem respeito por nada e por ninguém.

Responsável 2. Os nossos filhos.

De acordo com os adolescentes, a participação dos pais no contexto escolar é limitada. A grande maioria aparece nas reuniões bimestrais para saber as notas. Outros quando são chamados a fim de tratar de algum assunto específico, como por indisciplina. Para os jovens deveria existir uma maior integração entre os pais, os alunos e a escola. Se sentem desprestigiados, quando, por exemplo, poucos responsáveis comparecem nas festas realizadas na escola, mesmo que seja referente ao dia das mães. Segundo os alunos seus pais costumam reproduzir o mesmo discurso dos professores, como se todos os jovens fossem iguais.

Considerações Finais

A globalização é um fenômeno produzido historicamente e tem estreita relação com o mundo do trabalho e conseqüentemente com a educação. A globalização é determinante nos diversos campos das relações humanas, seus efeitos sobre nossa vida diária não podem ser ignorados. Se por um lado diminui as distâncias entre os povos, facilitando o comércio e a circulação de mercadorias em suas múltiplas expressões, de outro aprofunda a distância entre ricos e pobres, gerando condições de vida cada vez mais inseguras. “A mundialização dos mercados financeiros, junto com o progresso das técnicas de informação, garante uma mobilidade sem precedentes”. (BOURDIEU, 1998, p. 138). Não há mais tempo para verdades absolutas, prontas e acabadas na História. É um tempo de contradições, diferenças, diversidades, movimentos que se deslocam continuamente. A mídia traz o mundo para perto de nós e nos permite ver e pensar sob diferentes ângulos. Por outro lado, é um mundo rico em experiências criativas. “Mas o essencial é que as preocupações comerciais, a busca do lucro máximo a curto prazo e a estética daí decorrente impõe-se cada vez mais amplamente ao conjunto das produções culturais”. (BOURDIEU, 2001, p. 84). Como a escola nos ajuda a compreender essas transformações?

De acordo com a pesquisa realizada na E. E. Pastor Alberto Augusto, consideramos que a escola está ainda distante da realidade de sua comunidade, o que converge com a literatura utilizada como referência para esse estudo. Para Dubet, os habitantes de bairros de periferia não conseguem se identificar com a escola, e os mais dinâmicos e os mais capazes, abandonam os bairros quando podem:

(...) esses atores não estão em condições de satisfazer essas aspirações por causa de sua pobreza e acabam interiorizando

os estigmas que lhes são impostos deixando de responsabilizar-se por seus vizinhos (...) sua experiência extrema com relação às desigualdades é vivida como uma colonização interna, uma colonização da experiência vivida já que eles se identificam com um ideal igualitário que os invalida. (DUBET, 2003, p. 49-50)

Quando falamos de jovens, estamos tratando de juventudes no “plural”, pois há desigualdades e diferenças entre eles. No entanto, há também semelhanças. Os jovens compartilham formas de ser, pensar, relacionar-se com os outros. Daí o grande desafio da educação, compreender os diferentes jovens e prepará-los para um novo mercado profissional. Para Moacir Gadotti, “a escola parece ter duas funções contraditórias: conservar e minar as estruturas capitalistas. A educação torna-se instrumento de luta da classe oprimida e o lugar de uma contra-hegemonia” (GADOTTI, 2001, p. 80). Mas até que ponto a escola reconhece seu papel? A pesquisa revelou que parte dos alunos, assim como parte dos professores, desenvolve uma estratégia discursiva para fins formais, mas que entre seus grupos constituem outro discurso, totalmente refratário ao discurso oficial. No entanto, constatou-se a iniciativa de alguns professores em compreender a cultura local dos jovens e estabelecer ações que contemplem seus valores. Os jovens se mostram interessados em expor suas opiniões e denunciam, a sua maneira, as precariedades do sistema público.

O processo de globalização aproximou os povos, tornando o planeta menor, possibilitando ao homem se comunicar com maior frequência e rapidez. As cidades crescem, produz-se cada vez mais, com menor dispêndio de tempo e mão-de-obra. Objetiva-se, desta forma, maior conhecimento e compreensão do homem. Há um surto de progresso em todas as áreas e uma expansão dos conhecimentos, ocorrendo uma “velocidade das transformações”. Novos

desafios precisam ser enfrentados, pois o progresso repercute e afeta o psiquismo do homem, criando novos problemas. Cresce então...

... a demanda por escolas provedoras de modalidades de educação que respondam, de um lado, pela intelectualização da mão-de-obra e do processo produtivo (ensino e pesquisa) e, de outro, uma educação dirigida à inserção do jovem no mercado de trabalho avulso/flexível, buscando preparar um trabalhador com perfil multifuncional. (SEVERINO, F.E.S., 2005, p. 175)

Os jovens na impetuosa busca de realização de anseios de êxtase que esperam, parecem buscar subsídios cada vez mais nas drogas e também não se intimidam diante da possibilidade de punição pela lei. Tudo indica que estamos diante de um fenômeno social profundo e complexo, com inúmeras variáveis, ainda não plenamente explicado ou de solução remota, daí as dificuldades de se visualizar seus contornos. No entanto, destacamos que a escola representa um local de atividade prática, capaz de interagir com esses jovens, colocando questões de morais e trabalhando sua consciência. O que nos remete a Antonio J. Severino, que destaca a prática educativa como agente interpelador da sensibilidade valorativa.

É pela mediação de sua consciência subjetiva que o homem pode intencionalizar sua prática, pois essa consciência é sensível a valores. Assim, ao agir, o homem está sempre se referenciando a valores, de tal modo que todos os aspectos de sua realidade, todos os objetos de suas experiências, todas as situações que vivem e todas as relações que estabelece são atravessadas por um coeficiente de valoração.

Isso quer dizer que, em todas as nossas experiências, as coisas não são apenas representadas simbolicamente por conceitos, mas também são apreciadas por valores, julgadas portadoras de um índice de valoração.

Desse modo, as coisas e situações relacionam-se com nossos interesses e necessidades, através da experiência dessa subjetividade valorativa, atendendo, de uma maneira ou de outra, a uma sensibilidade que temos, tão arraigada quanto aquela que nos permite representar as coisas e conhecê-las mediante os conceitos.

Quando agimos, somos levados não apenas a saber e a conhecer os dados envolvidos em nossa ação, mas também a avaliar validade e legitimidade. Em outras palavras, somos instados a tomar uma posição quanto à legitimidade dessa

ação, indagados pela consciência sobre sua adequação aos valores que ela vivencia. Esta sensibilidade aos valores, no que concerne ao agir, é o que chamamos de “consciência moral”, sensibilidade aos valores éticos. (1994, p. 138).

Trabalhar na educação com essa valorização implica em uma rearticulação da escola, no aperfeiçoamento das formas de comunicação, a partir do desenvolvimento de ações permanentes, no reforço ou redescobertas dos sentimentos e no aprimoramento da qualidade de vida. Além disso, não se pode esquecer do meio social ao qual o grupo de estudantes pertence. Como se pode abordar na educação em uma periferia a qualidade de vida quando seus alunos passam fome, ou ainda, como podemos ressaltar o valor a vida, quando a criminalidade está dentro do lar desses jovens. Sem dúvida a complexidade do trabalho pautado em valores é evidente no ambiente escolar, contudo, não podemos esquecer do papel da União quanto estado em prover a cada indivíduo em suas necessidades básicas, cabendo a educação pontuar esses direitos, preparando os educandos dentro de uma formação crítica.

O Estado não pode deixar de prover aos cidadãos uma educação de qualidade, mesmo constatando-se as múltiplas desigualdades existentes no país. Apesar das contradições que a escola vive, acentuam-se os debates em busca de projetos educacionais que estimulem a superação dessas desigualdades, mesmo que seja em um processo inverso, estabelecendo um estímulo teórico de valorização e buscando de forma paulatina mudanças práticas a partir de uma conscientização crítica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli. E. D. A, de. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.

ARAÚJO FILHO, José R. de. **Santos: o porto do café**. RJ/GB: FIBGE: 1969.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro, LTC Editora, 1978.

BITTENCOURT, Agueda B., JUNIOR, Wenceslao Machado O. **Estudo, pensamento e criação**. Campinas, SP: Graf. FE, 2005 v. 3.

BOGDAN, Robert C, BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BONETI, Lindomar Wessler. As políticas educacionais, a gestão da escola e a exclusão social. In: FERREIRA, Naura Syria Carapetto; AGUIAR, Márcia Ângela da S. (org.). **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos**. 2. d. São Paulo: Cortez, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. *A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*, in NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (orgs.) **Bourdieu: escritos de educação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

CHARLOT, Bernard. Formação de professores: a pesquisa e a política educacional. In; COLL, C., Palácios, Je MARCHESI, A. (Orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, vol.2, 1996.

CUNHA, Manuela Carneiro da. O futuro da questão indígena. In: **A temática Indígena na escola**. SILVA, Aracy Lopes de; GRUPIONI, Luís D. B. (org.). Brasília: MEC/ MARI/ UNESCO, 1995.

DUBET, François. **As desigualdades multiplicadas**. Tradução Sérgio Miola. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto (org.). **Políticas públicas e gestão da educação: polêmicas, fundamentos e análises**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

FERRI, Cássia. Etnografia e estudos sobre currículo: uma aproximação possível. In: **Contrapontos - Revista de Educação da Universidade do Vale do Itajaí**, ano 1, nº 1. Itajaí: Univali, jan.-jun. 2001.

FONSECA, Marília. **O Banco Mundial como referência para a justiça social no Terceiro Mundo: evidências do caso brasileiro.** In: Revista Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, v. 24, n. 1, 37-69, JUN, 1998.

FORBES JORGE. Gustavo Klein. Referência de peso. **At Revista**, Santos, ed. 115, p. 06-10, fev. 2007.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. A reinvenção da escola. In: **Revista Coleção memória da pedagogia**, n 4: Paulo Freire: a utopia do saber/ editor Manuel da Costa Pinto. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Segmento-Duetto, 2005.

FRIGOTTO, G. **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século.** Petrópolis, Vozes, 1998.

_____. **Escola pública brasileira na atualidade: lições da história.** Texto referente a palestra realizada durante Congresso da Apeoesp, e enviado pelo autor via internet, 2003.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório.** 12. ed. Ver. São Paulo: Cortez, 2001.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História.** 2. ed. ver. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MARCONDES, Martha Ap. Santana. Educação em contexto de globalização. In: **Revista Educação & Linguagem**, Ano 9, nº 13, Jan.-Jun. 2006, São Bernardo do Campo, SP: UMESP.

MARTINS, Francisco. **História de Santos.** São Vicente: Editora Caudex, 1986.

MORIN, Edgar (org.), **A religação dos saberes. O desafio do século XXI.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

NEVES, Maria Fernanda Britto. **O processo de regionalização do Porto de Santos: introduzindo a discussão do desenvolvimento sustentável.** In: Porto, Meio Ambiente, Empreendedorismo. Caderno dos Programas de Mestrado da Universidade Católica de Santos, série Gestão de Negócios – n. 1. FEV. 2003.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **A reestruturação do trabalho Docente: precarização e flexibilização.** UNICAMP, 2004. Disponível no site <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 13/07/2006.

ORTIZ, Renato. **Românticos e Folcloristas: Cultura Popular.** São Paulo: Ed. Olho d'Água, 1998.

PALÁCIOS. O que é adolescência. In COLL, César et al. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva.** Porto Alegre: Artes médicas, 1995, v.1.

POCHMANN, Márcio. **A batalha do primeiro emprego**. São Paulo: Publischer, 2000.

Poliantéia: 450 anos de brasilidade. 1532 – 1982 Tri-sesquicentenário da colonização portuguesa no Brasil. São Vicente: Editora Caudex Ltda.

RODRIGUES MÁRCIA. Gustavo Klein. **At Revista**, Santos, ed. 113, p. 06-09, jan. 2007.

SACRISTAN, Gimeno. **A escolarização transforma-se em uma característica antropológica das sociedades complexas**. In: A educação obrigatória: seu sentido educativo e social. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SAES, Décio Azevedo Marques de. ALVES, Maria Leila. **A complexidade do real**: a diversidade dos conflitos sociais na escola pública. In: Revista InterSaberes, JUL.-DEZ. 2006, Faculdade de Tecnologia Internacional.

SCHMIDT, João Pedro. **Juventude e política no Brasil**: a socialização política dos jovens na virada do milênio. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2001.

SCOCUGLIA. Afonso Celso. **Educação globalizada e pedagogia freiriana**: desafios e combates contemporâneos. In: Revista Educação & Linguagem, Ano 9, nº 13, Jan.-Jun. 2006, São Bernardo do Campo, SP: UMESP.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia da educação**: construindo a cidadania. São Paulo: FTD, 1994.

_____. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d' Água, 2001.

SEVERINO, Francisca E. S. **Fotos jornalísticas**: a imagem da violência como espelhamento das metamorfoses da sociedade brasileira em processo de globalização, 2001.460p. Tese (Doutoramento em Ciências da Comunicação) USP. São Paulo.

_____. **Os impactos da modernização do Porto de Santos no trabalho e na educação**. In: Atividade portuária e dinâmicas locais: transformação, cultura, educação, memória. Santos. 2005. (prelo)

_____. **Modernização portuária, trabalho e educação**, Santos, 2005, (mimeo, 2005).

SILVA, Sonia Aparecida Ignácio. **Valores em Educação**: o problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Aparecida Neri de. **A política educacional do Banco Mundial**. In: Estudo, pensamento e criação. Livro II. Campinas: UNICAMP, 2005.

TORRES, Eliane Aparecida. **Um olhar na história e na política da educação de jovens e adultos**. In: Estudo, pensamento e criação. Livro II. Campinas: UNICAMP, 2005.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **(In) Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 15ª Ed. São Paulo: Libertad Editora, 2004.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes de. **O discurso do Progresso**: a evolução urbana de Santos 1870 – 1930. Tese de Doutorado (História Social) – Universidade de São Paulo, 1989.

ANDRÉ, Marli. E. D. A, de. “Textos, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos”. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v.4, p. 66-71, maio de 1983.

BIANCHETTI, Lucídio, MACHADO, Ana Maria Netto (org.). **A bússula do escrever**: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis: Ed. Da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.

BITTENCOURT, Agueda B., JUNIOR, Wenceslao Machado O. **Estudo, pensamento e criação**. Campinas, SP: Graf. FE, 2005 v. 3.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos 2: por um movimento social europeu**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BRARDA, Analía, RIOS, Guillermo. Argumentos e estratégias para a construção da cidade educadora. In: GADOTTI, Moacir (org.). **Cidade Educadora**. São Paulo: Ed. Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Brasília: 1999.

BRZEZINSKI, Iria (org.). **LDB Interpretada**: diversos olhares se entrecruzam. São Paulo: Cortez, 1997.

CABEZUDO, Alicia. Cidade educadora: uma proposta para os governos locais. In: **Cidade Educadora**. GADOTTI, Moacir (org.). São Paulo: Ed. Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação Pedagógica**: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

CRUZ, Carla; RIBEIRO, Uirá. **Metodologia Científica**. Rio de Janeiro: Axcel Books, 2003.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 2001.

DIMENSTEIN, Gilberto (prefácio). **Vozes de Santos**. Santos: Editora UNISANTA, Universidade Santa Cecília, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Prefácio Leonardo Boff. Notas Ana Maria Araujo Freire. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. 3 ed. São Paulo, Cortez: 1999.

GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo Roberto; CABEZUDO, Alicia (orgs.). **Cidade educadora**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.

_____. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. São Paulo: Ed. Ática, 2004.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano, 2002.

_____. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GITAHY, Maria Lucia Caira. **Ventos do mar: trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana**. São Paulo: Artmed, 1998.

GUERRRIERO, Silas. **Antropos e psique**: o outro e sua subjetividade. São Paulo: Olho D'água, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LANNA, Ana Lucia Duarte. **Uma cidade na transição Santos: 1870 – 1913**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MORIN, Edgar (org.), **A religação dos saberes. O desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs.). **Juventude e sociedade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

ORTIZ, Renato. **Ciências sociais e trabalho intelectual**. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

PEGORARO, Olinto A. **Ética é justiça**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

PEREIRA, M^a. Aparecida F. **Santos nos caminhos da educação popular**. São Paulo: Loyola, 1996.

PESCUMA, Derna; CASTILHO, Antonio Paulo Ferreira de. **Trabalho Acadêmico: O que é? Como fazer? um guia para suas apresentações**. 2. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

_____. **Projeto de Pesquisa. O que é? Como fazer? Um guia para a sua elaboração**. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

_____. **Referências Bibliográficas: um guia para documentar suas pesquisas incluindo Internet, CD-Rom, multimeios**. 2. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

REBELO, Rosana Aparecida Argento. **Indisciplina escolar: causas e sujeitos: a educação problematizadora como proposta real de superação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. Ver. E ampl. De acordo com a ABNT. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Aracy Lopes de; GRUPIONI, Luís D. B. (org.). **A temática Indígena na escola**. Brasília: MEC/ MARI/ UNESCO, 1995.

SZMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Plano Editora, 2003.

VIDAL, Soraia Maria do S. C. (org.). **Gestão de Negócios: porto, meio ambiente, empreendedorismo**. Num. 1 (fevereiro 2003). – Santos/SP: Editora Universitária Leopoldianum, 2003.

ELETRÔNICAS

BRASIL ESCOLA

<http://www.brasilecola.com/educacao/periodo-de-transformacoes.htm>. Acesso em 29/01/2007.

CURIOSIDADES DE SÃO VICENTE

<http://www.novomilenio.inf.br/real/ed129e.htm>. Acesso em 01/02/2007.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

<http://www.pt.org.br>. Acesso em 26/04/2007.

FUNDAÇÃO SEADE

<http://www.sedade.gov.br>. Acesso em 24/05/2006.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

<http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 24/05/2007.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO – TEM

<http://www.mte.gov.br/FuturoTrabalhador/primeiroemprego/Default.asp>. Acesso em 26/04/2007.

PROGRAMA PRIMEIRO EMPREGO

<http://www.primeiroemprego.rs.gov.br/welc.html>. Acesso 29/01/2007.

ANEXOS

BIOGRAFIA DO PASTOR ALBERTO AUGUSTO**TRASCRIÇÃO DA CARTA DE CELINA AUGUSTO – ESPOSA DO PASTOR****A quem interessar**

Logo que D^a Rute Coelho me telefonou pedindo os dados biográficos do Os. Alberto Augusto, eu mandei pelo correio com uma foto bem maior do que esta. Agora só tenho fotos assim pequenas ou em grupos. Estranho que o correio tenha extraviado o envelope, mas, sinto ter acontecido isto.

Eu mandei na mesma semana em que ela me telefonou.

Agora estou mandando dos dados biográficos e esta fotografia que poderá ser ampliada.

S. Paulo, 23/12/91

Celina Augusto

Alberto Augusto nasceu em Portugal, numa aldeia chamada Passos do Lomba, na região de Trás-os-Montes, em 13 de fevereiro de 1906.

Em janeiro de 1920, com 14 anos, veio para o Brasil, morando em Niteroi, estado do Rio de Janeiro, com um tio.

Aos 18 anos veio para Santos, estado de S. Paulo, para trabalhar em uma fábrica de guarda-chuva, a fábrica “Paraquedas”.

Ai em Santos, entregando guarda-chuva nas casas, chegou em casa da família Silveira. Dona Consuelo Silveira, então, o convidou para ir à Primeira Igreja Batista de Santos. O pastor, na ocasião, era o Pr. Jecê Bagley.

O jovem Alberto foi ao culto na quarta-feira e quem pregava era o Dr. Silas Botelho. A mensagem mexeu com o coração dele e, logo depois, aceitou a Jesus e foi batizado em 31 de dezembro de 1925 pelo Pr. Jecê. (1925).

No ano seguinte, através de uma pregação do missionário Salomão Giusburg, sentiu-se chamado para o ministério e em 1927 veio para o

Seminário do Sul, no Rio de Janeiro, enviado pela Primeira Igreja de Santos, que o ajudou financeiramente durante os oito anos de estudo. Fez o curso de Bacharel em Ciências e Letras e o curso de Bacharel em Teologia.

Em 1930, ainda como seminarista, foi auxiliar o Ps. Mateus Guedes na direção das igrejas de Bangú e Realengo, no Rio de Janeiro, mas logo ficou como evangelista da igreja de Bangu, onde foi consagrado ao ministério em 20 de julho de 1931, ainda como seminarista.

Ai em Bangú, conheceu a jovem Celina Souza Franco com quem casou em 30 de novembro de 1934, poucos dias depois da sua formatura no Seminário.

Foi convidado para pastorear a Primeira Igreja Batista de Petrópolis, onde ficou apenas 6 meses, porque foi convidado para pastorear a Primeira Igreja de Manaus, no Amazonas.

Infelizmente, por motivo de saúde, ficou só um ano em Manaus e, então, a Primeira Igreja de Santos o convidou para ser pastor auxiliar do Dr. José Nigro.

Chegou em Santos no dia 7 de julho de 1936 e ficou como pastor auxiliar até 18 de dezembro do mesmo ano, quando foi eleito pastor efetivo pela saída do Dr. José Nigro. A igreja, então, tinha mais ou menos 200 membros. Durante o seu ministério foram organizadas cinco igrejas: A 3ª igreja, no Marapé, Cubatão, S. Vicente, Areia Branca e Itapema.

Trabalhou bastante na denominação, participando de Juntas, fazendo conferências em muitas igrejas. Foi secretário da Convenção Batista Paulistana várias vezes e da Ordem dos Pastores, também. Escreveu vários livros e tinha uma sessão permanente no Jornal Batista: O Bazar de Ideias.

Faleceu de um derrame cerebral em 26 de junho de 1961, em uma segunda-feira; depois de um domingo de muitas atividades.

Deixou a igreja com mais de 600 membros.

Deixou viúva D^a. Celina Augusto e os filhos Alcely, Alciléa e Alberto Jr.



(FOTO DO PASTOR ALBERTO AUGUSTO)



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS
Programa de Pós Graduação Stricto-Sensu em Educação

Prezado(a) Senhor (a),

Dirigimo-nos a Vossa Senhoria para apresentar a Sra. KÁTIA SILENE DE ARAUJO, R.G. nº 23.868.645-0, pertencente ao corpo discente do Programa de Pós-Graduação Stricto Senso em Educação, da Universidade Católica de Santos – UNISANTOS.

A referida mestranda está desenvolvendo uma pesquisa cujo objetivo é analisar como as relações desenvolvidas no cotidiano da E. E. Pastor Alberto Augusto contemplam a cultura local e os valores dos jovens do ensino médio.

Pelo presente, solicitamos a V.S^a. autorização para que ela tenha acesso a essa instituição, com o objetivo de consultar documentos, observar reuniões pedagógicas, aplicar questionários e entrevistar alunos sobre a temática pertinente.

Ao ensejo, apresentamos nossos protestos de elevada consideração e colocamos à disposição de V. S^a. para informações e esclarecimentos que se fizerem necessários.

Mui respeitosamente,

Prof^ª. Dr^ª. Francisca Eleodora Santos Severino

Orientadora e Docente do Programa de Mestrado em Educação



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS
Programa de Pós Graduação Stricto-Sensu em Educação

Termo de livre consentimento
Educação e Cultura: os jovens no universo da escola

Prezado Professor/ Responsável

Gostaria de contar com sua colaboração no sentido de responder às questões deste instrumento da forma mais completa possível.

O objetivo desta pesquisa é o de analisar como as relações desenvolvidas no cotidiano E.E. Pastor Alberto Augusto contemplam a cultura local e os valores dos jovens do ensino médio.

Dentro desta busca se faz necessário percorrer alguns caminhos elucidadores, destacando os diferentes olhares sobre os jovens e sua cultura, buscando compreender a relação de reconhecimento entre os sujeitos do ambiente escolar.

Nesse sentido, a concordância em respondê-lo implica em livre consentimento de participação, publicação e divulgação dos dados analisados.

Esclareço que, mediante sua solicitação, seus dados podem ser retirados do trabalho. Para tanto, basta entrar em contato com a pesquisadora Kátia Silene de Araujo, através do e-mail: katieariane@ig.com.br ou ligar para (013) 30199764.

Esclareço também o caráter absolutamente sigiloso dos dados sobre os informantes e o nosso compromisso com a ética na divulgação do conhecimento científico.

Contando com sua valiosa colaboração, agradeço sua compreensão.

Kátia Silene de Araujo

Mestranda sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Francisca Eleodora Santos Severino

AUTORIZAÇÃO

Após ter sido informado(a) sobre as características da pesquisa - Educação e Cultura: os jovens no universo escolar. Aceito responder o questionário.

Nome e assinatura do(a) professor

QUESTIONÁRIO: PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO

1. **Sexo:** () Masculino () Feminino
2. **Idade:** _____
3. **Formação:** _____
4. **Disciplina(s) que leciona:** _____
5. **Cidade de sua naturalidade:** _____
6. **Cidade de sua residência:** _____ **Há quantos anos?** _____
7. **Possui pós-graduação?** () Sim () Não
Em caso afirmativo em que área: _____
8. **Há quanto tempo você leciona?** _____
9. **Há quanto tempo leciona na E.E. Pastor Alberto Augusto?** _____
10. **Atualmente você leciona também em outro lugar?**

11. **Você tem outra atividade profissional além do magistério? Qual?**

12. **Qual a sua situação funcional no estado?**
() efetivo () estável () contratado
13. **Como você avalia o Conjunto Habitacional Tancredo Neves?**

14. **Como você avalia a E.E. Pastor Alberto Augusto?**

15. Como você avalia a relação na escola entre professores, funcionários, coordenação, direção e alunos?

16. Você julga importante a aproximação entre o conteúdo trabalhado e a realidade dos alunos?

17. Escreva cinco características relevantes em sua opinião que podem definir os jovens do ensino médio.

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

18. De uma maneira mais completa como você definiria o jovem do ensino médio?

19. Você acha que as últimas políticas do Estado interferiram no seu trabalho em sala de aula, com alunos do ensino médio?

20. Você conhece os PCN específicos para a área de humanas do ensino médio? O que você pensa sobre eles? Você os leva em consideração no momento de planejar sua disciplina?

21. Hoje se fala muito em diversidade cultural, multiculturalismo, etc, o que você pensa sobre esse assunto? Essa é uma temática que você leva em consideração no seu trabalho docente? Como?

22. Você gostaria de deixar mais alguma coisa registrada?



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS
Programa de Pós Graduação Stricto-Sensu em Educação

Termo de livre consentimento
Educação e Cultura: os jovens no universo da escola

Prezado Aluno,

Gostaria de contar com sua colaboração no sentido de permitir a utilização de suas fotos e texto explicativo referente à pesquisa em andamento.

O objetivo desta pesquisa é o de analisar como as relações desenvolvidas no cotidiano E.E. Pastor Alberto Augusto contemplam a cultura local e os valores dos jovens do ensino médio.

Dentro desta busca se faz necessário percorrer alguns caminhos elucidadores, destacando os diferentes olhares sobre os jovens e sua cultura, buscando compreender a relação de reconhecimento entre os sujeitos do ambiente escolar.

Nesse sentido, a concordância em participação implica em livre consentimento de publicação e divulgação dos dados analisados.

Esclareço que, mediante sua solicitação, seus dados podem ser retirados do trabalho. Para tanto, basta entrar em contato com a pesquisadora Kátia Silene de Araujo, através do e-mail: katieariane@ig.com.br ou ligar para (013) 30199764.

Esclareço também o caráter absolutamente sigiloso dos dados sobre os informantes e o nosso compromisso com a ética na divulgação do conhecimento científico.

Contando com sua valiosa colaboração, agradeço sua compreensão.

Kátia Silene de Araujo

Mestranda sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Francisca Eleodora Santos Severino

AUTORIZAÇÃO

Após ter sido informado(a) sobre as características da pesquisa - Educação e Cultura: os jovens no universo escolar. Aceito participar da pesquisa.

Nome e assinatura do(a) responsável

Nome e assinatura do(a) aluno(a)



Você entenderia, se tivesse um espelho

A foto é uma crítica à administração da escola, por não ter espelho no banheiro. Algo que vem sendo prometido há tempos. Por isso, resolvi tirar uma foto do lugar onde poderia estar algo, mas não está, despertando assim uma provável curiosidade sobre o que se passa no local, o que não aconteceria se ali existisse o que deveria: um espelho.

(FOTO E DEPOIMENTO DE UM DO ALUNO RAFAEL)



escadaria

Maysa:

Subida constante

Uma escada pode ter vários significados, mas aqui, neste âmbito deve-se considerá-la como a busca de evolução, como lições e pensamentos.

Ninguém acha a escada fácil, não por haver dificuldade de na escada em si, mas porque ocorrem tantas coisas ao longo tempo, que as tornam difíceis.

Por isso podemos dizer que o período escolar, é algo difícil e cansativo, mas se bem aproveitados vai resultar numa grande evolução dentro de nós mesmos.

(DEPOIMENTO E FOTO DA ALUNA MAYSAS)



(ALUNOS NO PÁTIO DA E.E. PASTOR ALBERTO AUGUSTO)





(QUADRA DE ESPORTES)



(SALA DE AULA)



(JOVENS DO ENSINO MÉDIO)





(JOVENS DO ENSINO MÉDIO)





(VISTA LATERAL DA ESCOLA)





(CASAS DO CONJUNTO TANCREDO NEVES)





(PRAÇA DE LAZER DO CONJUNTO TANCREDO NEVES)

